



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**O CONTO DE FADAS NA LITERATURA: ARTICULANDO PRÁTICAS
DE LEITURA NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Marabá

2018

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Biblioteca Campus do
Tauarizinho da UNIFESSPA. Marabá, PA**

Ferreira, Tainá Soeiro do Nascimento **O conto de fadas na literatura: articulando práticas de leitura no 7º ano do ensino fundamental / Tainá Soeiro do Nascimento Ferreira ; orientador, Luís Antônio Contatori Romano. — Marabá: [s. n.], 2018.**

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Programa de Pós-Graduação em Letras, Marabá, 2018.

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Contos de fadas. 3. Literatura infantojuvenil. 4. Cinema e literatura. 5. Cinema na educação. I. Romano, Luís Antônio Contatori, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título. CDD: 22. ed.: 807

Elaboração: Adriana Barbosa da Costa Bibliotecária-Documentalista CRB2/391

TAINÁ SOEIRO DO NASCIMENTO FERREIRA

**O CONTO DE FADAS NA LITERATURA: ARTICULANDO PRÁTICAS
DE LEITURA NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras e Artes, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano.

Marabá

2018

TAINÁ SOEIRO DO NASCIMENTO FERREIRA

**O CONTO DE FADAS NA LITERATURA: ARTICULANDO
PRÁTICAS DE LEITURA NO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Aprovada pela Banca Examinadora em: _____ / _____ / 2018.

Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano.
Orientadora (UNIFESSPA)

Profa. Patricia Aparecida Beraldo Romano.
Membro Titular (UNIFESSPA)

Prof. Dra. Liliane Batista Barros
Membro Titular

Prof. Dr. Dirlenvalder do Nascimento Loyolla
Membro Suplente (UNIFESSPA)

MARABÁ - PA 2018

“Meus filhos terão computadores sim, mais antes terão livros sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever_ inclusive a sua própria estória”.
(Bill Gates)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser meu porto seguro, minha fortaleza e nunca ter me abandonado neste e em tantos outros desafios que tenho me lançado. Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Antônio Contatori Romano, pela paciência, confiança e determinação. À minha família PROFLETRAS: não vou citar nomes mais toda a turma de 2016 para mim é inesquecível. Serei sempre grata por tudo: pelas lágrimas de alegrias, nossas histórias, casos, emoções, dores e pela força constante. Sem vocês, parte disso tudo não teria valido à pena.

Aos alunos do 7^a Ano A, da Escola M. São Felix, pela participação, empenho e dedicação durante a aplicação dessa proposta. Aos meus pais, Lorena de Nazaré Soeiro do Nascimento e Dalton Oliveira do nascimento, é por vocês! Assim, sempre dedicarei toda a minha luta, batalha, lágrima e sorriso. Por um momento, pensei que não chegasse até aqui para ver essa vitória nossa, pois, desde muito cedo, sempre me ensinaram a lutar com garra e determinação, a ser honesta e verdadeiro em todas as ações. Ao meu Marido Eder Mendonça Ferreira, que desde o início deste curso dividiu comigo as minhas angústias e aflições obrigada, por ser sempre parceiro e confiante. Durante todo o período do curso foste compreensivo, amigo e incentivador. Fez-se presente com conselhos, paciência e palavras de perseverança de que tudo daria certo, como deu. A você, meu amado, meu muito obrigado! Ao meu filho que sempre compreendeu que a mamãe precisava estudar e nunca reclamou, te amo.

Obrigado por me apoiarem na conquista deste sonho. Valeu apena!

RESUMO

Em um mundo que se mostra em constante evolução tecnológica, os meios de ensino se tornaram obsoletos, o que aumentou o desinteresse dos alunos. Assim, o uso das novas tecnologias se tornou um aliado para a modernização do meio escolar, entretanto, alguns profissionais ainda não utilizam estes recursos, muitas vezes por falta de material ou mesmo por falta de interesse do próprio professor que ainda está preso às formas tradicionais de ensino. O presente trabalho visa pensar o valor dos contos de fadas, verdadeiras obras de arte, que têm encantando gerações ao longo dos séculos. Além disso, busca envolver os discentes, utilizando não só a releitura dos contos clássicos Disney bem como dos contos originais e as suas versões cinematográficas modernas. E assim convidá-los ao universo da leitura, partindo de contos de fácil acesso e temas que atraem o jovem leitor, contribuindo com o estímulo à leitura por fruição, até a pretensão de promover os cânones e a produção de textos do aluno, dispondo de sua criatividade. Em seguida, por meio da fusão livro/vídeo buscaremos avançar quanto à compreensão dos alunos sobre a importância da leitura e o desenvolvimento da análise crítica. Para tanto utilizaremos um modelo da Sequência Didática proposto por Cosson (2007), dialogando com os estudos de Soares (2003), Napolitano (2009), Corso & Corso (2006), entre outros.

Palavras-chave: Conto de fadas; cinema; literatura infanto-juvenil, práticas de ensino.

ABSTRACT

In a world that is in constant technological evolution, the means of teaching have become obsolete, which has increased students' lack of interest. Thus, the use of new technologies has become an ally for the modernization of the school environment, however, some professionals still do not use these resources, often because of lack of material or even lack of interest of the teacher himself who is still attached to traditional forms education. The present work aims to think the value of the fairy tales, true works of art, that have enchanted generations over the centuries. In addition, it seeks to involve students, using not only the retelling of the classic Disney tales as well as the original tales and their modern cinematic versions. And thus invite them to the universe of reading, starting from short stories and themes that attract the young reader, contributing with the stimulus to reading by fruition, to the pretension to promote the canons and the production of texts of the student, having your creativity. Then, through the book / video fusion, we will seek to advance the students' understanding of the importance of reading and the development of critical analysis. For this, we will use a model of the Didactic Sequence proposed by Cosson (2007), dialoguing with the studies of Soares (2003), Napolitano (2009), Corso & Corso (2006), among others.

Keywords: Fairy tale; movie theater; children's literature, teaching practices.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
O QUE SE ENSINA NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA?	
1. Alfabetização sobre uma nova perspectiva.....	13
1.1 Letramento: práticas sociais de leitura e escrita.....	16
1.2 Letramento escolar.....	18
1.2.1 Como a literatura pode colaborar no aprendizado.....	24
1.2.2 Ler e ser letrado através do texto literário.....	26
1.3 Cinema: uma importante ferramenta no resgate da leitura.....	30
TEORIA SOBRE A GÊNESE DO CONTO DE FADAS	
2. O conto de fadas e a tradição oral.....	35
2.1 O conto de fadas e a psicanálise.....	40
2.2 A importância dos contos de fadas.....	43
2.3 O uso das mídias televisivas no gênero conto de fadas.....	45
2.4 A contextualização da nossa realidade: O contexto leitor.....	46
a. Desenvolvimento da história infantil na visão Phillips Airies.....	46
b. O cenário escolar.....	47
c. Contexto da aplicação da pesquisa.....	50
d. Sujeito da pesquisa.....	50
e. Delimitação do Corpus da pesquisa.....	51
A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO GÊNERO CONTO DE FADAS.	
3. Por que trabalhar com SD?.....	52
3.1 Aspectos da sequência didática?.....	53
3.2 Desenvolvimento da proposta com SD.....	60
3.3 Sequência didática para o 7º ano do ensino fundamental.....	61
a. Primeiro passo: motivação.....	61
b. Segundo passo: introdução.....	67
c. Terceiro passo: leitura.....	70
d. Primeiro intervalo de leitura.....	72
e. Segundo intervalo de leitura.....	74
f. Quarto passo: interpretação.....	76
g. Quinto passo: avaliação.....	77
h. Expansão (ampliando o repertório)	78
i. Produção final.....	79
3.4 Análise de dados.....	81
3.3.1 primeiro encontro.....	82
3.3.2 segundo encontro.....	85
3.3.3 terceiro encontro.....	87
3.3.4 quarto encontro.....	89
3.3.5 quinto encontro.....	92
3.3.6 sexto encontro.....	95
3.3.7 sétimo encontro.....	99
3.3.8 oitavo encontro.....	103
Considerações finais.....	107
Referencial	111
APÊNDICES	

Apêndice A: Produção textual dos alunos.....	116
---	------------

ANEXOS

Anexo A: questionário inicial.....	140
Anexo B: Fichas de empréstimos de livros.....	141
Anexo C: textos trabalhados em sala.....	144
Anexo D: livros disponibilizados para leitura dos alunos.....	156

INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, a sociedade vem sofrendo sensíveis transformações que se refletem diretamente na vida dos cidadãos e conseqüentemente na vida e na educação dos alunos. Tais transformações envolvem inúmeras formas de acesso às informações, esses novos conhecimentos se espalham de forma quase simultânea por todo o mundo, através de diversos mecanismos tecnológicos como computadores, tablets, celulares, televisão entre outros, criando novos ambientes de aprendizagem. Se bem utilizados pelas escolas, esses mecanismos poderiam ampliar as formas de ensino, aumentando o interesse dos discentes.

Dentro dessa nova realidade, a escola já não é mais o único local de aprendizagem e nem o professor o único detentor do conhecimento ou da informação, pois a informação está por toda parte, devido à propagação dos veículos de comunicação associados a internet e as mídias televisivas. Os avanços tecnológicos têm revelado a necessidade de uma ação pedagógica vinculada a esses muitos canais de comunicação presentes no cotidiano dos alunos. Neste contexto vemos no cinema uma ferramenta importante para auxiliar no amadurecimento de jovens leitores, pois assim como a palavra escrita, a imagem precisa ser lida, decifrada, analisada e compreendida. O cinema e a literatura atuam diretamente na dinâmica do aprendizado, produzindo conhecimento, formando leitores críticos.

A leitura é antes de tudo interação, a qual possibilita o diálogo entre o que somos, o que sabemos e o que o texto nos apresenta. Para tanto, é necessário que a escola realize a prática de leitura como algo bem mais amplo que o simples decifrar. Ler está relacionado à forma como os indivíduos se apropriam do conhecimento, de como agem em contextos em que a interpretação é requerida e abre espaço para uma nova forma de conceber, entender e representar o mundo.

Ler não é simplesmente um ato de decodificação ou mesmo adivinhação de sentido, é, sobretudo, uma prática social. Acredita-se que, no momento em que a leitura, na escola, for concebida e ensinada como prática social, serão proporcionados aos alunos instrumentos necessários para que eles ampliem a compreensão, selecionando e organizando as informações a fim de construir sentidos para sua própria realidade social, além de transformá-la. A Literatura traz em si esse papel social, formador e transformador de opiniões.

Falar de literatura é, indubitavelmente, falar sobre imaginação. Sosa (1982) ressalta a importância da literatura infantil como fase criadora dentro do problema geral da imaginação, uma vez que não se sabe precisamente em que idade, nem em que forma e circunstâncias ela aparece na criança. O autor afirma ainda que ela (a imaginação) é a “faculdade soberana” e a forma mais elevada do desenvolvimento intelectual.

A fantasia presente nos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Nessas narrativas, que se contam na infância, há significados mais profundos do que nas verdades que a vida adulta ensina. É através desses contos que os pequenos desenvolvem seus sentimentos, emoções, aprendem a lidar com algumas sensações até então desconhecidas.

Refletindo sobre a realidade das escolas públicas, nos deparamos com o seguinte questionamento: Por que a maioria dos alunos deixam de gostar de ler quando chegam ao 2º ciclo do ensino fundamental?

Diante da questão partiu-se da hipótese que seria possível contribuir para a formação dos leitores a partir de uma sequência didática que envolvesse histórias que eles leram ou ouviram alguém contar durante a primeira infância, textos do gênero conto de fadas, não só dos clássicos ou dos contos originais, mas também de suas releituras adaptadas para as telas de cinema e televisão. Partindo deste pressuposto, buscou-se estruturar a proposta de intervenção tendo como protagonistas os alunos do 7º ano de uma escola municipal, localizada na cidade de Marabá, no Estado do Pará.

Para nortear a construção da proposta, este estudo tem como objetivo demonstrar que o uso de filmes na escola pode contribuir para o enriquecimento cultural/ideológico dos alunos, além de resgatar a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem no ensino de Língua Portuguesa, ampliando as possibilidades de leitura tanto na sala de aula quanto fora dela. Pode-se dizer que a linguagem audiovisual é atraente e pode trazer à vida dos jovens leitores experiências diferenciadas e inigualáveis. Lembrando que cabe à escola formar leitores competentes que possam compreender e observar de forma clara tudo que lhes for apresentado, tornando-os cidadãos críticos. Napolitano (2009) destaca uma forma que considera “instigante e desafiadora”, o autor propõe que o filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor.

Para melhor compreensão do desenvolvimento da pesquisa, bem como do seu produto - proposta de intervenção -, optou-se por organizar a apresentação em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, serão apresentadas concepções de alfabetização e letramento, letramento escolar, a importância das bibliotecas e da literatura para o aprendizado, além da relevância do cinema como ferramenta no resgate da leitura. Optou-se por dialogar com os estudos de Soares (2003), Kleiman (1995), Freire (1989), Bakhtin (1998), Napolitano (2009).

No capítulo seguinte discorrer-se-á sobre a Gênese do conto de fadas, a psicanálise presente nessas narrativas, a importância desse gênero, bem como o uso das mídias televisivas. Segundo os autores: Coelho (2003), Bettelheim (1980), Corso & Corso (2006), Calvino (1993) e Darnton (2011).

A contextualização da pesquisa será apresentada no terceiro capítulo. Nele irar-se-á discorrer sobre os aportes da pesquisa, os dados e concepções, o problema e a hipótese, a descrição do tipo de pesquisa, a pesquisa ação participativa. Apresentar-se-á ainda, os elementos constitutivos da pesquisa – o ambiente, sujeitos e os instrumentos. Para isso far-se-á uso das ideias de Geraldi (2010), Bagno (2007), Thiollent (2000) e Gancho (1997).

No quarto capítulo, dar-se-á ênfase a sequência didática (SD) e sua aplicação, apresentando seus resultados, para tanto far-se-á uso de uma SD baseada no modelo de Cosson (2007). Assim será exposto os principais aspectos do projeto de intervenção, ressaltando a reação dos alunos à essa proposta mais dinâmica de ensino, também buscar-se-á expor a evolução desses educandos, como sujeitos leitores, bem como de suas produções textuais.

O QUE SE ENSINA NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA?

1. Alfabetização sob uma nova perspectiva

Há um consenso entre educadores, pais e estudiosos do processo educacional, de que a Educação passa por uma crise. Crise esta que se revela principalmente na incapacidade de alunos que estão concluindo o ensino fundamental, quando estes encontram bastantes dificuldades em fazer leituras proficientes e de produzir textos adequados para diferentes situações sociais. Reconhecer a realidade desse fato é algo inquietante quando entendemos que o objetivo central do ensino de língua materna é o ensino da leitura e da escrita, no entanto, esse também é o ponto de partida para intervir e mudar a direção desse processo. Magda Soares, uma das grandes pesquisadoras sobre o tema em território nacional, apresenta um estudo interessante sobre o assunto em obras como: *Letramento, um tema em três gêneros* (2010) e em artigos e palestras como *Letramento e alfabetização: as muitas facetas* (2003) e *Prática de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento* (2007). Embora relevante o posicionamento da pesquisadora, há outros estudiosos olhando para essa questão e que nem sempre apresentam pontos de vista convergentes.

Uma das questões iniciais que se coloca ao falar de alfabetização e/ou letramento refere-se à definição do que é próprio de cada um desses campos. Sabe-se que a palavra “letramento” foi usada pela primeira vez no Brasil em meados dos anos 1980, por Mary Kato e logo depois por vários outros estudiosos. Essa palavra é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*, que significa ser letrado, indicando o ser que domina as habilidades de leitura e escrita em diferentes contextos de comunicação (SILVA & ARAÚJO). Nesse sentido, como aponta Soares (2007), a palavra letramento não se corresponde diretamente com a palavra alfabetização. Enquanto esta é uma referência à “aquisição da tecnologia escrita”, processo que os ingleses denominam de *reading*; aquela é uma referência ao “uso da escrita em práticas sociais.” Soares (2007). No Brasil, todavia, essas palavras por vezes são usadas como sinônimos, diferentemente, como nos informa Soares (2003), do que acontece em países como França e Estados Unidos.

Enquanto nesses outros países a discussão do letramento – *illettrisme, literacy* e *illiteracy* – se fez e se faz de forma independente em relação à discussão da alfabetização – *apprendre à lire et à écrire, reading instruction, emergent*

literacy, beginning literacy –, no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização... (SOARES, 2003).

Essa junção dos processos de letramento e alfabetização operacionalizada no Brasil, segundo a autora, é responsável pela perda da especificidade do processo de alfabetização e uma prevalência da ênfase no processo de letramento, tendo como consequência, juntamente com outros fatores como a adoção do sistema de ciclo e o princípio da progressão continuada; uma grande elevação do fracasso escolar que não se restringe mais às séries iniciais como acontecia anteriormente, estendendo-se ao ensino fundamental e médio. “[...] a perda de especificidade do processo de alfabetização, nas duas últimas décadas, é um, entre os muitos e variados fatores, que pode explicar esta atual ‘modalidade’ de fracasso escolar em alfabetização”. Soares (2003)

A pesquisadora aponta, entretanto, como a causa maior da perda de especificidade do processo de alfabetização a mudança conceitual referente ao ensino e aprendizagem de língua materna que passou de um modelo cognitivo ou construtivista nos anos de 1980 para um modelo sociocultural (espécie de aprimoramento do modelo cognitivo), nos anos de 1990. Essa mudança de perspectiva, em certo sentido, representou um salto para a alfabetização ao colocar a criança como um sujeito ativo, que interage com o material do conhecimento para construir ou se apropriar de novos saberes, deixando com isso a posição tradicional e passiva de receptor do conhecimento.

No entanto, o modelo também tem seus pontos negativos. Entre eles a demasiada ênfase no aspecto psicológico e supressão do aspecto linguístico, pois supõe-se que a aprendizagem da relação fonema-grafema ocorreria de forma natural a partir da relação que as crianças mantem com as práticas de leitura e escrita. Em decorrência dessa perspectiva, um segundo equívoco é apontado por Soares (2003): a falsa inferência do conceito paradigmático psicogenético é incompatível com a adoção de um método de alfabetização. Com isso, o processo de alfabetização que é em sentido estrito a apropriação pela criança da tecnologia da escrita, tem seu foco desviado para o letramento, provocando uma perda da especificidade do processo de alfabetização.

Estudos realizados na França e nos Estados Unidos apontam a importância de um ensino que use métodos específicos para o ensino do código alfabético e ortográfico. Em um estudo francês tem-se a afirmação de que “o conhecimento do código grafofônico e o domínio dos processos de codificação e decodificação constituem etapa fundamental

e indispensável para o acesso à língua escrita” (SOARES, 2003). Conclusão semelhante é apresentada no estudo norte-americano:

Entre as facetas consideradas componentes essenciais do processo de alfabetização – consciência fonêmica, *phonics*¹³ (relações fonema–grafema), fluência em leitura (oral e silenciosa), vocabulário e compreensão –, as *evidências* a que as pesquisas conduziam mostravam que têm *implicações* altamente positivas para a aprendizagem da língua escrita o desenvolvimento da consciência fonêmica e o ensino explícito, direto e sistemático das correspondências fonema–grafema. (Grifos da autora, SOARES, 2003, p.13)

Em ambos os estudos pode-se constatar que é dada ênfase à necessidade de que se retome o ensino do aspecto linguístico inerente ao processo de alfabetização, propiciando com isso que a criança faça uma relação adequada entre fonema e grafema e, ao mesmo tempo, favorecendo a leitura fluente, pois se não tem dificuldade na decodificação, fica mais fácil atribuir sentido. A negligência com esse aspecto da alfabetização, somado a um sistema de progressão continuada, a pressão exercida pelos órgãos oficiais no sentido da não retenção do aluno, a inadequação da estrutura física do ambiente escolar, a formação inadequada de muitos professores e as dificuldades sociais e de estrutura familiar dos alunos fazem parte de uma lista de fatores que, individualmente, podem não ter grande interferência no desenvolvimento escolar do educando, porém juntos esses fatores têm uma capacidade bem mais real de conduzir o aluno ao fracasso escolar.

Considerando esse contexto, fica clara a necessidade de mudança na forma como o processo de alfabetização está sendo conduzido nas escolas e que essa mudança sinaliza a relevância de enfatizar de forma sistematizada e com base em métodos eficientes o aspecto linguístico do alfabetizar, visto que se um aluno não consegue realizar de forma eficiente a codificação e a decodificação, a leitura do código verbal será prejudicada, impossibilitando a compreensão de textos e acesso a diversas formas de conhecimento. Porém, é necessário ter claro que devolver à alfabetização o aspecto linguístico não significa em nenhum momento abrir mão das conquistas alcançadas com o sócio-construtivismo e o sócio-interacionismo, diferente disso, como indica Soares (2003), essas conquistas devem ser somadas, caso contrário à proposta de uma nova forma de alfabetização defendida pela autora representaria um retrocesso.

As posições antagônicas defendidas, de um lado pelo construtivismo¹ e de outro lado pelas pesquisas realizadas na França e Estados Unidos, relativas à forma como o sistema alfabético e ortográfico deve estar presente no processo de alfabetização mostram-se excludentes: enquanto na perspectiva construtivista pressupõe-se que o aprendizado do sistema grafo fônico ocorrerá de forma implícita; nas pesquisas realizadas naqueles dois países, defende-se o ensino direto e sistemático do código alfabético e ortográfico. Por aí se vê, não só o antagonismo que essas posições representam, mas também que nelas há uma dissociação dos processos de alfabetização e letramento, o que constitui um equívoco para o ensino.

É nesse ponto que a proposta de Soares (2003), de “reinventar a alfabetização” difere das propostas anteriores. Assumindo um lugar intermediário entre as posições extremistas acima, a pesquisadora propõe que alfabetização e letramento aconteçam de forma simultânea, constituindo o que alguns vem chamando de alfabetizar letrando. No entanto, longe de confundir os conceitos de alfabetização e letramento, a autora enfatiza a necessidade de tê-los muito claramente definidos, uma vez que cada um desses processos tem suas especificidades, estas que de forma alguma devem ser tomadas como independência ou precedência de um processo em relação ao outro Soares (2003).

Assim, ao alfabetizar, o profissional deve estar preparado para relacionar os aspectos específicos da alfabetização: aquisição do sistema alfabético e ortográfico, a contextos de letramento: práticas sociais de leitura e escrita. Não obstante, concretizar esta relação na prática de sala de aula não é tarefa fácil, exige do profissional além do conhecimento (formação adequada), uma atitude ativa e positiva que motive a participação, o desejo de conhecer, de transformar. Para isso, trabalhar com metodologias diferenciadas, que reconheçam a especificidade tanto da alfabetização quanto do letramento é essencial, e se apresenta como um caminho alternativo a superação do fracasso escolar que tem determinado o rumo de muitas vidas em nosso país e mundo afora

1.1 Letramento: práticas sociais de leitura e escrita.

¹ **Construtivismo**, ganhou espaço no campo das teorias pedagógicas, inspirado na obra de Jean Piaget (1896-1930), biólogo suíço reconhecido por dedicar sua obra ao entendimento dos processos de aquisição do conhecimento humano. Os conceitos Piagetianos mais fundamentais fazem referência aos mecanismos de funcionamento da inteligência e a constituição/construção do sujeito a partir de sua interação com o meio. Nessa perspectiva as estruturas cognitivas não nascem prontas. Motivo pelo qual o conhecimento repousa em todos os níveis onde ocorre a interação entre os sujeitos e os objetivos durante o seu processo de desenvolvimento.

Kleiman (1995) também aborda a importância do letramento, em seus estudos tratou o letramento como sendo "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos" Kleiman (1995). A autora fez sua análise de maneira mais profunda ao estudar os efeitos que envolvem as práticas do letramento, referindo-se a este fenômeno por dois prismas, um instrumental e outro ideológico. No primeiro, letramento instrumental, devemos levar em consideração os usos da escrita para determinados fins individuais, ou seja, texto que tem como única finalidade a adequação às necessidades de grupos sociais sem considerar o que realmente é necessário para o enriquecimento da compreensão, o sentido implícito por trás da produção, desde que seja de agrado da sociedade a qual está inserida a tal produção de textos. No segundo, letramento ideológico, o que é considerado é o valor ideológico das pessoas e nesse caso o letramento tem um papel não meramente de transmissor de mensagens que agradarão a poucos grupos, mas de um propagador de mensagens de teor mais profundo e significativo.

No que diz respeito aos letramentos instrumental e ideológico, pode-se perceber que de maneira geral, ambos se caracterizam pelo condicionamento do indivíduo para a leitura e escrita, sendo esta a única semelhança. Uma vez que, em caráter específico, diferem, ao passo que o primeiro trata o aprendizado como algo mecanizado, em que o aluno tende a se adequar às regras sociais, o segundo, por outro lado, considera os saberes do aluno, não sendo vistos como assimiladores e repetidores, mas construtores e propagadores de conhecimento.

A leitura e a escrita, no sentido primeiro de alfabetização, se tornaram obsoletas. O letramento, por outro lado, amplia as visões e interpretações sobre a aquisição de novos e mais variados tipos de conhecimentos. Este trabalho se aterá mais especificamente ao letramento escolar, que está diretamente relacionado ao domínio das práticas de leitura e escrita, pois sem esse domínio os alunos teriam algumas limitações e, eventualmente, seriam excluídos em determinadas situações em que esse domínio se faz indispensável.

Neste sentido, sem a habilidade de interpretar fatos e situações descritas em uma obra de ficção, por exemplo, de certa forma, estariam excluídos do entendimento dos acontecimentos, da ficção arquitetada pelo autor, seja numa obra clássica ou até mesmo em obras populares, pois vos (a quem se refere este pronome?) faltaria o letramento que não apenas os permitam juntar letras para ler a trama como também os permitam

compreendê-la, mergulhar no mundo da fantasia e da realidade encontradas no universo das palavras.

Considerando as ideias, anteriormente citadas, pode-se dizer que um indivíduo letrado não é aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica-as, responde satisfatoriamente ou habilmente às demandas sociais que tais práticas envolvem.

1.2 Letramento escolar

Letrar é mais complexo que alfabetizar, é ajudar o leitor não apenas ler e escrever, mas também ajudá-lo a encontrar dentro de um contexto o significado da escrita e da leitura, fazendo com que a leitura crítica faça parte da vida escolar, saber o que diferencia a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever (alfabetização) e o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita (letramento). Portanto distinguir entre a aquisição do código e ter a habilidade de usá-lo. Ao mesmo tempo devemos saber que ambos são indissociáveis e têm suas especificidades, sem hierarquia ou cronologia: pode-se letrar antes de alfabetizar ou o contrário.

O letramento é a ampliação da alfabetização, de acordo com Soares (1998), designa práticas de leitura e escrita, que circulam na sociedade em que vivem: ler jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber ler e escrever cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, saber preencher um formulário, redigir um ofício, um requerimento, etc. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se deste hábito.

No Brasil há um déficit quanto a formação de leitores assíduos, há incentivos do governo, entretanto, não se mostram tão eficientes. O grande problema enfrentado é que ele se preocupa apenas com a alfabetização e ignora completamente o contexto social em que a maioria dos alunos estão inseridos. De que adianta ensinar uma pessoa a ler se ela não possui recursos para obter livros, revistas ou qualquer outro meio que venha enriquecer seu aprendizado? Assim podemos dizer que as escolas além de alfabetizar

deveriam dar suporte literário e técnico para que haja um letramento progressivo, assim os alunos além de aprender a ler poderiam praticar a sua compreensão da escrita.

A escola pode amenizar esse quadro de exclusão, pois têm um importante papel no desenvolvimento dos hábitos de leitura e escrita dos indivíduos em formação. Os educadores podem e devem proporcionar na sala de aula experiências variadas e coletivas de incentivo à leitura, além de orientar os pais para que esses também incentivem as atividades de leitura fora do ambiente escolar. A leitura e a escrita devem ser trabalhadas tanto em casa quanto na escola. Nesta deve ser trabalhada como algo dinâmico sem jamais ser vista como um mero processo de decodificação de signos linguísticos, mas também como um meio de desenvolvimento do indivíduo, que pode se transformar em um sujeito mais autônomo e ativo na construção da sua identidade social. O ideal seria que a iniciação à leitura se desse primeiramente no lar, desde a mais tenra idade.

O uso dos recursos pedagógicos por parte dos educadores na sala de aula, pode orientar e criar condições para que os alunos possam realizar suas leituras, assim ampliando seus conhecimentos, que podem ser de senso comum ou até mesmo de caráter científico.

Para que haja um contato mais significativo dos estudantes com os gêneros literários devemos destacar a importância das bibliotecas para os alunos do ensino fundamental, pois com o auxílio desses espaços educacionais para trabalhar com a leitura de gêneros textuais, por exemplo, o professor poderá orientar seus alunos para que consigam desfrutar mais do conteúdo do texto, seja indicando de que forma lê-lo ou alertando para certos aspectos, trabalhando com a mensagem do texto e com as diversas interpretações que ele pode provocar.

Para Bamberger (1991), a leitura é um meio eficaz de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, sendo que trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem. Os livros são elementos importantes que contêm conhecimentos imprescindíveis para o desenvolvimento dos jovens, para o educador são auxiliares imprescindíveis na tarefa de atingir objetivos educacionais. Em relação ao trabalho da literatura na educação infantil é importante ressaltar que a prática possibilita o trabalho com a linguagem que por sua vez se constitui

[...] um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das

ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento” (BRASIL-PCNs, 1998, p. 117).

Analisando o trecho acima podemos afirmar a importância de o professor utilizar textos e livros literários na educação infantil de modo a promover o trabalho com a linguagem oral e escrita; assim possibilitando a ampliação de conhecimento do aluno acerca da variedade de escritos presentes no meio social; promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional dos alunos, assim desenvolvendo sua comunicabilidade e a formação de bons hábitos de leitura. Para tanto, é necessário que a ação do educador seja justificada por sua intenção de que os alunos realizem atividades a eles propostas e sejam participantes do seu próprio processo de aprendizagem.

Meireles (2001) aponta a necessidade de se ofertar livros de qualidade às crianças. Para ela, ofertar bons livros ao leitor infantil poderia proporcionar o desenvolvimento de todas as suas habilidades de leitura e também intelectuais. Para que isso ocorresse seria importante entregar às crianças livros atrativos, que estimulassem à leitura tendo boa nitidez e figuras: “[...] o livro infantil deve ter um aspecto gráfico perfeitamente educativo: isto é, capaz de estimular todas as faculdades do leitor; porque a ilustração não serve apenas para reproduzir o que vem escrito” Meireles (2001).

Para Meireles faziam parte da literatura infantil as obras nas quais as crianças sentiam vontade de ler e as liam com desejo e curiosidade. Na verdade, o que existia, em seu entender, era uma literatura geral, caracterizada pela literatura oral e escrita, da qual a literatura infantil, juntamente com os demais gêneros, fazia parte. Não era conveniente dividir a literatura infantil em aspectos moral, instrutivo e recreativo uma vez que ambos aspectos não eram isolados, estabeleciam entre si relações fundamentais. De acordo com a autora, na verdade são as crianças que delimitam a literatura com a sua preferência.

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo. (MEIRELES, 1979, p. 27)

Como podemos ver, Meireles defendia que era necessário colocar à disposição das crianças diversos livros, mas, dotados de valor científico, poético e moral. Postos de maneira agradável para um melhor aproveitamento pelo leitor de sua mensagem. Era preciso, que se ofertassem bons livros. Acreditava que os livros eram importantes na formação do indivíduo, entendia que livro pode ser o melhor dos elementos de auxílio à educação das crianças.

Segundo Cecília Meireles, as bibliotecas eram os locais fundamentais em que deveria haver imensa e variada quantidade de livros para que as crianças escolhessem e assim pudessem aproveitar o conhecimento literário que esse espaço voltado para a leitura pode oferecer.

As Bibliotecas Infantis correspondem a uma necessidade, e têm a vantagem não só de permitir à criança uma enorme variedade de leituras, mas de instruírem os adultos acerca de suas preferências. Pois, pela escolha feita, entre tantos livros postos a sua disposição, a criança revela o seu gosto, as suas tendências, os seus interesses. Compõe-se as Bibliotecas Infantis de todos os livros clássicos, e dos que se vão incorporando a essa coleção. “Deviam ser anotadas as preferências das crianças sobre essas leituras, para informação dos que se dedicam ao estudo do assunto.” Meireles, (1979).

Meireles afirma que, a leitura na infância não era apenas um “passatempo” e sim uma “nutrição” do conhecimento Meireles (1979). Era preciso que a criança ocupasse o tempo disponível para leitura com livros que proporcionassem bons momentos de aprendizagens. “O dicionário e as enciclopédias, em seu entendimento, eram livros de qualidade, sendo obras que deveriam estar constantemente presentes na vida das crianças”. Meireles (2007).

Bons livros, para a autora, eram aqueles que possuíam conteúdos de qualidade. O conteúdo e sua organização eram aspectos que atraíam o leitor e o instigava à leitura. Nem sempre o mais belo livro era o que apresentava um conteúdo rico e harmônico.

Os livros que mais têm durado não dispunham de tamanhos recursos de atração. Neles, era a história, realmente, que seduzia, - sem publicidade, sem cartanagens vistosas, sem os mil recursos tipográficos que hoje solicitam adultos e crianças fascinando-os antes de se declararem, como um amor à primeira vista Meireles (1979).

Embora o conteúdo fosse o fio condutor do livro, isso não impedia que ele fosse atrativo apresentando gravuras e figuras. As ilustrações exerciam um papel

importante no incentivo à leitura do livro, no auxílio à compreensão do texto escrito e no desenvolvimento da percepção da criança.

Seria interessante, também, observar o papel das ilustrações nos livros infantis. Para os pequeninos leitores, a boa leitura parece ser a de grandes ilustrações e pequenos textos. Grandes e boas ilustrações, - mas para a criança só se devia dar o ótimo. Já noutras leituras, mais adiantadas, quando a ilustração não exerça papel puramente decorativo, na ornamentação do texto, talvez se devesse restringir às passagens mais expressivas ou mais difíceis de entender sem o auxílio da imagem – como quando se trata de um país estrangeiro, com flora e fauna desconhecida, costumes e tipos exóticos. Meireles (1979)

Para Meireles (1979), a literatura oral, também, era importante na cultura dos povos e devia ser valorizada. Ela havia estado presente antes da origem de todos os livros, em momentos em que uma mãe cantava para o filho dormir, nas estórias em que os avós contavam para os netos, nas estórias dos contadores de estórias entre outros. A literatura escrita presente nos livros possibilitava um convívio cultural entre os povos no mundo e uma aproximação de tempos históricos que antes se davam, sobretudo pela literatura oral.

Além da falta de bibliotecas na maioria das escolas, e da falta de livrarias na cidade, a educação em Marabá² sofre com o problema da evasão escolar esse é um fator que colaboram para que o país ocupe uma posição inferior inclusive entre países que possuem uma economia mais frágil e mesmo com uma pequena mudança que vem ocorrendo durante os anos ainda está à mercê de números assustadores.

De acordo com informações obtidas do (MEC/INEP, 2016), a evasão escolar teve uma leve queda, mas mesmo assim números críticos são mostrados, apontando no estado do Pará a maior evasão registrada, aproximadamente 16% quando a média nacional é de 11%, no ensino fundamental o maior número de desistências vem dos alunos do 9º ano, cerca 7,7%.

O letramento escolar, no que se refere à aquisição e domínio das tecnologias, não pode ser considerado apenas um problema que cabe ao professor de Língua Portuguesa resolver, mas sim um trabalho que deve envolver todas as disciplinas, uma vez que todas trabalham com leitura e escrita. Mesmo os professores de Geografia, Matemática, Ciências... pois, os alunos para terem um bom desempenho escolar, terão

² No último ano o município vem passando por mudanças drásticas, no que diz respeito ao plano de carreira dos professores, a atual gestão vem acentuando a desvalorização do educador, inclusive com baixas nos salários.

que se mostrarem aptos na interpretação e solução de problemas, ainda que específicos de cada área do conhecimento, portanto é válido afirmar que letrar é papel de todo profissional da educação. Cabe ressaltar que neste contexto, segundo Soares (2010):

[...] letramento designa as habilidades de leitura e escrita de crianças, jovens ou adultos, em práticas sociais que envolvem a língua escrita. É este o conceito de letramento que, entre nós, está presente nas práticas escolares, nos parâmetros curriculares, nos programas, nas avaliações que vêm sendo repetidamente feitas em diferentes níveis – nacional, estaduais, municipais. (SOARES 2010, pág. 57)

Podemos afirmar, pelo teor social da discussão, que diferentemente da Alfabetização que termina quando um indivíduo conclui seus primeiros anos de escolarização, o Letramento é um processo constante, pois o aprendizado não tem fim.

Na realidade o letramento do educando tem extensão e amplitude, isso é claro, em relação ao que diz respeito às práticas que envolvem a leitura e a escrita. Neste ambiente de estudos e pesquisas, muitos estudiosos ressaltam a necessidade de se ultrapassar os rígidos conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, e desse modo, passar a vê-la como uma relação entre os discentes e o mundo, pois, este está em constante processo de transformação. Evitando assim que os indivíduos venham a sofrer com a falta de preparo advindo de uma educação deficiente. A escola deve alfabetizar letrando, para que os educandos possam acompanhar o crescimento da sociedade, constituindo parte integrante desta ao invés de serem marginalizados por ela.

Ler e escrever são atividades que possuem um alto grau de complexidade, que envolvem o conhecimento de linguagens sociais Bakhtin (1998), que historicamente e culturalmente foram se organizando oralmente e por escrito, por meio de recursos expressivos, como modos de dizer os conhecimentos das diferentes esferas sociais criadas pelo homem. As linguagens sociais apresentam os conhecimentos das esferas de conhecimento com sintaxes e repertórios lexicais que as caracterizam, associadas a gêneros do discurso que foram se elaborando para dar conta das necessidades humanas nas situações sociais.

O ato de ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras (PAULO FREIRE 1989)

1.2.1 Como a literatura pode colaborar no aprendizado?

Os professores têm a função de guiar os alunos no caminho da aprendizagem, preparando-os para uma sociedade que está em constante evolução, por esta razão não se pode ficar para trás, estagnados e devem buscar um modelo educacional que possa acompanhar as mudanças sociais. Ao pensar nessas mudanças é possível relacioná-las ao construtivismo, que propõe que o aluno participe de forma ativa do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos.

Os profissionais da educação devem se adequar as novas formas de ensino, para resgatar o interesse dos jovens, pois ao contrário do que se pensa, eles leem, só que o que eles utilizam não são os clássicos, muitas vezes nem são livros, mas estão lendo e o que tem de errado com isso? Podemos repreendê-los por gostarem de literatura de fácil compreensão? As chamadas literaturas de massas. Alguns educadores ainda não podem explicar como essas leituras podem prender a atenção do público jovem tendo em vista que elas são julgadas inferiores e sem qualidade.

O que os jovens estão lendo, atualmente? Podemos ver que além das mídias eletrônicas e revistas, os jovens vêm se envolvendo com uma literatura que hoje chama mais sua atenção do que as literaturas clássicas do século passado. Esses modelos literários que são glorificados pelas massas, como exemplos podemos citar: *Diário de um banana*; *Crepúsculo*; e *50 tons de cinza*, entre outras. Como podemos ver no levantamento feito por Zappone (2013) essas são as obras que os estudantes estão lendo: *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997), de J. K. Rowling, *As crônicas de gelo e fogo* (1996), de George R. Martin *Um Amor para Recordar* (2002), de Nicholas Sparks, *Querido John* (2010), de Nicholas Sparks, *A menina que roubava livros* (2007), de Markus Zusak, *Capitães de Areia* (1937), de Jorge Amado, *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis.

A maior parte dos livros, citados no parágrafo anterior, são considerados no meio acadêmico como o fruto de uma literatura inferior, que provém de uma cultura exclusivamente popular e sem requintes acadêmicos. .

Pode-se dizer que a juventude tende a buscar as leituras mais atuais, tendo em vista que as mesmas têm um ponto de vista moderno e que capturam a atenção do jovem

leitor, uma boa alternativa seriam as adaptações de alguns dos clássicos estrangeiros, não apenas o de Machado de Assis, assim eles se envolveriam mais com os textos literários, o que podemos confirmar no trabalho de Zappone (2013), descrito abaixo:

Com relação aos interesses de leitura dos alunos, um dos entrevistados propôs para as aulas de literatura, “livros com histórias na qual a linguagem seria mais fácil a compreensão, que pudesse envolver a todos os alunos, pois muitos textos literários são de difícil compreensão”. A dificuldade a que este aluno se refere demonstra a carência dos estudantes sobre os protocolos de leitura adequados à leitura literária e sobre os gêneros. Um dos entrevistados diz que “gostaria que fossem trabalhados livros mais atuais e de literatura estrangeira também, pois não é todo mundo que gosta dos clássicos da literatura brasileira, então que, para incentivar a leitura, considero que se deveria utilizar livros mais leves que os faça ter o hábito da leitura”. (ZAPPONE. 2013, p. 195)

No trecho acima, Zappone afirma que os jovens preferem as formas populares de literatura, pois as mesmas embora com uma composição inferior as literaturas clássicas têm uma linguagem mais fácil, de melhor compreensão, assim eles preferem algo sem elaboração estética, nem mesmo profundidade, cujo único intuito é mercadológico. Por isso a literatura considerada popular, de massa, os *best-sellers* - (de acordo com os intelectuais) não pode fazer parte da “Alta Literatura”, pois seus conteúdos são voltados para o mercado, são criadas seguindo “fórmulas”, sem originalidade, com a principal intenção de agradar ao leitor, “dando o que eles pedem”, acalmando os sentimentos e não os chocando Zilberman (1987).

Um dos nomes que mais defende a permanência da tradição literária canônica é o respeitado ensaísta Harold Bloom em sua conhecida obra: *O Cânone Ocidental*. Neste livro, Bloom discute a importância da seleção de obras, já que não existe tempo suficiente para ler tudo o que foi produzido, assim o cânone literário se mostra importante, pois auxilia nessa escolha, indicando aquelas que possuem valor estético reconhecido. Também fala da importância de se ensinar “seletivamente, buscando os poucos que tem capacidade de tornar-se leitores e escritores altamente individuais [...] o valor estético [...] não pode ser transmitido aos incapazes de apreender suas sensações e percepções...” Bloom (1994).

Entretanto, é válido ressaltar que o professor não deve esquecer os clássicos, mas trabalhar com suas diferentes versões, incluindo as cinematográficas, contando não apenas com a modernização da linguagem para recuperar a atenção dos leitores, soma-se a isso a interpretação livre da obra escrita que encerra inúmeras possibilidades.

Ao analisar os textos literários deve-se levar em conta dois fatores importantes que são como os eruditos literários diriam, a estética da escrita, tendo em vista que ela é um dos meios de letramento mais eficazes e a outra é a aceitação por parte de todos os tipos de leitores, pois um dos maiores erros que os meios educacionais cometem é enfatizar obras complexas com uma leitura difícil, além da obrigatoriedade em ler, mesmo sem as escolas possuírem aparatos pedagógicos para intermediar esse programa de leitura e ao mesmo tempo em que renegam os letramentos por eles praticados, o que só aumenta o descontentamento.

Essa falta de interação entre o professor e aluno, causada pelo choque entre os letramentos, é definitivamente contraproducente para disciplina de literatura. Muitos alunos demonstram não compreender a razão da disciplina de literatura no currículo escolar, além de não compreenderem a necessidade de estudar obras canônicas, (...), isto é, os letramentos dominantes e vernaculares. Por conseguinte, os alunos, nesse movimento, ficam sem desenvolver o letramento escolar e também sem desenvolver o letramento social de modo questionador, para alcançar aquilo que Rojo (2009) denomina de “letramentos críticos”. (ZAPPONE. 2013, p. 195)

Para enfatizar a necessidade da modernização do letramento praticado pelos educadores pode-se citar a falta de êxito em formar leitores proficientes, talvez falte integrar melhor os diferentes tipos de letramento, sem deixar que um predomine sobre o outro. Por isso propõem-se o trabalho integrando Cinema e Literatura, revisitando obras lidas anteriormente, permitindo que o aluno mude ou não sua percepção do texto, amadurecendo suas opiniões à respeito deste.

A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém com as leituras diferentes a cada época a obra mostrasse mutável, contraria a sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo. (ZILBERMAN. 1989).

1.2.2 Ler e ser letrado através do texto literário

De acordo com Rojo (2004), grande parte da população brasileira, mesmo tendo oportunidade de estudar não consegue aprender a ler. Assim pode-se dizer que a escola brasileira não vem formando leitores proficientes, tão pouco produtores de textos

eficientes. A maior razão para isso ocorrer seria o fato de as práticas de leitura utilizadas nas escolas não abrangerem de modo significativo as necessidades que estão diretamente ligadas às práticas letradas exigidas pela sociedade vigente.

Para nos tornarmos uma pessoa letrada, devemos ir além da literalidade das palavras que compõem um texto, como também interpretá-los e relacioná-los com outros textos, de modo que estão situados no contexto social, colocando-os em relação com a vida. Vale aqui destacar a concepção de Cosson (2006) de que a literatura “por possuir a função de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

Partindo de um ponto de vista semelhante, Aguiar (1993) defende que o texto literário atinge um significado mais amplo se comparado aos textos não literários, pois se preocupa e atenta mais para as formas de o homem pensar e sentir os fatos do que apenas apresentar o fato em si. Cosson (2006) corrobora que, se houver interesse em formar leitores capazes de experimentar a força humanizadora da literatura, não é suficiente apenas que se leia, mas que se ensine, se compreenda e sinta a leitura, no caso, a literatura, visto que a capacidade de leitura depende em grande parte da maneira de ensinar, é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário se torna fundamental no processo educativo.

Em relação ao conto de fadas, por exemplo, muitas vezes as crianças conhecem somente a versão animada, quase sempre da Disney, assim não interagindo com a obra literária, ou sequer sabendo que se trata de uma adaptação. Ainda que a narrativa da obra televisiva seja bastante interessante, a sua finalidade em sala de aula não é o de substituir os textos escritos, mas sim um recurso de acesso à cultura. A narrativa cinematográfica, nesse caso, é uma interpretação livre da obra escrita.

Muitos recontaram contos clássicos a sua maneira, a título de exemplo, na literatura brasileira destacamos a obra de Chico Buarque, *Chapeuzinho Amarelo* (1970), baseada na obra *chapeuzinho vermelho*, já no cinema internacional, tivemos várias formas de reconto, como exemplo, temos o aclamado e polêmico estúdio de animação Walt Disney Company, que lançou um “feitiço”, que permitiu que toma-se o controle do reino dos contos de fadas e se tornar a corporação de mídia multinacional que mais se beneficiou com a popularidade e a versatilidades dessas histórias. Embora não seja a única, há aproximadamente 59 filmes relacionados ao tema, e os números não param de crescer, segundo informações obtidas no site www.proibidoler-cinema. Alguns destes tornam-se sucesso de bilheteria movimentando milhões de dólares.

Segundo Cosson (2006), a leitura e a escritura do texto literário permitem a percepção de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos, ao dizer quem somos e ao encontrar um modo de expressar isso. Assim, a obra literária ajuda o leitor a entender melhor a sociedade que o cerca, pois, “a narrativa acaba envolvendo seu leitor, levando-o à identificação com personagens e situações, ajudando-o a compreender que as histórias dos contos de fadas, mesmo que estejam fora da realidade, são como reflexos de suas vivências pessoais” (OLIVEIRA, 2008, p. 157). Por isso, os contos de fadas continuam atuais, pois, como explica Cosson (2006, p. 34), “obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação”.

Muitos livros contemporâneos, publicados recentemente, podem não dizer nada, não ter relativa importância na vida das pessoas. Entretanto, alguns livros escritos em outro século, retratando outras épocas, podem ter muito a dizer, essas obras por seu conteúdo significativo, nunca se tornaram ultrapassadas, pelo contrário serão sempre atuais, nesse sentido o tempo se torna irrelevante. Por acaso, não é assim com os contos de fadas? Quando levado pelo “Era uma vez...”, para outro lugar, e ao se identificar com alguma das personagens, o leitor amplia sua visão de mundo, percebendo melhor a realidade. Ao analisar as obras que recentemente ganharam uma versão cinematográfica moderna temos *A bela adormecida* (1959), um clássico literário dos irmãos Grimm que teve versões da Disney em desenho animado muito popular na década de 60, e recentemente um filme com uma roupagem diferente, mas com base no mesmo conto, intitulado *Malévola* (2014), assim pode-se perceber que um conto clássico pode ter uma versão moderna que prenda a atenção não só do público infantil, mas de jovens e adultos.

Com *Malévola* os estúdios Disney tentaram recuperar o lado negro da estória *A Bela Adormecida*, contando com um orçamento de US\$ 175 milhões, o filme traz Angelina Jolie no papel da fada má cuja perversidade e realçada por chifres, vestidos vampirescos e bochechas pontiagudas a narrativa e contada sob o ponto de vista dessa sedutora anti-heroína e conta como um coração puro se transformou em pedra por causa de uma dura traição. Enredo que agradou tanto o público quanto a crítica.

Cada vez mais os contos de fadas vêm sendo utilizado para produção de filmes como alguns exemplos temos *O gato de botas* (2011) inspirado tanto no conto homônimo como em *João e o pé de feijão*; *Enrolados* (2010) uma versão nada convencional do clássico *Rapunzel*; *Malévola* (2014) versão moderna de *A bela*

adormecida); *João e Maria: caçadores de bruxas* (2013) baseado no conto *João e Maria*; *Jack o caçador de gigantes* (2013) inspirado (*João e o pé de feijão*) *Deu à louca na Chapeuzinho* (2005) uma versão inusitada do tão famoso *Chapeuzinho Vermelho* ou ainda sua versão nada infantil *A garota da capa vermelha* (2011) entre muitos outros. É frequente, nesse processo, facilitar a estrutura verbal, modernizar o texto, mas manter a base. Isto é, a fábula é a mesma, porém se expressa de forma que permita adaptações, ao gosto de determinados públicos.

Isso sem falar na própria literatura que a eles volta inúmeras vezes, seja por reimersão e reinvenção desse universo, seja como pretexto para inspiração, lembrando os contos *Maria borralheira*³ de Sílvio Romero, ou ainda como ponto de partida para paródias críticas e divertidas. Sem deixar de mencionar *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira, *História Meio ao Contrário* (1978,) de Ana Maria Machado, além das crônicas e charges de Luís Fernando Veríssimo e Mauricio de Souza, para citar apenas alguns dos mais conhecidos.

Para Brasil (2012), “os narradores modificam as narrativas em busca de aproximação maior entre os universos, ou ambientes em que o narrador está inserido. Dessa forma, as adaptações seriam uma forma de transportar os contos de fadas para a atualidade, modificando-os para que fiquem mais próximos das características da sociedade a qual estão inseridos. No entanto, segundo Boráros-Bakucz, (2008), o uso de histórias já conhecidas seria uma forma de economizar espaço, pois ao fazer referência a determinadas personagens, o autor invocaria toda a estrutura daquela narrativa, podendo acrescentar novos detalhes, que Koch (2006) define como: “os diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos”. Porém, para que as crianças compreendam essa relação entre a versão original e suas adaptações, é necessário que tenham tido contato com essas histórias.

Assim reitera-se a importância da aproximação entre as crianças e o conto de fadas, pois “sem o contato contínuo, sistemático e consciente com o simbólico, as crianças não realizam uma atividade mediadora” Amarilha (2003). Já a nova versão é uma das muitas interpretações que o conto original possibilita. Por isso, alguns símbolos e metáforas são mantidos, porém, há uma liberdade infinita na construção narrativa.

³ Coleção acervo brasileiro Volume 3 CONTOS POPULARES DO BRASIL SÍLVIO ROMERO
Projeto editorial integral Eduardo Rodrigues Vianna

Muitas versões atuais do conto de fadas fazem apenas referências ao original, mantendo um traço mínimo da história conhecida. Com isso, permite a elaboração intertextual do leitor. Como exemplo podemos citar ainda o filme da Disney *Malévola*, que usa o conto A bela adormecida como base para um conto bem diferente do texto que está sendo lido, ampliando o leque cultural de leitura.

Uma das características mais recorrentes das versões contemporâneas tem sido a humanização de personagens que, de modo geral, aparecem no conto tradicional de forma estereotipada. Isso conduz a outro tipo de identificação entre leitor e personagem, enriquecendo a releitura e relativizando a construção prototípica de bruxas, fadas, princesas e príncipes. A madrasta, por exemplo, não precisa ser, necessariamente, má e invejosa e, ainda que o seja, sua apresentação se pautará pelo humano, por razão que, independentemente de serem justas ou não, apontarão para alguém capaz de sentir, seja amor ou ódio.

Há versões divertidas que, inclusive, mostram princesas em situações cotidianas, como em *Malévola*: onde a fada má ganha emoções como amor, preocupação e instinto materno. Assim pode-se reafirmar a importância dos contos de fadas, em que a literatura permite lidar com as mais diferentes emoções.

1.3 Cinema: uma importante ferramenta no resgate da leitura.

É inegável que o cinema tem atraído a atenção das pessoas em geral, e sua popularidade tem se expandido cada vez mais, os alunos não são exceção. Por que não agregar esse recurso às aulas? Uma vez que estudos vem apontando-o como uma ferramenta eficiente no resgate da leitura de determinadas obras literárias.

No que se refere à inserção do filme em sala, o vídeo é uma das tecnologias que mais tem se destacado nos últimos anos. Embora esta seja uma tecnologia de fácil acesso, os professores ainda apresentam dificuldades para incorporá-la como um recurso educacional, fato esse que pode se observar na pesquisa feita pelas alunas Coelho e Viana, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)— publicada na *Revista da Educação Matemática*, vol. I 2011, pertencente à própria instituição — essa pesquisa foi realizada por meio de questionário para os professores de Matemática e Biologia, de 63 docentes pesquisados foram obtidos os seguintes resultados:

Sobre o perfil do professor pesquisado, um dado importante é que 41% dos respondentes lecionam há mais de 15 anos; 19% entre 10 e 15 anos; 18% entre 5 e 10 anos e 22% há menos de 5 anos, o que significa que grande parte deles tem ampla experiência de ensino. No entanto, esta não é a situação de respondentes por departamentos [...] Indagando se os pesquisados tinham ou não conhecimento de que o cinema pode ser utilizado para fins educativos, ou seja, se já leram a respeito, ou se já ouviram falar desse recurso de ensino, 79% responderam que não. (Revista da Educação Matemática da UFOP, Vol I, 2011)

Se a experiência profissional for a chave para uma melhor fundamentação para a utilização dos novos meios de ensino em que os docentes devem estar mais preparados para as inovações educacionais, vê-se que no âmbito desta pesquisa isso parece não ocorrer, pois a maioria (79%) dos pesquisados não tinha conhecimento da utilização de filmes em sala de aula.

A Escola deve acompanhar as novas tendências, para poder preparar seus alunos para uma sociedade que está em constante movimento, avançando tanto tecnologicamente quanto intelectualmente. Por esta razão não pode restringir-se à um único modelo educacional, o aprendizado verdadeiro só se dá por meio da interação. Do seu envolvimento com o mundo, ultrapassando os limites da sala de aula.

O acesso à informação nunca foi tão fácil e graças aos novos meios de tecnologias o acesso aos livros e à escrita também foi facilitado, contudo, alguns professores não têm explorado o potencial da utilização da tecnologia para incentivar os alunos a desenvolver o hábito da leitura, e se continuarem ignorando as mudanças que vem ocorrendo no meio social, os alunos irão permanecer acreditando que as leituras da escola são entediantes e maçantes. Dentro desta visão, o objeto livro acaba se tornando uma das formas de expressão vinculadas somente aos processos de ensino e aprendizagem no âmbito escolar.

O uso de filmes na escola pode contribuir para o enriquecimento cultural/ideológico dos alunos, além de resgatar a importância da leitura para o desenvolvimento da linguagem no ensino de Língua Portuguesa, ampliando as possibilidades de leitura tanto na sala de aula quanto fora dela. Como já foi dito antes, as novas tecnologias são importantes ferramentas, podendo assim contribuir para que os jovens experimentem outras formas de aprendizado. Com isso reiteramos que a escola tem um papel crucial na formação de leitores cada vez mais qualificados para compreender claramente os textos de maneira mais complexa, tudo que lhes for apresentado, tornando-os indivíduos críticos.

Esta abordagem pode ser mais adequada ao trabalho com os Temas Transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. Em princípio, todos os filmes – “comerciais” ou “artísticos”, ficcionais ou documentais – são veículos de valores, conceitos e atitudes tratados nos Temas Transversais, com possibilidade de ir além deste enfoque. Neste sentido, o cinema é um ótimo recurso para discuti-los, Napolitano (2009).

O filme, é indicado como um texto capaz de gerar debates, pode-se observar essa ideia nas discussões temáticas que são sugeridas por Napolitano. Mas o tema, segundo ele, é apenas o início do estudo de sua relação com a linguagem da produção cinematográfica. Partindo desse ponto de vista percebemos que existe uma gama de material que o professor pode utilizar para fazer com que os seus alunos tenham a possibilidade de compreender a leitura das ações e do tema proposto no filme. Por exemplo, a observação necessária da linguagem construída pelo produtor do filme, seus modos de produção simbólica, para a veiculação estética e ideológica do conteúdo temático.

O fato de as obras cinematográficas serem tratadas como textos geradores de debates não isenta o professor de problematizar o tratamento – estético e ideológico – que o filme desenvolve sobre os temas a serem debatidos. Os filmes, como qualquer obra de arte, comunicam e perturbam o espectador mais pela maneira, pela forma como os temas são desenvolvidos, do que pelos temas em si. Por isso, os vários aspectos da linguagem não devem ser menosprezados: os ângulos e enquadramentos da câmera, o tipo de interpretação sugerida pelos atores, a montagem dos planos e sequencias, a fotografia (texturas e cores da imagem que vemos na tela), enfim, a narrativa que conduz a trama Napolitano (2009).

Neste sentido, pode-se dizer que a leitura e compreensão de um filme, partindo de uma referência analítica, estética e ideológica, significa preparar o olhar do leitor/espectador para uma visão competente na leitura, para desvendar não somente as ideias que estão explícitas, mas também compreender as informações que se encontram implícitas. E para uma abordagem mais direta torna-se necessário a utilização dos recursos audiovisuais. A leitura dos textos audiovisuais é rica e complexa, essa complexidade não pode ser tratada simplesmente como uma abordagem superficial de seus conteúdos literais, deve ir além...

Segundo Kenski (1996), ao parar para tentar compreender o nascimento de uma ideia a partir de uma imagem é possível constatar que na sociedade tradicional a

escola era o lugar privilegiado do saber, onde o professor era a única fonte do conhecimento necessário para se viver em sociedade, assim o audiovisual estava limitado ao som da voz do professor, aos textos dos livros ou o que era escrito na lousa. No entanto, essa sociedade mudou e a escola também deve acompanhar esse processo de mudanças.

Na realidade, sem a divulgação adequada das novas tecnologias (TICs) em ambientes onde as pessoas vivem, trabalham, estudam, não haverá uma integração fluente e natural. Para que ocorra a introdução dessas ferramentas no espaço escolar, os educadores terão que ser preparados para utilizar os novos meios de ensino, buscar maneiras de utilizar esses meios no processo de ensino-aprendizagem incluindo-os ao atual currículo escolar, considerando a realidade de cada instituição de ensino. A interação e articulação das TICs com o ambiente escolar favorecem e estimulam o aprendizado, levando em conta que algumas dessas tecnologias já fazem parte do cotidiano de professores e alunos.

A escola não pode se fechar para o mundo moderno, ela é sim um local de tradição cultural, mas também de produção cultural e social, ou seja, deve produzir e assimilar novas culturas, sem ignorar suas origens, todavia adequando-se a novas metodologias. Sendo assim, a discussão que propomos, está direcionada para uma alfabetização da imagem, uma vez que:

[...] somos todos da geração alfabética – a da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do livro, do artigo. Somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons [...] Nossa alfabetização é parcial e não total [...] Sabemos ler apenas os textos e não imagens, sons, movimentos. (Kenski, 1996, p. 132)

Entende-se então que, se o cinema está presente na vida de todos, ele não pode ser simplesmente desconsiderado, ficando à margem do sistema educativo, principalmente porque ele pode ser uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento social dos educandos, auxiliando-os em suas competências linguísticas, além de promover afinidades com os estudos. Tomando como base esse contexto, defende-se a ideia de que o uso de produções cinematográficas sejam aproveitadas na escola como um meio de aproximar o aluno da literatura. E para tanto, faz-se necessária uma ampla contextualização com o material pedagógico utilizado para estimular o amadurecimento intelectual do estudante.

De acordo com a autora vive-se em uma geração que não é capaz de ler e interpretar os símbolos, por isso ele afirma que não estamos preparados para ter uma visão

mais crítica. Ao pensar nesse contexto simbólico buscar-se-á a utilização de uma abordagem compartilhada onde serão trabalhados contos e filmes que retratam a trama de *A bela Adormecida*, entre outras, essas obras são parte de um legado cultural, e podem contribuir para um resgate da leitura nas escolas do ensino fundamental, considerando que esses alunos perderam o interesse por ela. Buscar-se-á despertar esses jovens leitores para uma possível leitura e análise crítica dessa obra, espera-se que este trabalho possa servir de incentivo para que os alunos possam ter uma formação de leitores críticos, para a exploração de outros gêneros, além de fazer da leitura esporádica um hábito.

TEORIA SOBRE A GÊNESE DO CONTO DE FADAS

2. O conto de fadas e a tradição oral

Pode-se afirmar que os contos de fadas têm origem celta e surgiram como poemas que traduzem amores eternos, estranhos e até fatais. Os celtas, inicialmente, ocuparam a região do alto Danúbio e no decorrer dos séculos, graças ao comércio e a invasão territorial, espalharam-se por grande parte da Europa, concentrando-se, especialmente, ao norte da Europa Ocidental (atualmente Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales). Jamais chegaram a formar um império, tampouco possuíram um governo centralizador, eram divididos em tribos e cada uma delas tinha seu próprio líder. Apesar de sua descentralização estatal, era um povo unido pela língua, religião e costumes. Muito do que se sabe dos celtas provém de escavações e pesquisas que datam de seu próprio aparecimento no continente europeu, por volta de 2000 a.C.

Quanto à religião, os celtas eram politeístas, suas crenças estavam intimamente ligadas à natureza e ao culto da mãe terra. Extremamente místicos acreditavam na existência de outra vida e atribuíam as armas, por eles forjadas, um caráter mágico. Posteriormente, foram conquistados pelos romanos, no entanto, sua influência cultural permaneceu entre os conquistadores, os romanos estabeleceram elos entre muitas divindades celtas e seus próprios deuses.

Como não possuíam um sistema de escrita, a tradição oral celta permaneceu sem registros gráficos até o século VII com a transcrição do poema *Beowulf*⁴. A maioria das criações dos celtas foram transcritas somente no século XV com os *Mabinogion* (quatro poemas escritos em gaulês), em que são narradas histórias do Rei Arthur e Os Cavaleiros da Távola Redonda. Foi através dos celtas que os contos se espiritualizaram como aventuras heroicas “ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visam à realização interior do ser humano” Coelho (1987).

A figura da fada também é uma das heranças culturais deixadas pelos celtas. Sua cultura, posteriormente viria a influenciar as novelas de cavalaria. Os romances

⁴ Considerado ao lado de sagas escandinavas, um dos mais belos e importantes textos épicos da Europa anglo-saxã e nórdica. Narra as aventuras de Beowulf, sobrinho do rei nórdico, Hygelac, na Dinamarca do século VI.

cortesias, as baladas e as cantigas de amor e amigo, na Era medieval, que mais tarde deram lugar aos Contos de fadas e à Literatura Infantil.

De acordo com Coelho (2003), “os contos de fada, propriamente ditos, são variações do conto popular. Sua natureza é de cunho espiritual, ético e existencial, onde o herói ou a heroína enfrentam grandes adversários e passam por duras penas antes de triunfar sobre o mal”.

Os contos clássicos, por sua vez, nasceram na França do século XVII, na corte do rei Luiz XIV, tendo como precursor Charles Perrault. Direcionado às pessoas adultas, no entanto, fontes históricas mostram sua origem antes do nascimento de Cristo e só a partir da Idade Média é que foram conhecidos pelos Europeus.

Perrault dedicou-se a escrever suas obras a partir do recolhimento de narrativas orais, porém os contos redigidos por ele não eram, como já foi mencionado, destinados às crianças, vinham atender à necessidade de valorização da Literatura Francesa em relação aos clássicos greco-romanos, até então ditos superiores, conforme destaca Coelho (2003):

Perrault foi um dos mais inflamados participantes da polêmica que ficou conhecida como “querela dos antigos e modernos” que marcou o declínio da era clássica e Racine, Boileau, La Fontaine e outros que defendiam o maior valor dos antigos clássicos latinos em relação aos modernos Franceses, Perrault torna-se defensor dos últimos (COELHO, 2003, p.75)

A partir de então, Perrault volta-se para a redescoberta da narrativa popular maravilhosa, culminando um ano depois com *Os Contos da Mamãe Gansa* (1862). Embora não tenha sido especialmente destinado às crianças, graças aos enredos fantasiosos e à aparente simplicidade do texto acabaram por cativar esse público, servindo de orientação para a formação moral dos filhos da burguesia que, parafraseando Almeida (2006), serviram de parâmetro, sobretudo as meninas, pois muitas das histórias eram modelo para o papel da mulher, desde a infância até a maturidade, enfatizando a importância do casamento e da constituição de uma família como requisito indispensável para uma vida feliz.

Segundo Coelho (2003), etimologicamente, a palavra “fada” vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, fado, etc.). Por analogia os “contos de fadas” são denominados

conte de fées na França, *cuentos de hadas* na Espanha, e *racconti de fate* na Itália. Assim percebe-se que o termo está presente nos principais idiomas europeus e no sentido literal, refere-se a histórias fantásticas fantasiosas. Atualmente, engloba uma variedade de narrativas que possuem elementos “atemporais”, apresentam heróis ou heroínas, quase sempre jovens, com muita coragem e infinitas habilidades, capazes de vivenciar estranhas aventuras, com uma dose de magia que os conduzira a um destino quase sempre feliz.

Geralmente a história se desenvolve com o objetivo de mostrar um sentido moral. No caso do Brasil, assim como também em Portugal, os contos de fadas surgem em fins do século XIX com o nome “Contos da Carochinha” e somente a partir do século XX é que esta denominação foi substituída por “contos de fadas”, como ainda hoje são conhecidos.

Pode-se considerar que as fadas são entidades fantásticas dotadas de características europeias, principalmente da Europa ocidental. Geralmente são mulheres de beleza extraordinária, imortais, com poderes sobrenaturais. Também podem ser diabólicas, são as bruxas, vistas como megeras, desprovidas de beleza e de bondade, que caracterizam fadas boas. Conforme destacada Coelho: “na maioria das tradições, as fadas aparecem ligadas ao amor, sendo elas próprias as amadas, ou sendo mediadoras entre os amantes.” Coelho (1987).

Segundo alguns estudiosos os contos de fadas surgiram como forma de produção e organização social pré-capitalista. Eles representam, com seus personagens, valores burgueses que surgiram e se consolidaram entre os séculos XVII e XIX. Os personagens apresentados possuem inúmeras funções dentro da narrativa, dando ênfase à questão social. Assim, sociólogos questionam o desenrolar dos contos, pois, segundo eles, estimulam a alienação provocadas pelas resoluções mágicas. Longe disso, mesmo as crianças mais inocentes conseguem perceber a simbologia presente nessas narrativas envolvendo-se com o lúdico, mas sem alienar-se por ele, vide Machado:

Nada disso é para ser entendido literalmente. É tão evidente que nem passa pela cabeça de alguém duvidar. Mesmo dos menoresinhos. A linguagem poética é simbólica, colorida, metafórica. Querer tomá-la ao pé da letra é dar um triste atestado de ignorância sobre como se passam as coisas no processo leitor. (MACHADO, 2002.pg 78)

Simbolicamente, as diferentes narrativas compõem um belo mosaico das relações sociais, refletem os anseios de ascensão social que caracterizavam a época em que se difundiram, ressaltando a preocupação popular com as condições de vida duras e difíceis. Contando histórias de mulheres condenadas à rotina do trabalho doméstico, tecelãs, cozinheiras, sapateiros, alfaiates, lenhadores, camponeses ..., todos aptos a enfrentar um trabalho árduo motivados pelo sonho de dias melhores.

Os contos de fadas têm sofrido muitas alterações ao longo do tempo. Hoje, em pleno século XXI, os contos têm muito a nos dizer, pois apesar de caracterizarem-se como obras infantis, na verdade, são dotados de significativa herança cultural, repleta de sentidos para a nossa vida, ainda que alguns estejam ocultos. Deixaram de ser mera fonte de entretenimento, passando a ser vistos como fonte rica de conhecimento. Assim, como diz Coelho:

O onírico, o fantástico, o imaginário deixaram de ser vistos como pura fantasia, para serem pressentidos como portas que se abrem para verdades humanas ocultas. É por meio dessa perspectiva que os contos de fadas, as lendas, os mitos etc. Também deixaram de ser vistos como 'entretenimento infantil' e vêm sendo redescobertos como autênticas fontes de conhecimento do homem e de seu lugar no mundo. (COELHO, 2003, p. 17).

Algumas dessas mudanças devem-se a Charles Perrault, que de maneira inconsciente colaborou para que acontecessem, recuperando contos populares esquecidos, através de um estudo simples e natural, com o intuito de entreter a corte, mas que anos depois, serviriam para entreter as crianças.

Os contos de Perrault, agora vistos como histórias infantis, foram severamente criticados pela pedagogia do Iluminismo, pois acreditavam que tais contos afastam as crianças da realidade. Caso semelhante ocorreu na Alemanha, onde pedagogos denegriram a imagem dos contos de fadas, afirmando que eram histórias fantasiosas, contadas por mulheres ignorantes, que não possuíam intelectualidade.

Apenas em meados do século XVII é que a literatura infantil se renovou e o conto de fadas passou a ser um veículo essencial na transmissão de lição de moral, elaboradas especificamente para crianças. Todavia, a controvérsia gerada em torno do conto de fadas continuou a marcar a literatura infantil do século XIX, tais divergências não impediram que, por volta de 1846, os contos de Andersen fossem traduzidos para o inglês e se popularizaram por toda Europa.

Em Portugal, devido ao rígido sistema religioso, a publicação dos contos de fadas foi proibida entre o século XVII e o início do século XIX. Há quem os considere encantadores, como há quem os rejeite como perturbadores. Nos seus estudos sobre as implicações de contos de fadas na infância, Regina Ribeiro Mattar (2007), por exemplo, refere que por volta dos séculos XVII e XVIII, defendia-se a ideia de que os contos de fadas prejudicavam a educação das crianças, baseada no facto de que estas, já bastante imaginativas, poderiam ser iludidas ainda mais com a leitura deste tipo de contos. De acordo com a autora, afirmava-se que os contos de fadas promoviam a credulidade das crianças, conduzindo-as ao mundo de fantasia e não permitindo que se preparassem para o mundo real que teriam, inevitavelmente, de enfrentar.

Somente após esse período é que apareceram registros de tradução dos contos de fadas para o português, mas sendo adaptados à realidade nacional, a exemplo de outros países europeus que fizeram as adaptações a seus usos e costumes.

Apesar da grande evolução histórica, os contos de fadas ainda hoje não deixam de encantar e interessar a gerações inteiras, de diversos países e diversas culturas. Pode-se afirmar que essas narrativas são uma tradição sempre renovada pelas demandas do homem que, embora marcado pelo tempo em que vive, atualiza sempre os mesmos sentimentos, amor, medos (da morte, de crescer, de amar), culpa, angústia, amizade, raiva, etc.

Bettelheim (1980) foi quem demonstrou, em seu estudo pioneiro sobre a relação entre a psicanálise e o conto de fadas, a importância que essas histórias assumem na estruturação emocional da criança. O autor identifica nos contos de fadas os principais conflitos que, segundo a psicanálise, acometem o ser desde a primeira infância. O escritor advoga a ideia de que essas narrativas ajudam as crianças a desenvolverem e organizarem seus recursos interiores, na medida em que trabalham simultaneamente com a emoção, com a imaginação e com o intelecto.

Dessa forma, adotar os contos de fadas significa render-se ao gosto pela fantasia e pela imaginação, entretanto, a respeito da importância deles para a educação infantil, verifica-se que muito têm contribuído para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Para corroborar essa ideia CORSO&CORSO nos falam que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que

elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados concertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso com essas ferramentas podemos também criar, construir, e transformar os objetos e os lugares. (CORSO & CORSO 2006. p 303).

2.1 O conto de fadas e a psicanálise

Os contos de fadas são uma forma literária dedicada ao público infantil, muito difundida na literatura tradicional. Originalmente eram concebidos como entretenimento para adultos, pois o conteúdo dessas narrativas era carregado de exibicionismo, crueldades e relatos de abusos sexuais explícitos. De caráter popular, eram contados em ambientes onde os adultos costumavam se reunir.

Contar histórias é atividade muito antiga. Até os profetas já falavam dela. Assim, o mais importante que o homem acumulou de sua experiência foi sendo comunicado de indivíduo, de povo a povo. Contar em latim é *computarem*, abreviando de *computare*, do qual se originou o vocábulo francês *compter*. Então contar é o compitô ou conto dos fatos (GÓES, 1991, p.125, grifos do autor).

De acordo com Coelho (2003), a disseminação dessas histórias resulta de um conteúdo comum, consciente e inconsciente, moldado pela mente de diversas sociedades por onde veio se propagando, carregando em cada lugar uma nova identidade ou uma nova versão. O fato é que essas histórias há muito difundidas foram transportadas com grande sucesso para os quartos das crianças e floresceram na forma de entretenimento e edificação.

Enfim, essas diversas fontes, levadas através dos tempos, para diferentes regiões, por peregrinos, viajantes, invasores, foram-se misturando umas às outras e criando as diferentes formas narrativas “nacionais”, que hoje constituem a literatura infantil clássica e o folclore de cada nação (COELHO, 2003, p. 31)

Assim como as demais narrativas populares retratam de forma singela as linhas gerais de comportamento, nos seus aspectos psicológicos, culturais e linguísticos, os contos de fada, que ganharam status definido, falam-nos numa linguagem simbólica, apresentando situações inusitadas e até mesmo improváveis como comuns, algo que poderia acontecer com qualquer pessoa, talvez por isso constituam-se num poderoso legado cultural de diferentes povos.

Como obra literária, esses contos exercem a magia e o encantamento, atendendo à finalidade de provocar o prazer. Além disso, são também substância cognitiva, que contribui para a tomada de decisões do indivíduo perante seus problemas. Uma obra literária pode possuir, concomitantemente, a função de provocar prazer, formar conhecimento de uma realidade objetiva ou psicológica e, até mesmo, filtrar sentimentos e dores internas.

Diante de todas essas possibilidades funcionais, esses contos deixaram de ser utilizados somente como fontes de entretenimento, assumindo a posição de literatura formadora de consciência dentro da vida cultural das sociedades, principalmente no que se refere à formação infantil. Esses contos tornaram-se objeto de análise de estudiosos do comportamento humano e do desenvolvimento psíquico, sendo vistos por eles como um poderoso instrumento de intervenção psíquica.

No século XX, em particular, surgem tentativas significativas de alguns psicólogos de interpretar determinados elementos dos contos de fadas como manifestações de desejos e medos. “Como depósitos de um inconsciente cultural coletivo, os contos atraíram a atenção de psicólogos e psicanalistas, entre os quais se destaca o renomado psicólogo infantil Bruno Bettelheim” Tatar (2004)

Bettelheim em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (1980) defende que a literatura de contos de fadas além de oferecer à imaginação da criança novas dimensões que seriam impossíveis de descobrir por si só, também contribuem para o seu crescimento interior. Para ele os contos de fadas são verdadeiras obras de arte, plenamente compreensíveis para o novo leitor, como nenhuma outra forma de arte consegue ser. “Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança, como nenhuma outra obra de arte é.” (BETTELHEIM, 1980, P. 20).

No decorrer de toda a sua obra, Bettelheim destaca a importância singular que esses contos têm para a estruturação da personalidade da criança.

Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. (BETTELHEIM, 1980, p. 32)

O psicanalista mostra as razões, as motivações psicológicas, os significados emocionais, a função de divertimento, a linguagem simbólica do inconsciente que estão subjacentes nos contos infantis, revelando significados ocultos, que podem e são perfeitamente decifrados pelas crianças.

O conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a estória parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conteúdo do conto escolhido usualmente não tem nada que ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis. (BETTELHEIM, 1980, p.33)

Curiosamente, Bettelheim não considera as narrativas de Andersen como contos de fadas, alegando que eles não têm o final feliz de tantos outros contos conhecidos e argumenta ainda que, além do desfecho trágico, os personagens dessas narrativas não passam por nenhuma transformação. Em sua obra, ele se detém em analisar os contos do escritor francês Charles Perrault e dos alemães, conhecidos como Irmãos Grimm, por se tratarem estes últimos principalmente de contos que enfatizam o triunfo do bem sobre o mal, ou seja, “a recompensa do bom e o castigo do mal”, culminando invariavelmente em um final feliz.

Entretanto, é importante ressaltar que, apesar do fato de não serem analisados por Bettelheim, os contos de Andersen podem e devem ser considerados depositários de valiosos conteúdos inerentes à vida infantil, e, sobretudo, condizentes com as suas realidades mais profundas.

2.2 A importância dos Contos de Fadas.

Os contos de fadas vivenciados durante a infância ajudam no desenvolvimento dos pequenos de modo geral, através das histórias lidas ou contadas, é possível que eles experimentem diferentes estados afetivos, simulando ou não a vida real. Veremos a opinião de CORSO & CORSO a respeito disso:

A importância dos contos tradicionais para a construção e o desenvolvimento da subjetividade humana já foi estudada e demonstrada, especialmente por Bruno Bettelheim em seu livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Essa obra foi uma experiência pioneira em interpretar exhaustivamente os contos de fadas a partir da teoria psicanalítica, ressaltando que seu uso pelas crianças contemporâneas visa ajudá-las na elaboração de seus conflitos íntimos. Ele acreditou encontrar na eficácia psicológica dessas tramas o motivo de sua perenidade e, com base nessa hipótese discorreu sobre uma série de características da infância (CORSO & CORSO 2006, p. 21 e 22)

A primeira questão a ser respondida é qual a importância de as crianças lerem os contos de fadas. Podemos considerar essas histórias como sendo clássicas. Calvino (1993) define o clássico como “um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. O que nos faz supor que, além de ser lido na infância, a leitura na vida adulta ainda terá algum significado. A respeito disso, Bettelheim (2007) afirma que a importância da leitura do conto de fadas pelas crianças estaria relacionada a quatro aspectos fundamentais: a fantasia, a recuperação, o escape e o consolo. Destes quatro, o autor enfatiza o consolo como sendo o mais importante porque “requer que a ordem certa do mundo seja restabelecida; isto significa o castigo do malfeitor, equivalente à eliminação da maldade no mundo do herói”. Assim, a criança teria o consolo de que apesar de todas as dificuldades, o bem sempre vencerá o mal e a ordem será restabelecida.

Bettelheim (2007) lembra ainda que “o consolo é o maior serviço que o conto de fadas pode prestar à criança: a confiança em que, apesar de todas as tribulações que tem de sofrer, não apenas ele terá sucesso, como as forças do mal se extinguirão e nunca mais ameaçarão a paz de sua mente”. O que faria com que a criança se sentisse mais segura em relação a acontecimentos do seu cotidiano como, por exemplo, quando a mãe a deixa na escola, compreenderia com mais facilidade que a sua espera seria recompensada com a volta da mesma ao final do dia, assim como João e Maria que são abandonados na floresta, passam por várias dificuldades, mas conseguem retornar ao lar no final da história, sendo a bruxa castigada pelo mal que fez. Nesse exemplo, Bettelheim enfatiza a autonomia

conquistada pela criança em sua travessia para a fase adulta, ao sair de casa e enfrentar perigos do mundo.

Obviamente, essas considerações apontam para o efeito sanador do conto tradicional, seus aspectos psicanalíticos e, sobretudo, as questões simbólicas que envolvem um conto de fadas. Porém, Darnton (2011) não concorda com essa visão dos contos de fadas. Com um olhar de historiador ele tinha uma postura diferente perante esses contos, assim, para ele, os contos tradicionais, histórias que eram recontadas oralmente entre camponeses com fins de distração e de educação moral, por meio das dificuldades e dos finais, muitas vezes, infelizes dessas histórias.

Esses contos, do ponto de vista de Darnton, falavam do mundo real dos camponeses e não tinham como destinatários principais as crianças. É ao longo do tempo que a ideia de criança, como a concebemos hoje, vai se constituindo, e os contos populares ganham versões adaptadas para esse público, como as dos Irmãos Grimm, cujos finais sempre são felizes, e é nessas versões adaptadas, escritas para crianças que Bettelheim baseia seus estudos. Para Darnton (2011), essas histórias seriam uma representação de situações vividas pelos camponeses da época do Antigo Regime (sociedade aristocrática, pré-capitalista e anterior à Revolução Francesa), como a morte prematura das crianças, a infância negada, a fome e a morte das mães durante o parto, o que explicaria o grande número de madrastas. Segundo o autor:

Os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram. (DARNTON, 2011, p. 26).

Essa afirmação explicaria as versões modernas como forma de acompanhar o desenvolvimento dos ideais da sociedade como, por exemplo, a história de Branca de Neve que se encerra com casamento feliz da personagem com o príncipe, deixando de lado o castigo dado à madrasta de dançar com sapatos em brasa até a morte. O que seria uma forma de proteger a infância atual, a qual não estaria preparada para esse final brutal, dados os princípios dessa geração. Porém, Bettelheim (2007) defende que a criança necessita conhecer esse final brutal sofrido pelo mal como forma de consolo.

Para tanto, diz que “embelezados ou expurgados, os contos de fadas são rejeitados, com razão, por qualquer criança que os tenha ouvido na forma original”, o que deixa claro o desejo da criança de saber que a justiça foi feita e o mal foi castigado. A abordagem de Bettelheim pode ser relativizada se considerarmos que existe uma distinção clara entre um conto de fadas conforme a estruturação tradicional e versões que se abrem ao simbólico, ainda que rompendo com a estrutura usual, mantém o consolo defendido pelo psicanalista. Afinal, mantêm-se elementos como a luta entre o bem e o mal, apesar de evitar o discurso maniqueísta, a ação continua a acontecer em um local que na Idade Média era temido: a floresta, e o herói segue como uma construção fundamental.

Assim sendo, não podemos negar a importância da leitura dos clássicos pelas crianças, principalmente na escola, pois, segundo Calvino (1993), ela “deve fazer com que você conheça, bem ou mal, certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos”, ou seja, a instituição de ensino deve proporcionar aos alunos o contato com esses contos, para que o leitor se identifique e o adote como sendo seu.

2.3 O uso das mídias televisivas no Gênero Conto de Fadas

O conto de fadas é um mundo habitado por seres fantásticos: fadas, magos, bruxas, anões, gigantes, gênios, princesas, animais falantes, etc. Tudo o que acontece nele, por mais estranho que possa parecer, é cercado de encantamento e magia. O bem sempre vence o mal e os finais são “felizes para sempre”, de acordo com Machado (1994).

Segundo Pondé (1985), os Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, consagraram-se graças às versões dos contos populares que recolheram e publicaram, tornando-se sucesso no mundo todo. A autora nos mostra como os Irmãos Grimm reaproveitaram as fontes populares em sua forma de contar essas histórias, demonstrando uma forma diferente da de Perrault, mas sem deixar de ser igualmente bela e poética.

Os clássicos contos, devido a seu caráter atemporal, ganham nova roupagem, diante de um ponto de vista mais moderno, entretanto sem perder a magia, muitas dessas narrativas ganharam as telas de cinema e televisão. Inspiradas nos contos originais temos filmes com enredos belíssimos, que captam as mentes não só de crianças, mas de jovens e adultos.

O gênero conto de fadas continua a estimular a imaginação das pessoas, e ainda pode e deve ser trabalhado nas escolas, basta adequar a maneira como o tema será abordado a idade da turma em questão.

Essa nova modalidade de ensino, agregada as tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. Cada vez mais, fazem parte do nosso cotidiano e, assim como a tecnologia da escrita (adquirida durante o processo de alfabetização) deve fazer parte do letramento escolar. Reconhecer os múltiplos letramentos no processo escolar se mostra urgente e necessário, principalmente no Brasil, onde há grande variedade cultural acompanhada de profundas desigualdades sociais, e, por isso, corroboramos com a ideia de que a escola, enquanto instituição de ensino, precisa valorizar as práticas de letramentos que os alunos já possuem, antes de chegarem a ela, do contrário, continuará ocorrendo a colisão entre o que o aluno traz de casa com o que é “imposto” por ela. Essa colisão, na visão de Soares (2007), deve-se ao fato de que:

[...] em um país tão grande como o nosso, com tantas e tão marcadas diferenças culturais e linguísticas, entendo aqui por subculturas as culturas de grupos de diferentes condições sociais e econômicas, com diferentes níveis de acesso aos bens culturais, com diferentes graus de acesso a material escrito, portanto, grupos que atribuem diferentes valores às práticas de leitura e escrita, que vivenciam práticas sociais de leitura e escrita peculiares. (SOARES 2007, p. 62)

O que mais chama a atenção nos contos de fadas, seja na literatura ou no cinema é a possibilidade de trabalhar sentimentos e emoções, as características sociais/pessoais expressas nos enredos, a possibilidade da identificação com as mazelas da sociedade e os estereótipos cristalizados, e no caso das novas versões, o rompimento desses estereótipos (em alguns casos).

2.4 A CONTEXTUALIZAÇÃO DE NOSSA REALIDADE:

a) Desenvolvimento da história infantil na visão Phillip Airies

Para compreender melhor o histórico social da criança, é válido lembrar a iconografia produzida por Airies, História Social da Criança e da Família (1978) este estudo é uma importante fonte de conhecimento sobre o desenvolvimento da infância, sendo considerada por autores, como Del Priore (2004) e Freitas (2001), como

um trabalho inovador no campo da análise e concepção da infância. Airies traçou um perfil de como era a infância a partir do século XII, no que diz respeito ao sentimento e seu comportamento no meio social da época e suas relações com a família.

Na antiguidade, mulheres e crianças eram consideradas seres inferiores e com isso não mereciam nenhum tipo de tratamento diferenciado, sendo inclusive a duração da infância reduzida. Por volta do século XII a infância era negligenciada era provável que não houvesse lugar para tratamento diferenciado para as crianças uma vez que a sociedade medieval a desconhecia Airies (1978).

Assim foi constatado que a criança era considerada como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, assim que elas se mostravam fortes fisicamente, eram incluídas no mundo dos adultos. A criança dessa época não passava pelos estágios da infância estabelecidos pela sociedade atual.

O que se entende por infância, suas necessidades, todos os direitos infantis, são ideais que surgiram já na modernidade, através de um longo e complexo processo histórico, até a sociedade vir a valorizar a infância. Airies é bastante específico em suas colocações quando trata a particularidade da infância que não será reconhecida e nem praticada por todas as crianças, considerando que nem todas vivem a infância propriamente dita, levando em conta diversos fatores relevantes como às suas condições econômicas, sociais e culturais.

Assim, os sinais de desenvolvimento de sentimento para com a infância tornaram-se mais numerosos e mais significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, pois os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como separação das crianças de classes sociais diferentes.

É necessário expor que, com o desenvolvimento acelerado do capitalismo, o uso da mão-de-obra infantil contribuiu para aumentar essas desigualdades, além de que os valores dados às crianças são os mais diversos e variam de acordo com a época e a classe social Airies (1978).

b) O cenário escolar

Para iniciar a pesquisa partir-se-á da realidade na qual os sujeitos estão inseridos: uma instituição municipal de ensino localizada no município de Marabá, no interior do Estado do Pará, num bairro periférico —A Escola Municipal de Ensino

Fundamental São Félix. O colégio atende crianças e adolescentes numa faixa etária entre 10 e 18 anos, do 6º ao 9º Ano, alguns alunos apresentam uma grande diferença entre a idade real e a idade ideal em que deveriam cursar um determinado Ano, causando uma distorção idade-série.

Quanto à estrutura física da instituição, possui um bom espaço tanto no pátio como nas salas de aula, vale ressaltar que o prédio mesmo tendo uma boa estrutura, não possui biblioteca, laboratório de informática com conexão banda larga, sala multifuncional, auditório, quadra esportiva, área verde e laboratório de ciências. O colégio apresenta uma gestora, uma coordenadora pedagógica, uma professora de Língua Portuguesa que faz parte do quadro efetivo da escola.

Nessa perspectiva, o estudo de um fenômeno considera a relação existente entre o universo real e o sujeito, partindo desse pressuposto pode-se dizer que não há métodos exclusivos. O que deve ocorrer é a interpretação e atribuição de significados a este fenômeno. Este trabalho compreende um projeto de intervenção, que visa trabalhar a literatura de uma forma mais dinâmica, cujo intuito principal é incentivar a leitura, observando como interagem o objeto de estudo (aluno), através do uso de tecnologia e diálogo entre diferentes tipos de textos, seja por meio de produções cinematográficas e mesmo a leitura destes em sala de aula.

Neste trabalho priorizou-se observar, conhecer, compreender e explicar os métodos de ensino com novas tecnologias. A coleta de dados acontecerá no espaço escolar, ou seja, o próprio ambiente educacional, naturalmente, os dados que resultaram da pesquisa de interação, não mensuráveis, embora tenhamos quantificado alguns elementos.

Espera-se colaborar no processo de formação do leitor crítico e autonomia dos alunos do ensino fundamental da escola escolhida, fez-se uso da metodologia da pesquisa-ação participativa para construir e investigar a eficiência de uma intervenção pedagógica. Optou-se pela pesquisa-ação, pois como declara Bagno (2007, p.18) ela é uma —investigação feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto preciso.

Apresentar uma definição única e completa para a nossa intervenção não é algo fácil. A princípio pela própria natureza, ela é simples, cotidiana, mas ao mesmo tempo é complexa, pois é tão diferenciada em sua aplicação. De modo geral, pode-se afirmar que a intervenção apresenta uma metodologia comum às demais pesquisas, pois envolve os processos de diagnóstico, de participação, produção e experimentação.

Para este trabalho acredita-se que a definição mais apropriada é a apresentada por Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2000, p.14).

Na pesquisa-ação, como visto, o delineamento do problema estabelece-se pela necessidade de mudar um aspecto do ambiente, algo que incomoda. Para o presente estudo, considerou-se o desempenho dos alunos em leitura e escrita, no 7º ano do ensino fundamental, como um problema, uma vez que tal desempenho impacta na autonomia e criticidade dos alunos enquanto sujeitos sociais.

A pesquisa-ação consegue atrelar a teoria à prática, como também consegue criticar o já estabelecido e simultaneamente favorece a construção de novos conhecimentos. Para a realização da pesquisa, estabeleceu-se a ideia de investigar a eficiência da intervenção pedagógica na formação do leitor crítico e autônomo.

Na busca da compreensão, serão realizados estudos e leituras que se configuraram como a pesquisa preliminar onde será apresentado o gênero escolhido para os jovens. Diante das informações preliminares colhidas, será estabelecida aplicação de estratégias de leitura em textos escritos e cinematográficos do gênero Conto de Fadas, assim poderá contribuir para a formação do leitor.

Como explica Creswell (2010), fazendo uso de método qualitativo, o pesquisador pode utilizar múltiplas formas de coletas de dados. Para compreender melhor a situação dos alunos, no que tange à leitura, escolheu-se fazer uso de entrevista e exercícios de compreensão leitora.

É inconcebível pensar em ensino de leitura sem considerar o contexto, as complexidades, os desafios, as incompletudes do cotidiano escolar. Para uma postura investigativa, faz-se necessário analisar dados, distanciar-se dos “achismos”, de opiniões especulativas. A atual conjectura requer do educador uma tomada de decisão, que vai além do olhar crítico, exige uma atitude científica peculiar a quem está disposto a alterar o instituído e cristalizado.

Assim para poder obter um estudo científico de forma coesa é necessária uma pesquisa séria e assim os resultados demonstrariam se os usos de novas formas de ensino

poderão ou não melhorar a forma como a juventude vem encarando o ensino e a maneira como eles veem os clássicos da literatura.

O componente curricular envolvido no trabalho é voltado para a Língua Portuguesa, com ênfase na leitura. Para isso será utilizado o espaço escolar: sala de aula onde serão ministrados os módulos selecionados para a aplicação do projeto de intervenção.

c) Contexto da aplicação da pesquisa

A respectiva pesquisa tem por objetivo criar oportunidades aos estudantes de desfrutar momentos de incentivo e aperfeiçoamento da leitura, assim como de (re)conhecimento das características do gênero conto de fadas com o auxílio do professor e com o uso de equipamentos multimídias. No que diz respeito ao levantamento da pesquisa, o presente estudo tem caráter qualitativo.

O que esse trabalho busca em segundo plano, é a instrumentalização dos alunos para que possam atuar como produtores de conhecimento se mostrando leitores cada vez mais competentes, com o auxílio dos meios tecnológicos. E tentar minimizar as dificuldades na leitura e produção de textos, verificar quais os avanços ocorridos durante a aplicação dos módulos de intervenção, além de divulgar as produções escritas oriundas deste processo educacional.

d) Sujeito da pesquisa.

Como foi dito anteriormente o público alvo desse estudo são jovens que estão entre 11 a 15 anos do 7º ano, e com essa pesquisa pode-se notar que os alunos têm graus de aprendizados diferenciados. Com a apresentação do projeto para os alunos, e explicando como seria trabalhado o gênero (conto de fadas), proposto isso fez com que eles se mostrassem bastante animados com uma proposta de estudo mais dinâmica.

A proposta inicial era trabalhar com esses jovens tanto na sala de aula quanto nas dependências da escola (biblioteca, laboratório de informática), mas como a escola não possuía uma estrutura pedagógica que contasse com esses dois ambientes foi preciso improvisar e utilizar o pátio/refeitório para proporcionar um modelo de estudo mais interativo.

Todos os alunos pesquisados foram avisados desde o início, que estariam participando de um estudo e que se quisessem não precisariam assinar seus respectivos nomes nos questionários e em suas produções textuais.

e) Delimitando o corpus de pesquisa.

No que se refere ao corpus utilizado neste trabalho, deve-se ressaltar que a delimitação do mesmo se deu de modo aleatório. Na turma pesquisada de 37 alunos houve um total de 36 produções literárias, de autoria dos próprios sujeitos investigados. Dentre estes foram selecionados 6 contos para análise, considerando a produção inicial e final, para identificar a evolução entre as duas versões.

3. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO GÊNERO CONTO DE FADAS.

3.1 Por que trabalhar com Sequência Didática?

Optou-se por trabalhar com sequência didática na elaboração de contextos de produção de forma mais precisa, por intermédio de atividades e exercícios múltiplos e variados, ligados entre si, com o objetivo de apresentar aos alunos noções, técnicas e instrumentos que possam desenvolver suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação, Dolz (2004).

Como a proposta deste estudo pretende contemplar os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, no qual será trabalhado com esses alunos a sequência com o gênero “Conto de Fadas”, por se tratar de uma tipologia ainda presente na vida dos adolescentes e pressupor que o contato deles com esse gênero seja ainda bem próximo.

A produção final consistirá na criação de um novo texto em que os alunos poderão utilizar, a seu critério, os personagens e os enredos dos contos que leram no percurso das atividades, permitindo, contudo, que demonstrem sua criatividade. Como esperamos que desenvolvam habilidades de comunicação oral, os resultados serão apresentados na escola.

Como já foi dito antes, a Sequência Didática (SD) é um conjunto de atividades que estão interligadas e vai passando de uma mais simples para as mais complexas, uma das características dessa modalidade é permitir que o professor possa diagnosticar as dificuldades dos alunos e com isso ir sanando essas dificuldades.

Por meio da famosa história *A bela adormecida* as versões originais, e a versão moderna *Malévola*, da Disney, além de outros contos e filmes selecionados, por meio da interação do clássico e moderno espera-se observar se os alunos participantes do estudo podem ultrapassar a primeira leitura dos textos, que é a fase de apreciação e passar a questioná-las e a contrapor as ideias, observando as diferentes adaptações e podendo ele próprio produzir outra versão para as mesmas histórias

Os contos de fadas são conhecidos como histórias infantis, em linguagem simples e condensada, cheias de simbolismo e metáforas, que possibilitam o diálogo do aluno com o texto Parreira (2009). O enredo é cativante, num primeiro momento apresenta-se como inocente e sem pretensões. Apresenta um narrador onisciente que sabe

de tudo e até facilita a vida do leitor-crítico/iniciante, esclarecendo fatos e relações. Bettelheim afirma essa assertiva e acrescenta:

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (BETTELHEIM, 2002. p.7)

Ao leitor que se encontra em formação é importante o contato com esse gênero textual para a construção de valores, não somente para aceitá-los como verdade absoluta, mas para conhecê-los e questioná-los, pois, de acordo com Bettelheim, se o aluno não for instigado a isso na escola, certamente não terá outra oportunidade em outros locais. Neste sentido Parreira se refere ao papel dos professores e educadores:

[...] serem os mediadores dessa literatura capaz de entreter e formar os pequenos. Sem didatismos, nem moralismos, nem estereótipos, maniqueísmos e preconceitos. Uma literatura que suscita dúvidas, debates, que traga inquietações. Que não transmita ideias prontas e mastigadas, mas que provoque associações com as experiências de vida dos leitores. Que não estabeleça padrões ou rótulos, mas que mostre diferentes identidades. Que traga uma variedade de expressões literárias e de abordagens. Que mostre uma criança vista de lugares diferentes, do ponto de vista dela e do adulto. Que apresente o dia, a noite, a cidade grande, o caos urbano, o cemitério, a morte, o fascismo, a loucura, as almas penadas. E a memória, a saudade, o passado. O escárnio, o vômito, o escracho. Que mostre o lado escuro e sombrio da nossa existência, para a criança experimentar, por meio das palavras, das histórias, lugares diversos do que ela vive e conhece. Em textos que não agridam a dignidade de ser criança. E que respeitem a sensibilidade dessa faixa etária. (PARREIRA, 2009, p.98)

O trabalho com o gênero Conto de Fadas proporcionará, aos alunos da educação pública, a oportunidade de inserir-se no mundo da leitura e escrita, como personagens da humanidade, contextualizados aos dias atuais. Lembrando ainda que Vygotsky (1935), afirma que o indivíduo aprende com o meio e o meio precisa apresentarlhe situações diversas de aprendizagem para que possa desenvolver-se e tornar-se crítico, e em meio aos Conto de Fadas os jovens se deparam com diversas situações que pode leva-lo a refletir mais profundamente sobre cada elemento apresentado.

3.1 Aspectos da Sequência Didática

A sequência didática é uma técnica simples que compreende um conjunto de atividades que se conectam, e necessita de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem.

Como é bem conhecido, a arte de educar para a sociedade transcende a transmissão de conhecimentos. Somente com esse pensamento é que professores irão assegurar que, através de atividades com sequências didáticas, fornecendo uma variedade de oportunidades para interação entre os alunos e o conteúdo, em uma interação colaborativa, ensinando-os a usar uma larga variedade de fontes de comunicação através da leitura e da escrita.

De acordo com Kleiman (1999), “A leitura poderia ser caracterizada como uma atividade de integração de conhecimentos, contra fragmentação”, nesse sentido, deve-se destacar o fato de que as sequências didáticas são essas atividades escolares de leitura e escrita que, de maneira organizada, produzem resultados positivos em torno de gênero que os professores queiram utilizar, com o objetivo de ajudar os alunos a dominarem o texto base que se trabalha.

Para os alunos do ensino Fundamental, propõem-se trabalhar de forma interativa a leitura de textos de diferentes gêneros (mostrando a várias formas de recontar os contos de fadas), bem como a interpretação e compreensão desses textos, de uma forma lúdica que visa despertar o interesse dos mesmos para a leitura e ao mesmo tempo contribuir com a expressão oral e escrita.

Nesse projeto será desenvolvida uma sequência didática baseada no modelo de Rildo Cosson, em *letramento literário: teoria e prática*, de 2006. Esse autor apresenta aos professores um modelo de sequência básica (para o Ensino Fundamental). A sequência básica compreende quatro etapas: 1) Motivação (preparação do aluno a leitura do texto literário); 2) Introdução (apresentação do autor e da obra); 3) leitura (acompanhamento da leitura por parte do aluno e do professor); 4) Interpretação (construção coletiva, por parte de alunos e professores, do sentido do texto). A etapa da interpretação é vista como resultado das etapas anteriores e, para Cosson (2006)

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente, A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006.Pg 65)

Na fase de expansão da sequência, Cosson (2006), enfatiza a importância de se destacar os processos de intertextualidades, explorando os diálogos possíveis com outras obras, tanto as que a precedem quanto as que lhe são posteriores. Essa proposta parte do ponto de vista do leitor que pode ser levado a pensar crítica e criativamente sobre o mundo a sua volta.

Durante o desenvolvimento do projeto, serão trabalhados autores clássicos como: Perrault, Andersen e os irmãos Grimm, paralelamente, aos autores contemporâneos, como os brasileiros Sílvio Romero, Luís Fernando Veríssimo e Maurício de Sousa. Destacando-se os seguintes gêneros: biografia; resenha; narrativa fílmica; contos; crônicas; cordel; notícia e charge.

Segundo Colomer (2007), “o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural*, no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo”.

Quando os alunos participam de um confronto intertextual, podem perceber as especificidades de cada obra analisada, Kleiman (1999) diz que “quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil é a sua compreensão”. Assim importante considerar-se que:

[...] Os estudantes não leem textos literários para aumentar seus conhecimentos de mundo ou para apreciar a estética desses textos. Eles os leem para atingir objetivos estabelecidos dentro da perspectiva do estudo da história da literatura. Talvez isso contribua para que eles não leiam textos literários ao saírem da escola, pois tendem a associar tais textos com esse estudo. E não são muitas pessoas que estão interessadas em estudar literatura (OLIVEIRA, 2010, p. 173).

Considerando o pensamento exposto acima, deve-se destacar que a sequência didática analisa as capacidades de produção dos estudantes, através de atividades que desenvolvam conhecimento e despertem o verdadeiro prazer da leitura. Para tanto, na concepção de Schnewly e Dolz (2004), uma sequência didática apresenta as seguintes etapas: apresentação da situação, a primeira produção, os módulos e a produção final. Portanto, para eles:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (Schnewly e Dolz, 2004, p. 82)

Já Cosson (2012), adaptando a proposição de Schnewly e Dolz (2004), que é voltada para o trabalho com gêneros textuais, desenvolveu dois tipos de sequências didáticas para textos literários: a sequência básica e a sequência expandida. Segundo o autor, a sequência básica do letramento literário na escola é constituída por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A sequência básica favorece o uso da literatura na sala de aula, com a produção de oficinas de leitura que tem como principal objetivo despertar a curiosidade e o interesse, fazendo com que os alunos venham a interagir com a obra lida. Trata-se de uma prática pedagógica que auxilia e prepara leitores em um processo constante de construção de conhecimentos.

Para melhor compreensão das etapas do projeto, elas foram sintetizadas em um quadro que resume a SD desenvolvida. Com intuito de auxiliar na apresentação inicial da SD. Todas as etapas e atividades serão exploradas de maneira mais detalhada, mais adiante. Como se observa, o quadro expõe as etapas, as atividades específicas, o tempo sugerido e os objetivos principais de cada etapa. Segue o quadro:

ETAPA	OBJETIVO, TEMPO E RECURSOS
Motivação	Preparar o aluno para a leitura do texto, uma hora-aula áudio do conto A Bela Adormecida, Irmão Grimm
Introdução	Receber o texto de forma positiva, uma hora-aula, palestra sobre o clássico e o moderno, três horas-aula apresentação do filme Malévola (2014) adaptação do conto A bela adormecida

Quadro I

O quadro apresentado tem como objetivo demonstrar parcialmente como será trabalhada a proposta de sequência didática, promovendo atividades diversificadas. Assim, será feito um levantamento crítico reflexivo a respeito da problemática e da ausência de práticas com os livros clássicos e adaptados de literatura em sala de aula, para, em seguida, analisar questões principais das obras literárias, tais como, o objetivo de despertar o professor para um aprimoramento da sua prática docente, assim se

preparando para combater problemas atuais, auxiliando com informações que despertem a necessidade de conhecimento do aluno e do professor, enquanto docente, ele é alguém que assume o papel de facilitar o aprendizado, apontando caminhos para a construção do conhecimento, e que está disposto a aprender juntamente com os alunos, conforme o PCN (1998):

Uma rica interação dialogal na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é uma excelente estratégia de construção do conhecimento, pois permite a troca de informações, o confronto de opiniões, a negociação dos sentidos, a avaliação dos processos pedagógicos em que estão envolvidos. (PCN,1998, p. 24)

Oliveira (2013) define os passos a serem seguidos em uma sequência didática:

- Escolha do tema a ser trabalhado;
- Questionamento para problematização do assunto a ser trabalhado;
- Planejamento dos conteúdos;
- Objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem;
- Delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas e avaliação dos resultados.

Diante do que foi exposto, pode-se observar que a sequência didática vem como aparato didático, tem finalidade de ajudar o aluno a trabalhar a leitura e escrita. Vista por outro ângulo, ela é uma forma sistemática de organizar o trabalho com a leitura em sala de aula.

Quando o educando entra em contato com o conhecido e desenvolve experiência com o desconhecido, ele (aluno), adquire acesso a diferentes práticas de linguagem. Para Zabala (1998), as sequências didáticas (SD) são “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais.” Já para Schnewly e Dolz (2004), “a sequência didática procura favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação.” Compreende-se dessas citações que a SD, contem, em sua proposta, meios para a promoção da aprendizagem, cuja produção é elaborada oferecendo condições aos educandos de se desenvolverem e exercerem com propriedade as suas habilidades orais e escritas, com foco no aprimoramento social da sua leitura, no caso, o letramento, mais especificamente, o literário.

No entender de Schneuwly & Dolz (2004), conceito de sequência didática está ligado ao de gênero, oral ou escrito, práticas de linguagem novas em situações de comunicações diversas, sendo o gênero o objeto e instrumento de trabalho no desenvolvimento da leitura:

a) toda introdução de um gênero literário na escola é o resultado de uma decisão didática que busca objetivos precisos de aprendizagem, que se apresentam de duas formas: Aprender a dominar o gênero escolhido, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, para melhor compreender e produzir na escola ou fora dela; e, em segundo lugar, desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que podem ser transferidos para outros próximos ou distantes. Isso implica em uma transformação, pelo menos parcial, do gênero para esses objetivos atingidos e atingíveis com o máximo de eficácia: simplificação do gênero, ênfase em certas dimensões e etc.;

b) ao demonstrar que o gênero funciona num outro lugar social, diferente daquele em que se originou, ele sofre, invasiva, uma transformação. Ele não tem mais o mesmo sentido.

Está claro que a escola deve repensar suas ideias com relação à prática sobre o ensino de leitura em sala de aula, proporcionando, além do gosto pela literatura, uma cultura leitora para que os estudantes se tornem proficientes na sua própria língua, além de organizar atividades que gerem um domínio da expressão oral e escrita em diferentes situações de uso da linguagem. É importante observar com Bordini & Aguiar (1998) que:

Quando o ato de ler se configura, preferencialmente, como atendimento aos interesses do leitor, desencadeia o processo de identificação do sujeito com os elementos da realidade representada, motivando o prazer pela leitura. Por outro lado, quando a ruptura é incisiva, instaura-se um diálogo e o consequente questionamento das propostas inovadoras da obra lida, alargando-se o horizonte cultural do leitor. O dividendo final é novamente o prazer da leitura, agora como apropriação de um mundo inesperado. (Bordini & Aguiar, 1998, p.26)

O professor deve destacar situações didáticas adequadas que possam permitir ao aluno desenvolver habilidades que favoreçam o uso da leitura e da escrita em atividades de ensino. De acordo com os PCN (1998), o professor deve organizar uma sequência de atividades para promover um projeto educativo escolar.

Diante disso, é preciso que seja dito que a opção pelo trabalho com a sequência didática nesta pesquisa se fundamenta pela preocupação em fornecer aos alunos do 7º ano do ensino fundamental, as melhores formas para torná-los efetivamente

leitores através da execução de atividades a serem propostas pelo professor às turmas, em virtude da organização criteriosa do passo a passo de cada etapa, da descrição minuciosa das ações docentes, além da motivação de todos que participam ativamente desse processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, as propostas aqui sugeridas através da SD são fundamentadas por Cosson (2006), dentre outros autores. Ela contém diversas etapas direcionadas ao professor para que ele possa guiar os alunos no processo de leitura, desenvolvendo o gosto pela sensibilidade e criticidade de livros clássicos, na escola e para além dela, notadamente porque objetiva-se o que discute Machado (2002), o desenvolvimento de uma comunidade de leitores que despertem para a leitura desde cedo:

[...] espero que essa seja a maior quantidade de leitores, começando desde cedo, possa também se fazer acompanhar por uma melhor qualidade de leitura – a leitura crítica. Com mais gente lendo mais e melhor, podendo comparar, argumentar, refutar, é bem possível que alguns títulos e autores passem também a ser mais valorizados, abrindo espaço para o cânone. (Machado, 2002, p. 132)

Com a análise voltada para o ensino fundamental, essa pesquisa tem como intuito contribuir para a formação individual do cidadão de modo que no trabalho que se desenvolve com sequência básica, o professor possa executar um conjunto de atividades que permita ao aluno desenvolver o domínio da leitura e da escrita, levando em consideração os gêneros adequados para a produção de texto em uma diversidade de práticas textuais.

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. Trata-se, antes, dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, a um quadro, a uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 1984, 34).

Dessa maneira, de acordo com MARTINS (1984), o professor é um intermediário entre o texto e o leitor, a primeira coisa a se fazer é selecionar os textos que farão parte da proposta de leitura, assim promover as condições onde os educandos se apropriem efetivamente da leitura, pois como afirmam Silva & Silveira (2013): “saindo da condição de mero expectador para a de leitor literário”.

Essa forma de trabalhar atende a uma perspectiva textual que fará com que a escola e respectivamente, o professor, possam fazer com que os alunos venham a se aproximar mais dos textos literários. Assim os novos métodos didáticos e práticas de letramento venham a ser necessários, pois formarão interlocutores mais críticos e conscientes dos processos discursivos, assim compreendendo que a leitura não depende apenas como foi dito anteriormente de um processo de decodificação da escrita, mas do contexto, e no pensamento do autor, a partir do momento em que é lida, ou seja, de acordo com várias situações de leitura e de letramento.

Como a proposta metodológica aqui sugerida, se propõem que se trabalhem atividades que levem em consideração diferentes formas e níveis de textualização, com o intuito de aperfeiçoamento das práticas de leitura e escrita, conforme preconizam Schneuwly & Dolz (2004).

3.2 Desenvolvimento da proposta com a SD

O estudo terá início com a apresentação do trabalho e devera expor para os participantes o porquê de utilizar os contos de fadas, o professor irá expor aos seus alunos o trabalho que será desenvolvido a partir deste momento, esclarecendo que eles irão trabalhar com o gênero conto de fadas e como ele pode ser importante para a sua formação, contudo deverá ser feito um trabalho dinâmico em que sejam abordadas características existentes nos contos que possam remeter à vida cotidiana dos alunos, esse projeto acontecerá em etapas, ou seja, módulos, que se organizam em torno do tema principal. Feitos os esclarecimentos a respeito do trabalho a ser realizado, o professor deverá perguntar aos alunos:

- Você sabe o que é um conto de fadas?
- Conhece algum (s)?
- Normalmente, do que tratam os contos de fadas?

Após essa contextualização que será iniciada com um diálogo onde será observado o que cada aluno sabe ou não sobre o gênero proposto, e de onde vem esse conhecimento, o professor proporcionará aos alunos a possibilidade de expressão oral com intuito de relembrar os contos de fadas que conhecem. Para tanto, realizará um trabalho dirigido, escrevendo no quadro os títulos dos contos mais conhecidos, pelos alunos. Perguntas sugeridas:

- Desses contos, quais vocês conhecem?
- Quem lembra a história de pelo menos um desses contos?
- E os personagens, quem são?
- Como termina a história?

Poderão ser anotadas no quadro, as colocações dos alunos, para verificar os conhecimentos prévios acerca do gênero. O professor deve observar se há participação de todos; se todos já tiveram contato com o gênero; as dificuldades e facilidades dos alunos para expressar oralmente suas ideias ou conhecimentos. Realizada esta primeira etapa do trabalho, segue-se à sequência, que será desenvolvida seguindo o modelo de Cosson (2007), descrito anteriormente.

3.3 Sequência didática para o 7º ano do ensino fundamental

a. Primeiro passo: Motivação

Conforme o modelo de SD proposto por Cosson (2007), o primeiro passo: motivação, nessa etapa o professor deve preparar o aluno para a leitura do texto literário e pensando nisso nos perguntamos como ele faria isso? Para o indivíduo se sentir motivado e se esforçar ao máximo, primeiro ele deve ter um exemplo e nesse caso o professor.

Na função de mediadores de leitura, professores têm oportunidade de tratar de diferentes aspectos que envolvem o universo literário: compartilhar títulos, autores e ilustradores; conversar sobre estratégias e hábitos leitores; refletir acerca dos diferentes sentidos presentes nos textos. Em todas essas situações, apresenta-se, também, como modelo de leitor para seus alunos assumindo o papel de “ensinar a ler”.

Nesse contexto, pode-se destacar que o posicionamento dele (professor) enquanto leitor e pessoa que “ensina a ler” vai além de compartilhar títulos, ler junto e refletir sobre o lido. É isso e muito mais. Quando se coloca como leitor, observa que, muitas vezes, assume também uma postura diante das descobertas sobre a vida e as coisas do mundo, pois a leitura pode despertar o desejo de desvendar aquilo que o inquieta e o atrai de algum modo.

Quando conversa sobre a relação que tem com a leitura e a literatura, o educador torna-se uma peça fundamental no processo de troca e intercâmbio de experiências. Afinal, ao falar informalmente com os alunos sobre os livros de que gosta, compartilha suas idas à livraria e socializa o que de importante tem essas obras literárias para a formação social, o que sente durante a leitura de determinado título, colocando-se numa atmosfera de troca extremamente favorável à ideia de que “viver a literatura” é também criar uma imagem própria de leitor. Dessa forma, contribui para que seus alunos percebam que os livros e a literatura existem dentro da escola e também fora dela. Por isso, cada leitor deve ficar atento à necessidade de ampliar as suas estratégias de busca e compreensão acerca do que lê e também alargar os seus passos rumo ao encontro com os livros.

Nesse contexto, para alimentar essa ideia e refletir a respeito da postura leitora do educador, é válido ressaltar que é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles, é o leitor que deve atribuir significados a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos leem uns aos outros e ao mundo a seu redor para vislumbrar o que são e onde estão. Leem para compreender ou para começar a compreender. Não podem deixar de ler. Ler, quase como respirar, é a função essencial.

Esta primeira etapa da SD tem como ponto principal despertar o conhecimento prévio sobre o tema proposto no texto principal, numa tentativa de aproximar os alunos da leitura, o que demanda uma preparação. O professor, portanto, deve preparar o aluno para o texto com práticas de motivação que estabeleçam uma sintonia entre o texto trabalhado na motivação e o que se vai ler a seguir. Cosson (2007) afirma que:

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muitos naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. (Cosson, 2007, p.54)

Portanto, a motivação deve apresentar mecanismos e ferramentas que possam processar a leitura literária com objetivos concretos que visem mais que a leitura por entretenimento, utilizando um elemento lúdico que permita ao leitor penetrar com mais intensidade na temática/na obra e o ajude no aprofundamento da leitura literária, pois é

influyente na medida em que envolve atividades de leitura, oralidade e escrita. Sobre esse momento, Cosson (2007, p. 26) salienta:

Não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola. Por trás dele encontram-se pressuposições sobre a leitura e literatura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizadas. Daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário. (Cosson 2007, p. 26)

Neste processo, elencam-se diferentes formas e objetivos para atingir o letramento literário, conforme será visto no quadro a seguir:

Cronograma Geral da Etapa de Motivação (1 h/a)	
Módulos Tempo sugerido Observações didático-metodológicas	Apresentação da situação. 15 min Exposição dos conteúdos, das etapas das atividades, e de tudo o que será trabalhado durante a sequência didática. Material necessário: quadro branco, pincel, apagador ou mídias para apresentação de slides (projektor, computador, cabos, etc.).
Trabalhar com conto de fadas para construção do conhecimento	30min para leitura e apreciação dos contos selecionados, estabelecendo inter-relações com as outras modalidades artísticas.
Material necessário	Som, Datashow, quadro branco, pincel, apagador e mídias para apresentação de slides.

Quadro II: esquema de etapa 1.

:

A atividade básica da sequência didática é a leitura, pois “ler é mesmo uma delícia, um grande prazer. Mas só para quem sabe, pois, o prazer da leitura é um prazer aprendido” (LAJOLO, 2005, p. 20). Por isso, todas as propostas que foram apresentadas utilizam tanto o texto visual (filmes), oral como forma de tornar a leitura acessível aos

alunos através das diversas etapas que foram detalhadas na sequência didática, para assim despertar no aluno a curiosidade para a leitura do texto literário central da proposta, proporcionando-lhe o prazer pela leitura e a construção do letramento literário, a partir de atividades diversificadas, as quais procuram orientar o professor e alertá-lo para a necessidade da formação de leitores nas escolas.

Segundo os PCN (1998), formar leitores exige da escola e, principalmente, dos professores, condições favoráveis para que o letramento se estabeleça são recursos que de fato possa fazer com que os estudantes possam se concentrar e parar para ouvir, aspectos temáticos que estarão envolvidos na escuta de textos como, por exemplo, conto em áudio do clássico *A Bela Adormecida*, ou a leitura compartilhada desse e outros contos contados em cordel, citando apenas alguns exemplos.

Os filmes são uma linguagem universal, que possui elementos lúdicos que permitem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e expressivo, além de ser uma atividade divertida e eficaz, possibilitando a aprendizagem de conteúdo, uma ferramenta muito importante e mais interessante para desenvolvimento de valores, já que ajuda na formação do caráter, na inteligência emocional e na construção da identidade do cidadão, pois, interfere na criação da personalidade do indivíduo, neste caso, o aluno.

O entendimento de textos orais ou televisivos de forma intertextual é um recurso didático que permite ao aluno desenvolver o gosto pela leitura, observa que eles: passam uma mensagem e revelam a forma de vida mais nobre, a qual a humanidade almeja, ela demonstra emoção, não ocorrendo apenas no inconsciente, mas toma conta das pessoas, envolvendo-as, trazendo lucidez à consciência.

Portanto, a escola enquanto espaço institucional deve proporcionar relações espontâneas com as ferramentas didáticas que possam colaborar com a leitura. Cabe aos professores criar situações de aprendizagem nas quais os alunos possam entrar em contato com esses recursos que os despertem para a criticidade em relação à sociedade.

Assim, escolheu-se o conto de fadas *A Bela Adormecida* e sua versão adaptada moderna *Malévola*, como texto motivador para que os alunos do 7º ano do ensino fundamental tivessem pleno desenvolvimento em interpretação de texto, ajudando-os também a refletirem sobre suas condições humanas e sobre os valores da sociedade.

Materiais Necessários	Aparelho de som, áudio do conto, cópias da estória para cada aluno, folhas de ofício, canetas, lápis, borrachas.
-----------------------	--

Quadro III: lista de materiais a serem utilizados

Após essa fase de apresentação é importante o professor lançar aos alunos algumas perguntas acerca dos textos trabalhados, em questão, a fim de verificar os conhecimentos prévios da turma. Portanto, antes de executá-la, o professor deverá chamar a atenção para o gênero conto de fadas, por meio de algumas indagações orais.

- Alguém já escutou o conto aqui exposto?
- O que vocês compreendem sobre o título dele?
- Quais os sentidos que esse título pode ter?
- Pelo título, qual assunto pode-se depreender que será abordado no conto?

A partir desse momento de pré-leitura, o professor deve pedir para que os alunos observem se suas hipóteses iniciais se confirmam no conto, para assim, com eles, de posse do texto escrito, o professor proceda à leitura. A compreensão do enredo deve partir da confirmação ou refutação das respostas iniciais dos alunos aos questionamentos acerca do título. O professor deve abrir espaço para que os alunos demonstrem suas impressões sobre a estória e façam uma explanação sobre o que sentiram e o que compreenderam.

Os alunos serão instigados a fazer oralmente uma ponte com outros textos sugeridos, pelo professor, que estejam relacionados direta ou indiretamente com o momento em que foi escrita essa obra e analisada. O professor deve se manter cauteloso, tendo assim muito cuidado para que o diálogo com os alunos mantenha o foco na temática, evitando também a dispersão dos alunos durante o relato dos colegas. A atividade pode ser realizada em grupos ou em formato de debate e não deverá ultrapassar 15 minutos. Uma importante observação a respeito da formação de grupos é que os alunos

com um pouco mais de desenvoltura literária poderão auxiliar os demais colegas, sempre com o intermédio do professor, que deverá auxiliar e coordenar os trabalhos com a turma.

Cosson (2007) destaca a relevância da motivação para as atividades que integram a leitura, escrita e a oralidade no ensino nas escolas. Por isso, nesta fase do estudo, foi escolhida uma atividade que considera a importância da comunicação da turma tanto verbalmente, como em produção escrita, buscando atingir uma aprendizagem mais significativa.

Assim, como atividade de escrita, após o debate oral sobre um dos contos, todos nós conhecemos a história da Chapeuzinho Vermelho, mas essa história pode ter vários pontos de vista, se for levado em consideração os meios que a produzem. Nessa hora o professor apresentará ao aluno uma série de reportagens fictícias escritas pelos maiores meios de comunicação nacionais retratando o ocorrido com Chapeuzinho, como no exemplo abaixo.

Chapeuzinho Vermelho noticiado pela mídia

Todos nós conhecemos a história da Chapeuzinho Vermelho, mas a história da Chapeuzinho Vermelho pode ter vários pontos de vista.

Se o William Bonner e a Fátima Bernardes, no *Jornal Nacional*, fossem falar da história da Chapeuzinho Vermelho, certamente diriam: boa noite, uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem. E a Fátima adicionaria: mas a atuação de um caçador evitou a tragédia.

O *Jornal da Band* diria: IBAMA multa lobo por transpor limites da floresta.

O *Jornal da Record*: Caçador evangélico salva a avó e menina da barriga do lobo.

O *Fantástico*: nossa equipe de reportagem conseguiu entrevistar o lobo mau. Vejam essa noite porque vovozinha e Chapeuzinho escaparam vivas.

Globo Ecologia: floresta desmatada obriga lobo a sair pela estrada afora em busca de comida.

Programa da Hebe: que gracinha gente, vocês não vão acreditar, mas essa linda menina aqui foi retirada viva da barriga de um lobo. Não é mesmo queridinha? Conta pra gente.

Cidade Alerta, o Datena: onde é que a gente vai parar. Cadê as autoridades? A menina ia para a casa da vovozinha a pé, não tem transporte público, foi devorada viva pelo lobo, o lobo safado. Põe na tela, eu falo mesmo, não tenho medo de lobo.

Revista Istoé: Lobo também estava na lista do mensalão de Brasília.

Revista Superinteressante: Lobo mau, mito ou verdade?

Folha de S.Paulo: Vermelho de Chapeuzinho prova influência do MST.

Globo Repórter: tara, fetiche, violência. O que leva alguém a comer na mesma noite uma idosa e uma adolescente.

Estadão: Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

Revista Veja: Lula sabia das intenções do lobo.

Fonte: sitedecuriosidades.com

O professor deve solicitar que os alunos produzam uma reportagem sobre como seria noticiada a estória da Chapeuzinho Vermelho escrita e apresentada sobre o ponto de vista de apenas um dos meios de comunicação escolhido, e avaliar como a sociedade pode ser manipulada por leituras tendenciosas. E a partir dessa atividade será avaliada a percepção e criatividade de cada aluno e como eles possam compreender como esses meios de comunicação podem influenciar a notícia da forma que melhor lhe convém.

Essa atividade é bem válida, pois a sociedade brasileira atual obtém suas informações baseando-se em reportagens, notícias, documentários e/ou em textos artísticos como canções, charges, dentre outros. Os comentários podem ser socializados numa roda de leitura na qual todos os alunos possam expressar suas opiniões e também ouvir os posicionamentos dos colegas, gerando discussões que contribuem para a construção da criticidade no ato de ler o texto.

As atividades previstas nesta etapa condizem com o que propõe Cosson (2007), cumprindo os princípios teóricos e metodológicos da proposta e, por fim, ampliar (antecipadamente, visto que os contos serão retomados ao longo da SD nos debates sobre a obra de partida) a leitura da obra principal para outras abordagens que envolvem o letramento literário.

b. Segundo Passo: Introdução

Finalizada a motivação, inicia-se a segunda etapa, a introdução, que consiste na apresentação do autor e da obra de destaque na sequência didática. Cosson (2007) alerta para o fato de o professor direcionar essa atividade, pois é importante que ele aborde aspectos acerca do autor e aproveite o momento para justificar a escolha de tal obra para a turma, falando sobre sua importância para a cultura, assim mostrando que o gênero que vai trabalhar é relevante para o desenvolvimento pessoal e social de cada indivíduo.

Segundo Kleiman (2004, p. 13), “A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já conhece, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.” Para que essa pre-noção possa vir à tona, foi proposto um filme que dá início a um encontro entre os alunos, a obra principal e a adaptação desta proposta.

Nesta etapa será exibido o filme, e a partir dele, construir-se uma análise crítica entre o clássico e o moderno. Como atividade de registro, o professor deve propor a escrita de um resumo como forma de refletir sobre a obra a ser lida, construindo significados para o texto, pois este gênero enriquece o conhecimento prévio e contém informações que despertam o desejo de ler a obra na íntegra. A atividade será feita da seguinte forma:

Introdução	Filme: Malévola (inspirado no conto A bela adormecida) com duração média de 1:45 (uma hora e quarenta e cinco minutos) produzido pelos estúdios Disney
Materiais Necessários	<i>data show</i> , <i>notebook</i> , caixa de som, papel de ofício, caneta, lápis e borracha.
Atividade oral	Discussão acerca da temática abordada no Filme: Malévola, e o conto clássico que inspirou o filme
Questionário escrito	Como atividade de casa, os alunos responderão uma atividade sobre o filme, já que assistiram na íntegra em sala de aula.

Quadro IV: cronograma do filme *Malévola*

Apesar de ser uma etapa simples, a introdução requer informações essenciais sobre a obra, principalmente sobre o autor, assegurando a direção a ser tomada nas demais etapas para os alunos que participam desse processo de letramento literário. Ela tem por

finalidade chamar a atenção para a obra, além de desenvolver o conhecimento prévio do aluno; especular sobre o tema; criando expectativas para facilitar a leitura dos contos nas etapas seguintes.

O uso do filme em sala de aula traz à tona um gênero cinematográfico da oralidade, pois é uma excelente estratégia para a construção do conhecimento que permite o tratamento de diversos conteúdos e ao aluno interagir com o assunto a ser explorado de forma simples, além de favorecer a reflexão crítica, bem como o exercício da cidadania.

É necessário lembrar que este gênero textual faz com que os alunos se sintam mais à vontade para ler a obra, além de instigar as curiosidades e dúvidas que venham a contribuir para a etapa seguinte deste trabalho com os clássicos dos contos de fadas na visão de Perrault, Grimm e Andersen.

Encerrada a sessão com o filme e sua discussão, o professor fará questionamentos orais e escritos relacionados à obra e ao autor, fazendo por fim uma “ponte” entre a obra cinematográfica e a obra que será lida na íntegra, na qual os alunos irão escrever o que entenderam, envolvendo questionamentos como no exemplo abaixo:

Questionamentos Oraís
1.O que mais chamou sua atenção no filme?
2.Que fato sobre a vida da Protagonista mais chamou sua atenção?
3.Que parte apresentada na obra mais despertou seu interesse?
4.O que você aprendeu sobre a vida desses personagens e cultura?
5.Como você avalia as diferenças e semelhanças entre o escrito e o filmado e a importância de cada elemento apresentado em cada versão?
6.Quais os principais problemas enfrentados pelos personagens no contexto das relações sociais?
7. Depois de assistir o filme, você se sentiu interessado em ler a obra? Por quê?

Quadro IV: questionário

Após responder a todas as perguntas e inquietações sobre o que foi lido e assistido, os alunos se sentirão mais à vontade e tentados a ler a obra na íntegra, agora escolhendo seus próprios caminhos de leitura, ao se deixarem encantar-se pela narrativa, em uma leitura por prazer.

A biblioteca é um importante meio de propagação da leitura na escola, além de ser um recurso indispensável para apoiar o aprendizado e o desenvolvimento da linguagem. O cumprimento de visitas a ela requer do professor um estímulo e uma

valorização dentro de um clima prazeroso para que o aluno estabeleça uma relação pessoal com a obra que será lida.

Segundo Gonçalves (2011, p.12), “Muitas escolas ignoram a real importância da biblioteca para o desenvolvimento educacional e social do aluno, e a transformam em um ‘lugar de castigo’, punição. ” Portanto, a leitura da obra clássica deve ser um ato de encantamento onde o jovem venha ler por gosto, começando desde a ida à biblioteca, por isso a visita deve ser planejada previamente com a gestora da escola e seus auxiliares e com os próprios alunos, conscientizando-os sobre o motivo e importância dessa ida à biblioteca e se a escola não possuir uma a diretora deverá solicitar uma condução para que os alunos possam ser levados à biblioteca municipal para uma visita.

Na biblioteca, os alunos escolherão o livro para ler e farão cadastro para acompanhar a leitura. A este respeito, Colomer (2007, p. 126) destaca: “A leitura livre é favorecida com determinados instrumentos de apoio: uma biblioteca de classe ou central [...], etc”. Na biblioteca o professor poderá ler com os alunos as capas e contracapas das obras literárias, pois, conforme discute Cosson (2007), “As apreciações críticas presentes na orelha ou na contracapa [das obras literárias] são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação. ”

Ao encerrar a visita à biblioteca, os alunos levarão a obra para casa a fim de lerem-na na íntegra, observando o sentido global do texto, as informações presentes, os personagens, além das marcas temporais da época em que foi produzida a obra, mas acima de tudo, uma leitura sem a obrigação de fazer alguma avaliação, ou seja, a leitura por prazer.

c. Terceiro Passo: Leitura

Esta terceira etapa da sequência básica consiste na leitura da obra, vista por Cosson (2007) como um passo importante para que o leitor apreenda o texto globalmente em um conjunto de informações relacionadas a ele. Fica a cargo do professor poder optar por trabalhar de maneira criativa com a obra, pois neste momento deve-se efetivar a leitura da obra escolhida. De acordo com Cademartori (2002), daí vem a pergunta sobre como fixar a leitura escolhida e, para melhor visualizar como essa proposta vai se desenvolver, observe o quadro abaixo:

Texto selecionados	Contos de fadas clássicos e modernos
Estrutura da apresentação	Tempo estimado para cada item
Questionamentos prévios	10 minutos
Roda de Leitura	20 minutos
Questionamentos orais	20 minutos
Questionamentos escritos	30 minutos
Tempo necessário para a explanação	2 horas-aula
Materiais necessários	livros, computador, <i>data show</i> , folhas de ofício, canetas, borracha e lápis.

Quadro V: cronograma de trabalho (textos)

Para a apresentação da obra na íntegra, duas aulas são suficientes, pois é aqui que acontece um diálogo efetivo entre professor e aluno através de informações presentes no texto.

O professor tem autonomia para escolher outra metodologia se for do seu interesse e que a turma seja também surpreendida, já que nesta fase do estudo espera-se um fato marcante, de modo que os alunos irão necessitar ser auxiliados nas suas possíveis dúvidas que surgirão durante a leitura extraclasse. A apresentação de trechos dos contos em voz alta é uma atividade necessária e pode ser usada para promover o contato entre os alunos, isso deve ocorrer através de uma conversa sobre o desenrolar da história narrada na obra.

Todavia, é fundamental que essa prática se realize com propósitos claros, constituindo um modelo de leitura que seja agradável e divertido para ambos (professor e aluno), evitando ao máximo que os alunos se dispersem, pois, este é um momento crucial na sequência. Portanto, o professor pode adotar o costume de ler diferentes textos em voz alta para seus alunos, várias vezes por semana, de modo a constituir um modelo de bom leitor para eles, a fim de não dificultar a execução do planejamento realizado por ele.

Assim, uma sugestão para iniciar a leitura do livro escolhido é uma roda de leitura para ler em voz alta, construindo uma discussão em torno do que os alunos perceberam na motivação e introdução. É necessário chamar a atenção dos alunos para o que o texto expressa. Por isso, o professor deve iniciar a leitura de forma compartilhada

com os alunos, parando em partes estratégicas e direcionando perguntas em relação ao que está acontecendo, chamando atenção para a ambientação, para a apresentação das personagens, sobre o porquê de suas ações, como se encontram nesse momento lido, se há alguma menção ao tempo dos acontecimentos. Isso deve ser realizado em forma de diálogo, deixando os alunos livres para se colocarem e mostrarem suas impressões sobre a parte lida. O professor deve parar a leitura nesse momento em um trecho estratégico que contenha o início de um conflito e perguntar o que poderá acontecer em seguida, e deve incentivar os alunos a continuar a leitura em casa, combinando com eles o dia de demonstrar suas impressões da parte lida, isto é, no momento do primeiro intervalo de leitura, conforme orienta Cosson (2007, p. 62). Nesse sentido, quando o texto é extenso, o ideal é que a leitura seja feita fora da sala de aula, seja na casa do aluno ou em um ambiente próprio, como a sala de leitura ou a biblioteca por determinado período [...].

d. Primeiro intervalo de leitura

Nesta etapa do estudo, Cosson (2007) aconselha que o professor promova a leitura de textos variados para que se possa entender que o texto literário vai além e abre um diálogo com outros gêneros, assim promovendo o enriquecimento cultural aos alunos. Esse diálogo com outros textos nos intervalos deve ser realizado de forma comparativa, pois não se deve deixar o texto principal da SD de lado, pelo contrário, todas as leituras devem servir para enriquecer os momentos de discussão sobre o livro lido e fazer com que os alunos reflitam sobre os fatos narrados nos contos.

Além disso, os intervalos, conforme orienta Cosson (2007), devem funcionar como um acompanhamento da leitura, de forma que o professor possa observar as possíveis dificuldades dos alunos e auxiliá-los a superá-las. Durante o intervalo é certo que “os textos não podem ser diminuídos ante a obra literária objeto da leitura central” (COSSON, 2007, p. 82). Dessa forma, todos os textos têm sua relevância na sequência didática e, conseqüentemente, para o letramento literário.

O primeiro intervalo desta SD trabalha com a exibição do filme “A Garota da Capa Vermelha” (2011) em sala de aula. No primeiro intervalo de leitura a sequência será a seguinte:

Questionamento prévio sobre o filme	5 minutos
-------------------------------------	-----------

Exibição do filme	A Garota da Capa Vermelha uma hora e quarenta e cinco minutos, (1:45)
Discussão acerca da temática abordada	15 minutos
Atividade de registro escrita	25 minutos
Tempo total estimado	02 horas-aula de 50 minutos. Materiais Necessários: computador, data show, filme A Garota da Capa Vermelha, folhas de papel ofício, canetas, borracha e lápis.

Quadro VI: cronograma filme A Garota da Capa Vermelha

Após a exibição do filme em questão, o professor deve propor um momento de discussão com os alunos organizados em círculo para melhor interação, no qual demonstrarão primeiramente suas impressões acerca do filme. Os questionamentos a seguir podem direcionar a discussão:

Questionamentos Orais:
1. Que aspecto do filme mais chamou sua atenção?
2. Há alguma semelhança entre o personagem principal do filme e o personagem principal do conto clássico
3. O que há em comum em relação ao tema do filme e o do livro?
4. Em que os personagens se diferem?

Quadro VII: questionamento

Após esse momento de discussão, será o momento destinado à produção de um resumo, a fim de que os alunos formalizem suas conclusões a respeito das questões observadas neste texto. Para Costa (2008, p.160), o resumo pode ser uma apresentação abreviada de um texto, conteúdo de livro, peça teatral, argumento de filme etc. O resumo constitui, então, um gênero em que se reduz um texto, oral ou escrito qualquer, apresentando-se seu conteúdo de forma concisa e coerente, mantendo-se o tipo textual do texto principal. A partir da síntese das questões será produzido um resumo do filme que também pode ser uma resenha crítica, já que mostra a relação entre o personagem do livro e do filme. Essa resenha crítica pode ser anexada, juntamente com o cartaz e a sinopse do filme no mural da escola, como forma de disseminação de conhecimento e contribuição para a formação da comunidade de leitores.

Cosson enfatiza que “é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos” (COSSON, 2007), para que assim seja possível a construção do processo de letramento literário do aluno, uma vez que o texto

literário poderá proporcionar a este os conhecimentos sociais da época em que a obra foi produzida. Nesse sentido, depois de estabelecer a relação entre o filme e o conto base, o professor deve propor a leitura em sala de mais alguns contos de autores variados, em voz alta.

Essa será uma forma de instigar os alunos a continuarem a leitura para realizar um novo diálogo com suas confirmações ou refutações das hipóteses levantadas, no segundo intervalo de leitura.

e. Segundo intervalo de leitura

No segundo intervalo de leitura, o objetivo é fomentar as experiências de leitura com uma narrativa curta, possibilitando ao aluno identificar os elementos estruturais do conto, além de estabelecer relações com a obra principal no campo da intertextualidade. A partir disso amplia-se o repertório textual do aluno, conduzindo-o ao prazer e à fruição do texto literário que é o maior objetivo deste trabalho. De acordo Eagleton (1985):

Todos os textos literários são tecidos a partir de outros textos literários, não no sentido convencional de que trazem traços ou “influências”, mas no sentido mais radical de que a palavra, frase ou segmento é um trabalho feito sobre outros escritos que antecederam ou cercaram a obra individual. Não existe nada como “originalidade” literária, nada como a “primeira” obra literária: toda a obra é “intertextual”. Dessa forma, um segmento escrito específico não tem limites claramente definidos: ele se espalha constantemente pelas obras que se aglutinam à sua volta, gerando inúmeras perspectivas diferentes que se reduzem até o ponto de desaparecerem. (Eagleton, 1985, p. 190)

De forma intertextual, em sintonia com o conto *A bela adormecida*, o professor abordará o conto do escritor dos escritores alemães Irmãos Grimm, dando uma pausa na obra principal, pois trará para a dinâmica da sala de aula um texto narrativo curto e de fácil leitura que apresenta ironia e humor. Os materiais necessários para esta atividade são: Cópias do conto, *data show*, *notebook*, caixas de som, folhas de ofício, lápis, canetas e borrachas.

Depois da leitura do conto e das atividades relacionadas a ele, o professor pode explicar neste momento sobre o gênero literário conto, apresentando suas características e os elementos que o compõem: foco narrativo, tempo, espaço, personagens, enredo, tema. Segundo Riolfi (2014):

O conto aborda uma estrutura que encerra, basicamente, três momentos distintos: a introdução, inserindo o leitor no universo a ser relatado, tecendo-lhe as particularidades do espaço em que se desenvolve a ação e apresentando-lhe, paulatinamente, as figuras (personagens) que transitarão pelo mundo aqui edificado; o conflito, que, implicaria o surgimento de um problema, um impasse ou um drama que desencadeará todas as peripécias e infortúnios necessários para o encaminhamento da trama; e o clímax, que se institui como o ensejo mais impactante da obra [...] Em última instância, e não menos importante, revela-se o desfecho, em que o conflito outrora configurado na narrativa é, enfim, solucionado[...]. (Riolfi, 2014, p. 55)

O conto é um gênero narrativo e por isso apresenta algumas características estruturais. Diante disso, para realizar as atividades do intervalo, deve-se privilegiar a análise comparativa entre o conto escrito e o conto em versão cinematográfica, de forma que contribua para as referências textuais dos alunos e estes sejam instigados a lerem o texto base da sequência.

É importante considerar que os alunos ainda não apresentam base suficiente para análises mais aprofundadas sobre as obras, contudo, com a ajuda do professor, eles podem estabelecer paralelos entre os textos quanto ao: enredo, tema, foco narrativo, personagens principais e secundários, entre outros. Isto é papel da escola, oferecer estes aspectos sistemáticos do letramento literário que o aluno não traz consigo – na maioria dos casos – no letramento literário adquirido nos anos anteriores ao estudo formal escolar (COSSON, 2007).

Após a resolução dos questionamentos escritos e discussão sobre algumas questões pertinentes, o professor, visto como mediador nesta atividade de letramento literário, conduzirá os alunos a uma reflexão sobre a intertextualidade.

Concluídas a leitura e a discussão, será realizada uma pausa no texto literário principal, dando continuidade às atividades de leitura com a execução do segundo intervalo que poderá iniciar-se com uma breve exposição sobre o autor do texto.

Considerando o conto literário como um elemento que contribui para o letramento, essa etapa da SD é responsável pela combinação entre os textos, em um processo de interação o leitor fará uma conexão entre aquilo que está lendo e o que já foi assimilado nas leituras anteriores, nos outros enredos.

Aproveitando o momento, o docente pode dividir a sala em grupos, pois como afirma Colomer (2007), o trabalho em grupo ajuda o docente a entender a obra de forma mais abrangente, pois necessita de uma volta ao texto para argumentar, criticar, ou seja, para entender melhor a obra. Portanto, a partir do estudo comparativo entre o conto e o

filme, após as discussões, o professor deve disponibilizar uma aula para que os alunos, em grupos, produzam uma resenha, com uma breve apreciação do conto, apresentando o seu olhar crítico, mas de forma sintetizada, solicitando que eles busquem as articulações presentes entre o conto resenhado em sala e o romance.

f. Quarto passo: Interpretação

A última etapa é a finalização da proposta com a interpretação do conto *A bela adormecida*, ponto central desta atividade. É aqui que o leitor se encontrará de fato com a obra, pois apreenderá seu sentido global. Para Cosson (2007, p.65), é “o momento em que o texto literário mostra sua força, levando o leitor a se encontrar (ou se puder) em seu labirinto de palavras”. Portanto, neste momento não adiantará o professor apresentar nenhum mecanismo que o ajude, pois, o aluno precisa ter o contato com a obra na íntegra.

Essa tarefa exige do professor responsabilidade ao mostrar ao aluno como são construídos os sentidos de sua leitura. Dessa forma, a leitura assume caráter de grande importância, já que por meio de seu detalhamento, o leitor apreende o percurso de sua interpretação. A este respeito, de acordo com os PCN (1998):

As possibilidades de aprendizagem dos alunos colocam limites claros para o tratamento que dado conteúdo deve receber. Uma abordagem pode não esgotar as possibilidades de exploração do conhecimento priorizado, o que torna possível retomá-lo em diferentes etapas do processo de aprendizagem a partir de tratamentos diferenciados – grau de aprofundamento, relações estabelecidas. (PCN, 1998, p. 38)

Para Cosson (2007), as atividades de interpretação devem variar de acordo com a série escolar, tipo de texto, entre outras características, porém, o essencial é que o aluno faça uma reflexão acerca da obra lida, além da sua externalização para a comunidade escolar, pois de acordo com Colomer (2007, p. 70):

O progresso do leitor ocorre então a partir de uma leitura baseada nos internos do enunciado, em direção a uma leitura mais interpretativa que utiliza sua capacidade de raciocinar para suscitar significados implícitos, segundos sentidos e símbolos que o leitor deve fazer emergir [...]. (Colomer,2007, p. 70)

Nesse sentido, a interpretação para o leitor é um processo organizado que fortalece ainda mais a leitura do texto, ampliando horizontes.

Para iniciar as atividades desta etapa, o docente pode promover uma roda de leitura, em que a turma será dividida em grupos e o livro, em partes. Cada parte ficará sob a responsabilidade de um dos grupos para lerem, discutirem e apresentarem para a turma os pontos que mais chamaram sua atenção. A relevância desse tipo de atividade em grupo é assim posta por Colomer (2007):

[...] já sabemos de sobra que a discussão em grupo favorece a compreensão. Serve para enriquecer a resposta própria com os matizes e os aportes da interpretação do outro, já que a literatura exige e permite distintas ressonâncias individuais. Serve para usar a metalinguagem aprendida (“personagem”, “metáfora”, “trama”, etc) quando tem sentido fazê-lo, ou seja, quando se fala sobre as obras lidas e alguém se esforça para dar sua opinião com clareza. Ou também é útil para dar-se conta de que as referências de toda comunidade são compartilhadas; [...] ou de que os adolescentes desejam saber coisas sobre autores e obras que ouvem citar a sua volta, embora seja apenas porque um de seus títulos foi adaptado para o cinema. (Colomer 2007, p. 149):

Essa atividade em grupo com trechos específicos para cada um será possível e benéfica, uma vez que, a essa altura, os alunos já leram os contos em casa, fazendo os intervalos e, por isso, não se configura apenas como uma fragmentação. Esse trabalho em grupo deve ser bem orientado pelo educador, pois, “o ambiente escolar precisa propiciar aos alunos, antes de tudo, uma leitura orientada de perto pelo professor, objetivando que eles alcancem o maior grau de compreensão possível” Oliveira e Antunes, (2013).

Com o intuito de melhorar a socialização, a turma deve se organizar em círculo para prender mais a atenção dos outros colegas e deve haver um diálogo de leitura em torno de suas percepções. Como defende Cosson (2007), “na escola, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente”. As opiniões dos alunos devem ser valorizadas e o professor só deve intervir para preencher algumas lacunas não observadas por eles.

g. Quinto passo: Avaliação

Assim como ocorreu com as atividades previamente sugeridas, todos os alunos terão responsabilidade com as tarefas que lhes foram designadas também neste momento da SD. O professor deixará claro que o texto final a ser produzido será integrante de uma coletânea de contos. De forma individual e criativa, os alunos produzirão textos de acordo com as leituras que praticaram ao longo desta SD. Isso motivará ainda mais o contato dos discentes com variados textos e gêneros textuais, promovendo o letramento literário no nível esperado.

É importante considerar que toda a sequência deve ser orientada pelo professor, inclusive as produções dos contos que serão expostos em uma feira cultural, por isso, é importante que o docente trabalhe com os alunos, pois fornece atributos essenciais para o letramento literário, já que estimula uma formação do leitor na sociedade, como afirma Soares (2002): “letramento são práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas em nossa sociedade.” Nessa etapa, haverá um procedimento essencial nas aulas de produção textual: a refacção textual, considerando que o professor deve orientar e tirar as dúvidas em relação à escrita. De acordo com os PCN (1998, p.77): A refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos.

h. **Expansão:** Ampliando o repertório.

O projeto terá como base o conto A Bela Adormecida, mas mesmo assim isso não limitará o professor, que através da diversidade cultural e literária também apresentará outros contos clássicos de Charles Perrault, Andersen e dos Irmãos Grimm, juntamente com contos modernos e adaptações para os jovens participantes do projeto, para que percebam a variedade, bem como os elementos estruturais desse gênero logo abaixo segue uma pequena lista de alguns contos devem ser trabalhados no projeto.

Textos lidos em sala	Textos sugeridos e disponibilizados
A Bela Adormecida (Irmãos Grimm)	Branca de neve (Grimm)
Chapeuzinho vermelho (Perralt)	Joao e Maria (Grimm)
O gato de botas (Perralt)	Cinderela (Perrault)
A princesa e o sapo (Irmãos Grimm)	Rapunzel (Perrault)
O alfaiate valentão (Irmãos Grimm)	Polegarzinha (Andersen)
Fadas (Perralt)	A roupa nova do imperador (Andersen)
Sapatos vermelhos (Andersen)	Chapeuzinho Amarela (Buarque)
A pequena vendedora de fósforos (Andersen)	As irmãs Grimm suspeitos incomuns (Buckley)

João mais Maria (Sílvia Romero)	Os melhores contos de Andersen
Maria Borracheira (Silvio Romero)	O grande lobo mal (Claire Pyatt)
Detalhes (Verissimo)	O fantástico Misterio da feiurinha (Bandeira)
Contos de fadas para mulheres do século XXI (Verissimo).	Historia meio ao contrario (Machado)
Charges (Mauricio de Sousa)	Contos de Grimm (Lobato)
Gato de botas em cordel (Sírlia Lima)	Contos de Perrault (Almeida)
Princesa e o sapo em cordel (Sírlia Lima)	O Maravilhoso Magico de OZ (Baum)
João e Maria em cordel (Sírlia Lima)	A pequena bruxa (Preussler)

Quadro VIII: textos apresentados

Esses contos serão disponibilizados para apreciação e assim eles poderão ver que os contos de fadas podem ser bem variados e não apenas os que eles sempre veem, os famosos que sempre tem um final feliz, mas apresentá-los aos clássicos originais onde os finais nem sempre eram felizes e o príncipe nem sempre termina com a princesa, após a leitura, o professor fará discussão sobre esses contos. E os alunos notariam que o que eles conhecem hoje por contos de fadas já é uma adaptação das histórias que originalmente eram feitas para ensinar e não para encantar.

Junto com essas leituras também serão trabalhados os contos abordados de formas peculiares como Mauricio de Souza e suas tirinhas e hoje ilustrando contos famosos, como Silvio Romero que recontava clássicos com uma visão nacional nordestina entre eles uma história que se baseia em dois clássicos chamada Maria Borracheira, uma história que possui elementos da Cinderela e do conto Fadas, essa visão desses contos é bem interessante e mostra como os contos podem ser trabalhados das maneiras mais diversas possíveis.

i. **Produção final:** Criando o seu próprio conto

O projeto será uma porta que abrirá de uma forma dinâmica o mundo da leitura para os alunos, para que os mesmos possam sentir prazer na leitura e não apenas

obrigação assim quando eles forem ler, escolham literaturas com um conteúdo mais substancial, não porque alguém mandou mais por escolha própria assim despertando mais e mais para um mundo literário.

O estudo como ficou evidenciado ao longo da dissertação, tem o objetivo de resgatar o gosto pela leitura e, visando a isso, pressupõe-se que o projeto possa contar com uma vasta gama de textos e autores e através de rodas de leituras, com as suas apresentações orais, possa transmitir uma paixão pela leitura e a importância cultural de cada obra trabalhada.

Ao final do trabalho, acredita-se que os alunos já tenham um embasamento suficiente sobre os contos de fadas. A partir das leituras e atividades realizadas que foram elaborados para o enriquecimento cultural daquele grupo, e assim o professor como mediador do projeto solicitará aos alunos que produzam através dos diversos textos e autores apresentados ao longo do estudo e assim deverão criar um novo conto que poderá se embasar nos clássicos, mas com uma pegada própria e original.

Os textos produzidos pelos alunos serão analisados e corrigidos e através de orientação dos professores os alunos farão melhorias estruturais e ortográficas, deixando o texto de uma maneira mais elegante e mais correto do ponto de vista da Língua Portuguesa padrão. Com isso, eles poderão demonstrar sua criatividade e comprovar os novos conhecimentos adquiridos (a capacidade de redigir um texto conforme o português padrão).

Será realizada uma mesa de correção e criação onde os professores além de corrigir poderão tirar algumas dúvidas que algum aluno ainda possa ter e orientá-lo devidamente. Com os textos finalizados, será feita uma avaliação juntamente com a coordenação da escola para que possam ser selecionados os seis melhores textos em criatividade e originalidade e correção gramatical para que os autores dos mesmos sejam premiados com uma tarde no cinema e essa pequena premiação tem como objetivo incentivar os jovens.

O trabalho será finalizado com a exposição dos textos produzidos pelos participantes também serão expostos todos os textos que foram trabalhados durante o projeto dos textos produzidos em um evento, especialmente organizado para esse fim, para o qual será convidada a comunidade escolar. Os critérios para a apresentação dos resultados, bem como os arranjos do evento, serão definidos juntamente com os alunos e equipe técnico pedagógico do colégio. Os textos produzidos corrigidos e revisados serão reunidos, encadernados em uma coletânea e entregue para cada aluno, uma cópia ficará

no acervo da escola para a leitura da comunidade escolar. Se o cinema foi uma premiação para os destaques o conhecimento e a pequena festa servirão para comemorar o fim de mais um ciclo de aprendizagem que esses jovens completarão

3.3 Análise de dados

Uma das etapas mais significativas da produção de um trabalho acadêmico é o levantamento de dados que irão fundamentar a pesquisa sobre o tema que o estudo se propõe a discutir. Em outras palavras, é essencial ter uma pesquisa bem elaborada para poder produzir um estudo de qualidade.

Contudo, muitos acadêmicos acabam cometendo deslizes nesta etapa de coleta de dados que podem prejudicar a pesquisa e, conseqüentemente, todo o trabalho. Esses deslizes podem ser por falta de metodologia adequada, falta de rigor com a qualidade dos dados colhidos, descuido ou superficialidade na análise de dados, entre outros motivos que comprometem a pesquisa.

Toda pesquisa deve procurar abordar um tema de relevância científica, acadêmica ou social e trazer uma nova perspectiva sobre ele. Para que este objetivo seja cumprido, existe uma metodologia que deve ser seguida, pois é preciso reunir informações e conceitos sobre o tema em questão, buscar por materiais de referência e também realizar uma análise crítica sobre tudo o que foi encontrado pelo autor do trabalho.

Por este motivo, é imprescindível que a pesquisa seja realizada com critério e seriedade, pois, caso contrário, o aluno vai acabar reunindo informações inconsistentes que podem levá-lo a conclusões equivocadas que vão comprometer todo o trabalho. Como é possível observar pelos parágrafos acima, a pesquisa é a espinha dorsal de um trabalho acadêmico, o elemento que dá estrutura e forma para a pesquisa. Por este motivo, é essencial que seja preparado de forma eficiente e isso está diretamente relacionado com a qualidade da coleta e análise de dados, que vão alimentar a pesquisa e possibilitar que se chegue a conclusões mais precisas.

É importante salientar que, ainda que os passos metodológicos numa abordagem qualitativa não estejam prescritivamente propostos, o pesquisador não deve se considerar um sujeito isolado que se norteia apenas pela sua intuição: há que levar em conta o contato com a realidade pesquisada, associado aos pressupostos teóricos que sustentam seu projeto. Assim, ao fugir da rigidez o pesquisador não deverá perder o rigor em seu trabalho - regra

primeira para a concretização de um projeto científico que possa vir a contribuir para um conhecimento na área (Gomes, 1990).

A intervenção do projeto *O Conto De Fadas Na Literatura: Articulando Praticas de Leitura no 7º Ano do Ensino Fundamental*, foi realizado na escola São Felix, com uma turma de 37 alunos do 7º ano A do ensino fundamental, que tem como professora responsável a professora Aliene Alencar, que gentilmente apoiou a iniciativa, e foi de grande valia para o estudo. Inicialmente o projeto tinha no cronograma uma carga horária de aproximadamente 40 horas, mas devido a alguns percalços durante a aplicação e desejo de aprofundar melhor o estudo com esses jovens, a carga horária foi majorada para 50 horas.

Desde o início o corpo gestor da escola se mostrou bastante favorável com a ideia de trabalhar uma oficina de leitura e produção textual com essa turma e isso facilitou bastante o trabalho. Em uma visão geral os alunos da escola, se mostraram bastante empolgados com a oportunidade de participarem de aulas dinâmicas onde o tradicional e o moderno conversariam e que suas ideias seriam ouvidas.

3.3.1 Primeiro encontro.

No primeiro momento dessa fase, foram feitas as devidas apresentações, foi entregue a representante legal e gestora da escola uma cópia com o projeto, destacando o que se pretendia trabalhar naquela unidade de ensino. Logo em seguida a professora Aliene nos apresentou a turma como professores e explicou para eles o que iria acontecer ali, um estudo, cuja a pesquisa seria pertinente a um trabalho acadêmico, dando ênfase a leitura e produção textual com o auxílio deles, alunos, depois saiu da sala nos deixando a vontade para assumir a aulas com a turma.

Para iniciar, foram feitas com eles algumas dinâmicas, como uma chamada “batata quente”. Que consistia em passar uma caixa contendo um desafio, que basicamente ensina os jovens a se aventurarem e buscarem novas experiências e assim a aceitarem que o desconhecido, pode resultar em surpresas agradáveis, e assim eles ficaram mais relaxados.

Após as apresentações e as dinâmicas, foi entregue a cada aluno um questionário, acerca dos conhecimentos prévios que cada um possui sobre os contos de

fadas e a sua importância, e de como eles tiveram o contato inicial com essa literatura. Assim podemos formar as nossas primeiras impressões sobre o conhecimento literário de cada aluno, acerca do gênero proposto neste estudo.

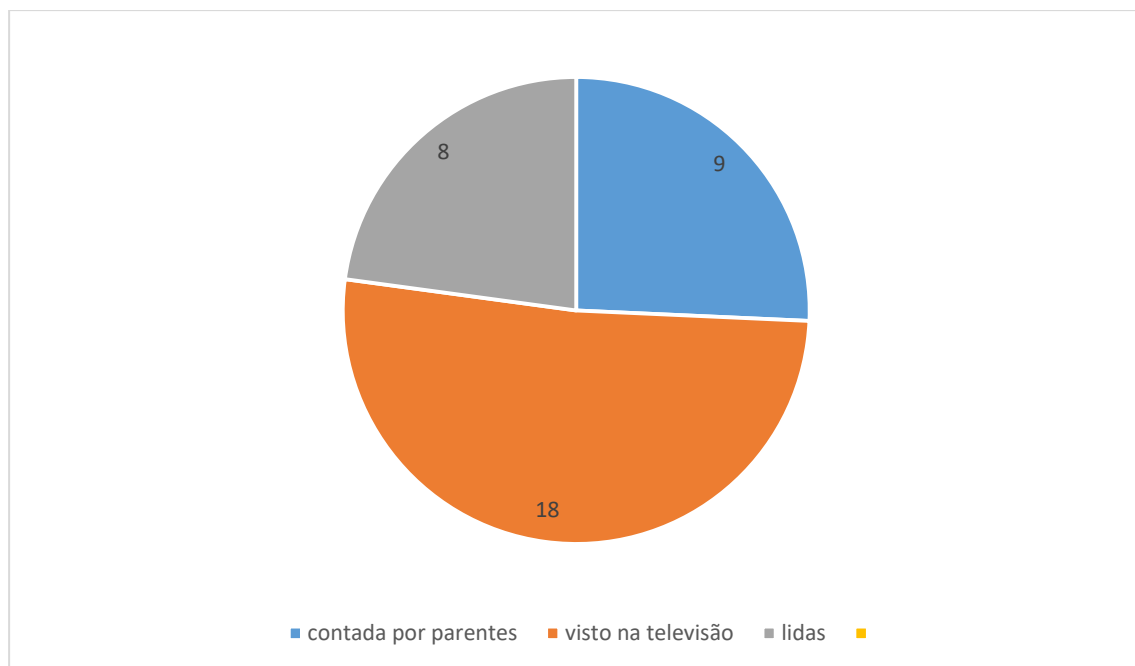


Gráfico I: conhecendo os contos

Com base nas primeiras impressões, podemos notar que as suposições a respeito da importância da tecnologia no aprendizado vão ficando cada vez mais evidente e, aqui fica exposto, pois a grande maioria dos alunos pesquisados tiveram seu primeiro contato com o gênero Conto de Fadas a partir do uso da televisão, sem contar que entre os que leram, temos o exemplo de uma das alunas que relatou que leu em seu aparelho celular.

Num segundo momento foi explanado para os jovens como seria feito o Projeto de Intervenção e as ideias a serem trabalhadas. Também foi feita uma pequena introdução sobre o gênero conto de fadas, alguns alunos ficaram meio céticos com a relevância desse assunto, algum afirmaram tratar-se de histórias para meninas, mas com as devidas explicações, onde foi dito que eles teriam a oportunidade de trabalhar na quebra de paradigmas que iriam desmistificar os “felizes para sempre” ou de que “não passam de histórias infantis” eles se mostraram mais animados.

Um dos alunos que, inicialmente, se mostrou relutante à escolha do gênero abordado, e que havia dito que não gostava desse tipo de literatura, nem tinha interesse nessas histórias, se mostrou aberto a experiência, e desde de o primeiro exercício demonstrou empenho e esforço na participação das atividades propostas.

Como primeira leitura foi abordado um clássico que se intitula *A princesa e o sapo*, e foi feita uma leitura na versão escrita pelos irmãos Grimm, o que mais chamou atenção deles foi o fato da princesa desenfeitiçar o sapo quando o joga na parede, o porquê de eles ficarem espantados? Em opinião pessoal, depois confirmada com um diálogo com os mesmos, foi descrito como estranho, pois estavam esperando um beijo, e essa falta do elemento romântico gerou uma boa discussão.

Em paralelo com a leitura dessa obra clássica e sua discussão também foi apresentada para os alunos a estória *A princesa e o sapo* em uma versão que podemos chamar de brasileira, conhecida no Nordeste, como literatura de cordel. Essa forma de trabalhar a mesma estória chamou muita a atenção dos jovens e esses se mostraram muito interessados com essa forma peculiar de ver um conto de fadas.

Um dos fatos que mais chamou atenção foi quando se iniciava a leitura os alunos ficavam atentos para poderem ouvir e desfrutar daquele momento. E no decorrer da apresentação do texto em cordel, os estudantes começaram a ler juntamente com o professor acompanhado com extrema paixão a leitura e assim ficou uma cena impressionante, uma leitura em coral feita por alunos que realmente estavam se divertindo com a leitura. Essa cena impressionou inclusive um coordenador da escola que passava pelo corredor na hora, o mesmo parou na porta da classe para observar melhor o que acontecia.

Percebemos que os adolescentes apreciaram, em especial, essa atividade por tratar-se de um texto escrito em forma de poesia muito conhecido no nordeste do país, e bem aceito aqui na região Norte, de acordo com eles pelo caráter oral das narrativas, com uma linguagem aparentemente mais simples, além da fluidez com que narram as sagas sejam elas mais heroicas ou românticas, onde sobressaem o humor irreverente acrescido as histórias mundialmente conhecidas, resultando numa releitura que ressalta o valor cultural não só de países europeus, mas agrega elementos culturais brasileiros. Acreditamos que os alunos se sentiram mais representados, inclusive pela linguagem.

No final do primeiro dia, os jovens se mostraram muito animados, perguntaram em massa se as aulas de leitura e interpretação iriam continuar, ficaram mais entusiasmados quando souberam que, durante o projeto seriam exibidos filmes baseados

nos contos de fadas lidos, afim de compara-los aos textos clássicos e suas releituras modernas.

3.3.2 Segundo encontro

Na segunda aula, continuamos a discussão sobre a importância dos contos de fadas e a mensagem que eles transmitem para a sociedade. Neste momento foi apresentado a eles os finais originais de contos emblemáticos como a Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault, onde o lobo devora a menina e não tem final feliz, apenas uma lição de moral sobre o perigo de se confiar em estranhos.

Essa versão até então desconhecida por parte dos jovens vai de encontro ao que eles descreverem nas suas primeiras impressões sobre os contos de fadas e isso pode ser visto com mais clareza no gráfico abaixo:

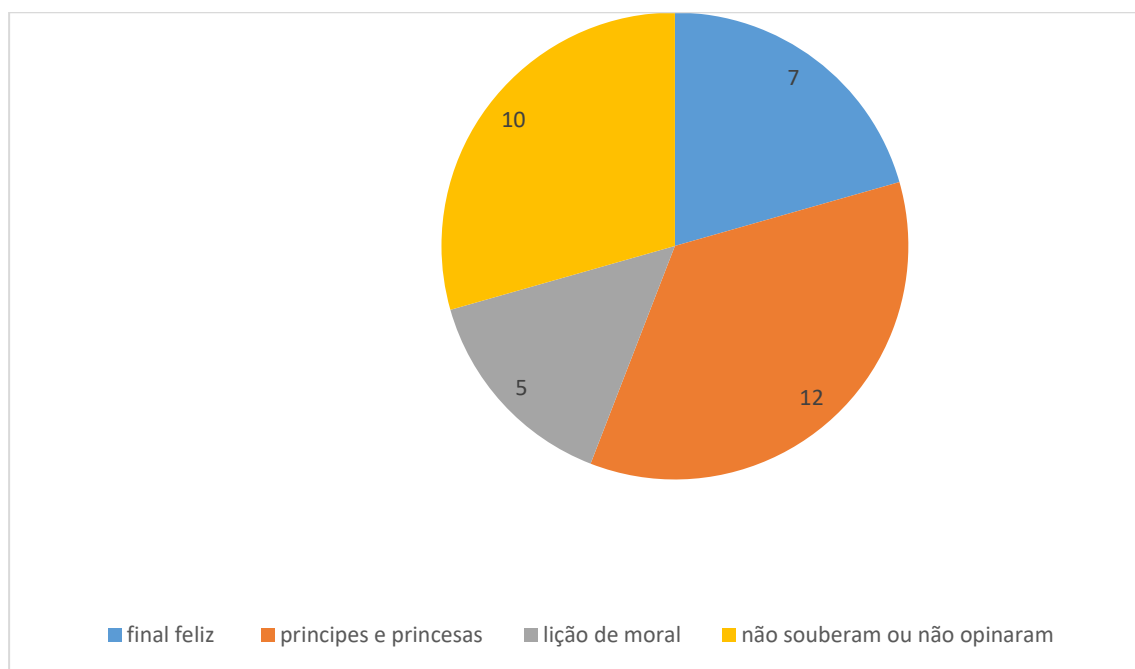


Gráfico II: aspectos do conto

Um número significativo resultou na quantidade de alunos que não souberam dizer o que é para eles um conto de fadas tradicional, mesmo para aqueles que já tiveram contato com esse gênero, alguns não foram capazes de explicar o que é um conto de fadas e nem identificar os elementos presentes nessas narrativas. Ao que parece, quando a criança cresce, o incentivo à leitura, perde espaço para o domínio do conteúdo das aulas

de gramática, o professor tem um programa extenso para cumprir, não há um equilíbrio entre as aulas de leitura e gramática.

Como foi constatado é necessário fazermos um apanhado histórico com os jovens leitores desde a origem sombria dos contos até suas versões mais pasteurizadas, ou aquelas em que os estereótipos são rompidos, em que princesas deixam de ser coadjuvantes indefesas e passam a lutar por seus sonhos. Retratando os vários aspectos dessas narrativas, seu caráter educacional, cheio de moral, mostrando que com o passar dos anos e com o gênero se voltando para outro público passou a evocar mais aventuras e conflitos, onde o romance aparece em segundo plano. Deixando aos alunos uma infinidade de possibilidades.

Houve na figura dos Irmãos Grimm um agente transformador, já que foram eles os responsáveis pela transformação do gênero de sombrio para o que os alunos e a maioria das pessoas conhecem hoje, onde a violência foi amenizada. Podemos dizer que desde os primeiros contistas essas histórias veem sendo modificadas, atendendo às necessidades de cada época.

Logo após ser lida, a versão de Perrault do conto Chapeuzinho Vermelho foi lido a versão dos irmãos Grimm e assim foi iniciado um debate cujo foco foram as principais características de cada autor e as suas várias visões de como a história deve ser contada. E mesmo com o choque e o final inesperado alguns alunos gostaram da versão menos feliz do conto.

O debate sobre como um mesmo conto pode ter inúmeras versões, ou que as histórias podem ser vistas sob um novo olhar, elevou a curiosidade dos alunos e assim podemos notar que eles queriam saber mais sobre as adaptações literárias. Foi informado que na nossa próxima exposição seria exibido para eles o filme *A Garota da Capa Vermelha* e que eles deveriam tomar nota para que pudessem descrever melhor as diferenças entre o clássico e as adaptações sejam elas literárias ou cinematográficas.

O que mais chamou atenção foi o fato de os alunos não só comparecerem as aulas em peso, mas também o fato de eles se mostrarem ávidos pelo conhecimento, sempre perguntando se poderíamos levar mais livros e leituras para que eles pudessem ler em casa, mesmo levando material novo durante todas as aulas, alguns sempre pediam por mais. O que nos levou a ideia de emprestar livros de nosso acervo pessoal, criando um sistema de empréstimo, já que a escola não dispunha de biblioteca.

3.3.3 Terceiro encontro.

Como combinado, anteriormente, foi levado para ser exibido aos alunos um filme baseado no clássico Chapeuzinho Vermelho, a trama intitulada *A Garota da Capa Vermelha*. Mas para que isso pudesse acontecer a turma teve que se deslocar para a sala do 9º ano, devido a sala do sétimo não apresentar a menor condição de se usar o Datashow, pois esta era excessivamente clara. A escola não é disposta de uma sala de vídeo que, seria mais adequada para um tipo de aula pretendida.

Mesmo em uma sala, supostamente melhor para o uso do recurso de mídia, as condições não eram adequadas, apesar desse espaço ter cortinas, elas não resolviam satisfatoriamente o problema da claridade, além disso a aparelhagem de som precisaria ser mais eficiente para a execução do filme, o que em parte prejudicou a leitura de algumas cenas mais sombrias. Entretanto, apesar dos problemas técnicos, o trabalho foi realizado e muito bem recebido pelos alunos que ficaram envolvidos com a história e seus simbolismos.

O filme lançado em 2011 tem a seguinte sinopse:

A trama se passa durante a Idade Média. Valeri (Amanda Seyfried) é uma jovem que vive em um vilarejo aterrorizado por um lobisomem. Ela é apaixonada pelo lenhador Peter (Shiloh Fernandez), mas seus pais querem que ela se case com Henry (Max Irons), filho de uma família rica do local. Diante da situação, Valeri e Peter planejam fugir, mas veem seus planos irem por água abaixo quando a irmã mais velha de Valeri é assassinada pelo lobisomem que ronda a região. Adaptação moderna da clássica história da Chapeuzinho vermelho.



(www.adorocinema.com.br).

Na aula anterior os alunos tiveram acesso as versões clássicas de Perrault e dos Grimm, cujos finais são bem diferentes, a intenção ao exibir esse filme foi mostrar aos educandos que mesmo, histórias escritas há séculos, ainda podem ser significativas nos dias de hoje, ainda que com outra roupagem, pois trata-se de uma releitura moderna, com valor artístico. Pode-se dizer que o uso do cinema, pela primeira vez, durante a execução do projeto, mesmo com todas as dificuldades, teve um impacto positivo, pois os alunos puderam ver essas histórias com outro olhar.

Ao final da exibição do filme, fizemos uma discussão a respeito das histórias, ressaltando semelhanças e diferenças entre o enredo da produção cinematográfica e o texto literário. Após as primeiras impressões foi pedido que eles transcrevessem para o papel todas as coisas que mais chamaram a atenção deles sobre o filme. Vejamos algumas observações feitas por eles durante esta atividade:

“Para mim a principal semelhança entre o conto e o filme é o ambiente, a menina anda sozinha pela floresta, a cena no filme somada a trilha sonora deixa o clima muito mais assustador. Deixando uma atmosfera de suspense.” Afirma o aluno (J.S.M.)

“Há uma grande semelhança entre os dois, quando a mãe aconselha a menina a não falar com estranhos, no caminho para a casa da avó. Mas é claro que ela não obedece!” (M.V.)

“Bom, O filme A Garota da Capa Vermelha é uma adaptação do conto popular. As semelhanças entre eles é que a garota tem uma capa vermelha, lógico. Mas também tem a mãe, a avó, o lobo e o caçador, embora esses personagens sejam retratados de forma muito diferente no filme. No filme o foco principal é o romance proibido entre a menina e o lenhador”. (G.K.S.M.)

“No filme aparece o clássico diálogo, presente em todas as versões do conto, em que chapeuzinho pronuncia: Que olhos grandes você tem vovó... só que no filme dá muito mais medo.” (D.L.C.)

“No conto a menina é apenas uma garotinha indefesa, no filme ela é uma jovem cheia de atitude, que não aceita o que lhe é imposto pelos pais.” (M. E.)

Essas foram as principais observações feitas pelos discentes, o primeiro aluno citado falou sobre o ambiente, o caráter sombrio das florestas retratadas em ambas as narrativas, destacando que os recursos adotados pela narrativa cinematográfica ajudam a compor o cenário e o clima de suspense, evidenciando o perigo de andar sozinha pela floresta.

O aluno (M.V.) assim como outros alunos não mencionados, percebeu que em ambas as narrativas, tanto no filme quanto no conto, há a advertência materna, acerca do perigo de falar com estranhos. Ele é categórico ao mencionar a desobediência, deixando claro que para a garota a curiosidade vence a prudência.

A discente (G.K.S.M.), aponta semelhanças de caráter geral, como a caracterização das roupas da protagonista, mencionando o capuz vermelho, além dos personagens que compõem a trama, que apesar de serem os mesmos são retratados de forma singular no filme. E que neste último, toda ação se baseia num romance entre a garota e o lenhador, a aluna sugere que o lobo e a família são obstáculos a serem superados para que o casal fique junto no final.

Um dos alunos, destacou o famoso diálogo entre chapeuzinho e a suposta avó. Algo quase sempre comum, as diferentes versões do conto. Inclusive alguns alunos só identificaram a que conto o filme remetia neste momento da narrativa, o que de fato, curiosamente, surpreendeu parte da turma.

Outra observação interessante é a mudança de caracterização do feminino, apontado pela aluna (M.E.), no filme aparece uma garota decidida a lutar contra as imposições sócias, inclusive discordando dos pais, diferente da menina curiosa e ingênua retratada no conto.

Para encerrar as impressões acerca do filme, é válido ressaltar que alguns alunos destacaram uma relação de intertextualidade, ao relatarem uma cena no filme que remete a outra estória, cena esta que se passa durante uma comemoração na vila onde a protagonista morava, em que três cidadãos fantasiados de porcos são soprados por outro homem vestido de lobo, fazendo alusão ao conto, *Os Três Porquinhos*.

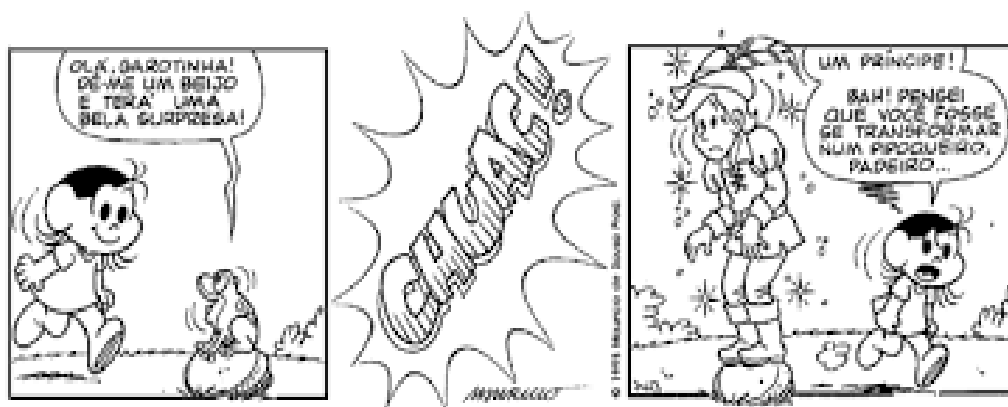
Pode-se perceber que a maioria dos alunos, avançaram significativamente, deixando de observar somente o óbvio, mas iniciando uma observação mais “profunda”, claro, condizente com o nível de maturidade da turma. É evidente que se trata de um progresso que vai se constituindo e intensificando ao longo das atividades propostas, como um processo contínuo.

3.3.4 Quarto encontro.

Nesse encontro propusemos grupos de 6 alunos para que pudessem ler e apresentar um pequeno estudo sobre a biografia dos autores cujos textos vinham sendo

lidos e discutidos durante o andamento do projeto, para assim poder ampliar o conhecimento dos discentes, sobre o gênero e as diferenças de escritas entre os autores.

Em seguida foi feita uma retomada sobre as principais características desses autores, e novamente falamos sobre como o conto de fadas está inserido em várias áreas da língua portuguesa, sendo trabalhados não só por contistas, mas por poetas, cronistas e inclusive cartunistas, como é o caso do, mundialmente, famoso Maurício de Sousa, que incluiu o gênero conto de fadas em suas histórias em quadrinhos, sempre com uma veia crítica. A exemplo, selecionamos as imagens a seguir:



Copyright ©1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Os alunos apreciaram muito este gênero, afinal para que serve um príncipe? Na sociedade contemporânea, para a gulosa personagem de Maurício de Sousa, um pipoqueiro ou um padeiro, seria de muito mais valia.

Com as características dos autores lembradas e suas contribuições revistas, os alunos foram divididos em seis grupos, de seis integrantes, para assim poder trabalhar as bibliografias desses autores e as particularidades de cada um deles, foram estruídos a prepararem uma exposição sobre cada um deles. Feito a divisão, os grupos ficaram sendo estes:

- Primeiro Grupo: Charles Perrault
- Segundo Grupo: Hans Christian Andersen
- Terceiro Grupo: Irmãos Grimm
- Quarto Grupo: Luís Fernando Veríssimo
- Quinto Grupo: Sílvio Romero
- Sexto Grupo: Maurício de Sousa

Após ser repassado para eles as biografias e os materiais necessários para que pudessem confeccionar os cartazes, os grupos foram conduzidos para o refeitório para que se reunissem e trabalhassem mais à vontade, como já mencionado a escola não possui biblioteca, nem sala de leitura, mas isso não impediu a execução da atividade, com participação positiva de todos os envolvidos, supervisionamos e explicamos os passos da atividade, esclarecendo as eventuais dúvidas dos alunos, assim foi o preparatório para o seminário.



Imagem I: Grupo preparando a apresentação

Durante todo o restante do dia os grupos ficaram se preparando no refeitório, para a exposição dos cartazes e apresentação das biografias. Motivados pelo fato de não estarem restritos a sala de aula, e com a atenção voltadas para o seu trabalho, eles se mostraram satisfeitos e o seminário ficou para a próxima aula. Assim finalizou-se mais um dia de projeto.

Essa atividade, a princípio, não foi muito fácil. A maioria dos alunos se encaixaram bem nos grupos, mas outros pareciam deslocados, habituados a fazerem seus trabalhos sempre sozinhos. Com esforço e boa vontade foram incluídos nos grupos e de fato contribuíram para a conclusão desta etapa da intervenção. Um ou dois alunos do grupo “Maurício de Sousa” não se mostraram muito envolvidos, principalmente, na confecção dos cartazes, deixando essa tarefa para as três meninas que compunham a

equipe. Entretanto esses mesmos garotos viriam a nos surpreender durante a apresentação do seminário.

3.3.5 Quinto dia.

Outro dia de projeto se inicia, os alunos começaram a se organizar para a apresentação dos seminários e assim avançar na proposta de SD desenvolvida para este trabalho:

O primeiro grupo a se apresentar foi o “Perrault”, os integrantes se mostraram preparados e seguros a respeito do conteúdo, fizeram uma apresentação bem elaborada e sucinta com um cartaz, os alunos resumiram o texto, ressaltando aspectos relevantes da vida e da carreira do contista francês, que levou os contos à Corte e ficou bem conhecido pelas lições de moral no final de cada conto.



Imagem II: Grupo Perrault

Logo depois da apresentação do grupo Perrault, os alunos responderam algumas perguntas feitas pelo professor sobre o autor francês, e alguns questionamentos feitos pelos colegas, escutaram os apontamentos e comentários feitos pelos outros alunos, estes contribuíram com a apresentação dando alguns exemplos sobre os finais moralistas contidos nas narrativas escritas pelo autor. O debate feito após o término da apresentação mostra o grau de interesse deles pelas histórias e seus autores.

Continuando a programação, o segundo grupo, responsável pela bibliografia de Andersen, iniciou a apresentação. Este era formado apenas por meninos,

coincidentalmente ou não, os mais agitados e barulhentos da classe, apesar da aparente falta de seriedade fizeram um trabalho bem coerente e organizado. Demonstrando se divertir no momento da explanação.

O grupo Andersen expôs de forma coerente a obra do escritor dinamarquês e destacaram muito bem a forma como ele apresentava as suas obras com caráter de denúncia, expondo algumas das mazelas sofridas pela sociedade da época. Salientando que elas sempre retratavam as condições humanas de determinados grupos sociais, mas focaram, especificamente, em seu conto mais famoso *O Patinho Feio*, destacaram como um indivíduo pode ser excluído, simplesmente por ser diferente.



Imagem III: Grupo Andersen

No final da apresentação os alunos responderam à perguntas feitas pelo professor, que também fez um breve comentário sobre o autor que além do conto exposto pelos alunos também escreveu outros contos muito significativos, que inclusive foram lidos na classe, *A Pequena vendedora de fósforos*, *Os sapatinhos vermelhos* e *A Sereiazinha*, uma das alunas da plateia mencionou “as histórias dele são sempre tristes”, só então eles se deram conta que os textos de Andersen tinham um caráter melancólico.

Os alunos que vieram a seguir fizeram uma apresentação muito adequada a respeito dos famosos escritores Irmãos Grimm, expondo um trabalho que surpreendeu tanto pela organização quanto pelo domínio do conteúdo, os participantes estavam

seguros e preparados, falaram seguramente, sem timidez, ressaltaram a importante contribuição dos irmãos alemães para a divulgação destas estórias seculares.

O grupo Irmãos Grimm focou na forma como os autores contribuíram para que os contos deixaram de ser estórias para adultos e se transformaram em contos infantis, eles foram os grandes precursores do “felizes para sempre”. O grupo deu exemplos de contos bem interessantes, como *O Alfaiate Valentão* e *O Gato de Botas*, contos que não possuem um viés romântico, mas um caráter de aventura e audácia.

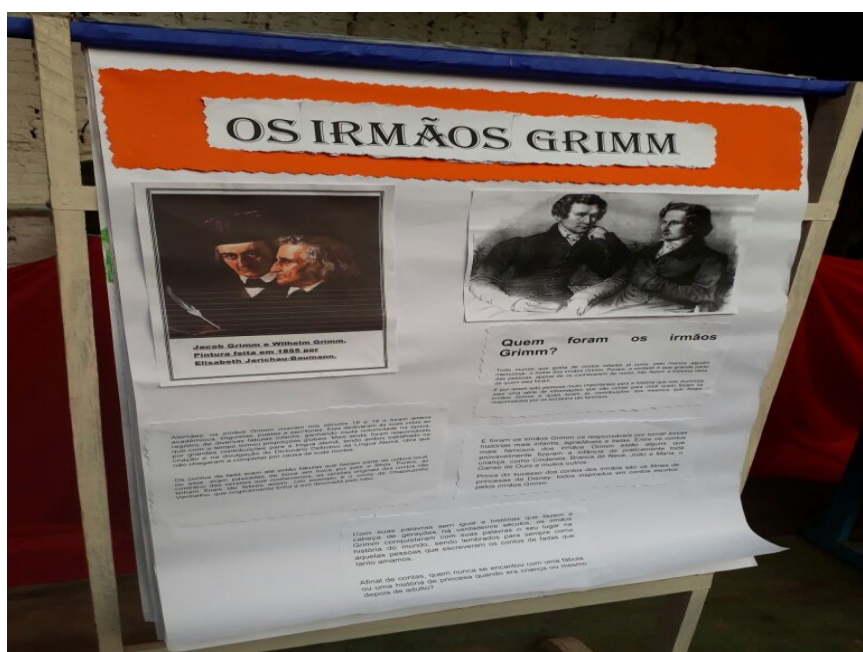


Imagem IV: Grupo Irmãos Grimm

Com o fim da apresentação do terceiro grupo, o professor fez poucos apontamentos, levando em conta que os alunos fizeram um trabalho exemplar, houve alguns colegas que fizeram perguntas, que após serem respondidas, logo em seguida, iniciou-se a apresentação do quarto grupo, que, trabalhou com a biografia do cronista brasileiro Luís Fernando Veríssimo, que mesmo escrevendo crônicas se utilizou dos contos de fadas em algumas de suas narrativas.

O grupo se apresentou de forma coesa sobre o tema e fez um breve apanhado sobre o autor, demonstrando domínio do que lhes foi pedido, como parte da apresentação eles leram um dos contos de Veríssimo, chamado *Contos para mulheres do século XXI* Trata-se de uma releitura do conto *A Princesa e o Sapo*, assim finalizando a sua apresentação.

Os dois grupos restantes, Sílvia Romero e Maurício de Sousa, demonstraram um pouco de insegurança ao se apresentar. Os componentes daquele, a princípio se recusaram a falar, afirmando que não exporiam o trabalho, mas enquanto o último grupo começava a se posicionar a frente para iniciar sua explanação, mudaram de ideia e três alunos apresentaram, falaram sobre o autor e um de seus contos, ressaltando a linguagem e elementos mais abasileirados, apesar das dificuldades demonstraram que estavam tentando fazer um bom trabalho, mesmo revelando uma timidez excessiva, a apresentação foi satisfatória.

O grupo Maurício de Sousa acordou que apenas os meninos iriam apresentar, uma vez que não ajudaram na confecção dos cartazes. Os componentes deste eram os mais velhos da classe, “desajustados”, referidos pelos colegas como os encenqueiros. Apesar de demonstrarem pouco domínio do conteúdo falaram bem, com clareza, revelando que tinham potencial para arguir, faltava apenas um pouco de empenho. Surpreendendo inclusive os colegas de classe.

Após findarem as apresentações, constatamos que a maioria dos alunos estão comprometidos com o projeto. Então foi feito um desafio aos alunos, eles teriam que produzir seus próprios contos, com caráter original, mas poderiam usar textos clássicos como base. Essa proposta deixou os alunos eufóricos, principalmente com a sugestão de produzir uma coletânea com seus contos, para que todos pudessem ler posteriormente.

Iniciam-se assim as primeiras produções, alguns alunos tiveram facilidade em escrever, outros nem tanto. Apesar de muitos erros ortográficos, falta de coesão... obtivemos textos interessantes.

3.3.6 Sexto encontro.

Durante todo o projeto foi colocado à disposição dos estudantes os textos dos autores trabalhados nos seminários, assim como outros, além das cópias entregues durante as aulas, resolvemos disponibilizar livros de nosso próprio acervo, para que os alunos pudessem pegar emprestado e lerem se isso fosse o que eles desejassem, a princípio apenas algumas meninas demonstraram genuíno interesse, mas com o passar do estudo mais e mais alunos buscaram o contato com essas leituras. Para isso criamos um sistema de empréstimos. No qual fomos bem-sucedidos.

Um dos livros que mais foi emprestado foi *Contos de Perrault*, a mesma estudante pegou o livro emprestado três vezes. Quando indagada sobre a questão, ela

disse que na segunda vez leria para seu primo mais novo, na terceira vez emprestou para sua mãe, que estava curiosa sobre o conteúdo do livro, tão lido dentro de sua casa. O que nos deixou felizes, mostrando que a nossa iniciativa estava rendendo “frutos”, nasciam mais leitores. Seria possível que a leitura fosse contagiante?

No sexto dia fizemos um pequeno levantamento sobre o que eles gostavam de fazer no tempo livre, perguntamos se eles gostavam de ler para se distrair e obtivemos os seguintes resultados:



Quadro IX: alunos que lêem

Quando analisamos os dados, podemos notar que muitos alunos gostam de ler, embora não sejam os clássicos literários, eles ainda assim estão lendo, quando questionados sobre o tipo de leitura, obtivemos algumas respostas interessantes, destacando as seguintes:

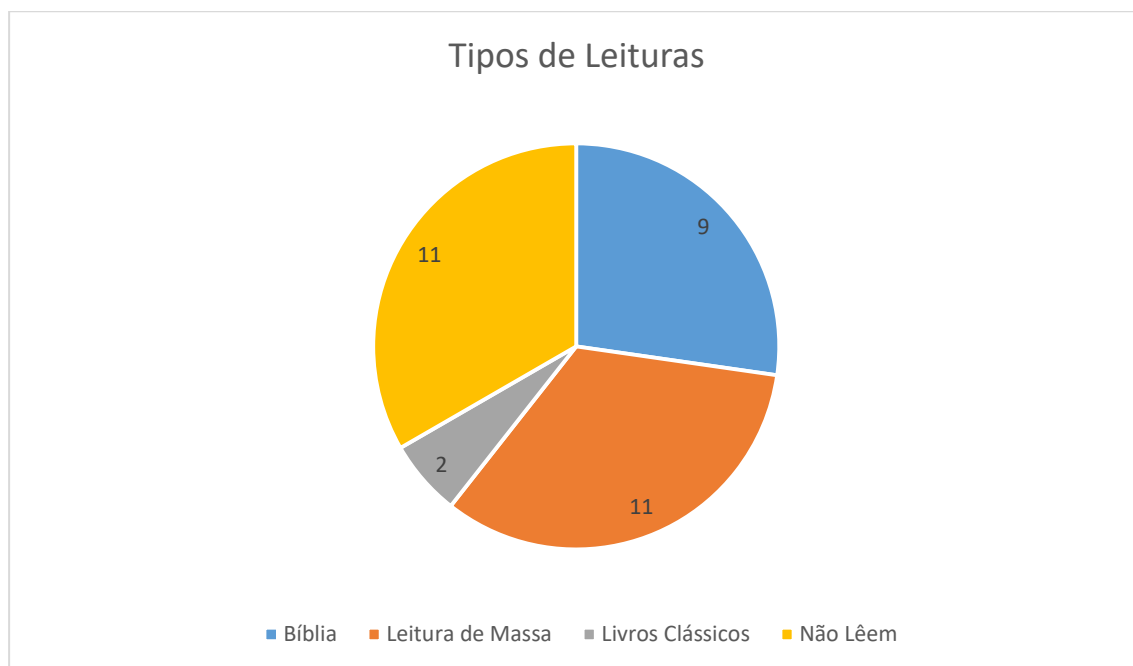


Gráfico X: tipos de leituras

O gráfico mostra claramente que mesmo não sendo livros clássicos, os jovens continuam lendo, e não deixa de ser uma leitura importante, entretanto devem ser direcioná-los para leituras mais substanciais, assim despertar cada vez mais o gosto pela leitura.

Quando questionados de por que ler esses livros? Muitos responderam que é porque são mais fáceis de ler ou que a leitura é mais legal, entre outras, mais a verdade é que eles não conheciam bem as obras clássicas, assim quando foram apresentadas a essas leituras acabaram gostando.

Com a evolução do estudo, podemos notar que os alunos estavam mais empenhados e participativos, mostrando-se mais ávidos pela leitura, agora mais curiosos sobre os livros que foram disponibilizados a eles (títulos segue no anexo). No decorrer dos dias, durante a aplicação do projeto, muitos alunos, que tinham a fama de desinteressados na Escola, foram se tornando mais participativos. A metodologia adotada nas aulas funcionou satisfatoriamente. De acordo com a aluna Wemily “É muito legal a gente ser ouvida e nossas ideias serem tratadas de forma séria” diferentes abordagens e incentivo pessoal, fizeram diferença na forma como esses alunos viam a escola.

Após a pesquisa, foi exibido o filme *Malévola*, na classe, assim eles poderiam identificar as semelhanças e diferenças entre as versões (escrita e televisiva). No início houve uma certa dificuldade, pois como a escola possui apenas uma sala que se pode

passar vídeos em Datashow e a mesma já havia sido reservada, foi solicitada a televisão da escola, mas a mesma era de um modelo muito antigo sem entrada USB, como foi comentado anteriormente, a falta de um aparato pedagógico pode influenciar no desenvolvimento estudantil.



Para finalizar bem o dia, fizemos uma roda de leitura, foi lido para eles o conto *A Bela Adormecida*, na versão dos Irmãos Grimm, e para cada um foi distribuída uma cópia da narrativa. No final, fizemos um breve debate sobre a estória e as diferentes versões televisivas, focando, principalmente, no mais novo sucesso da Disney, *Malévola*. Pode-se notar as diferenças dos pontos de vista, os alunos tiveram um misto de decepção e surpresa ao ver que o beijo do príncipe não despertara a princesa. “Quando ela não acordou ao ser beijada pelo príncipe cheguei a pensar que seria o corvo o verdadeiro amor dela” disse uma das alunas. Outra afirmou: “Jamais imaginaria esse desfecho.”

As pessoas, em geral, têm uma visão estereotipada de que as belas são sempre indefesas e precisam de um príncipe para salvá-las. As novas heroínas fogem a esse padrão, amor romântico foco principal do clássico conto, foi substituído pelo amor materno no outro.

Malévola surpreende em tudo... “Confesso que tive medo da Malévola, aqueles chifres, aquela atmosfera de terror quando ela aparece na festa de apresentação da princesinha...” afirmou um terceiro, ele fala sobre o feio relacionado ao mal, e o belo relacionado ao bem. Mas se por um lado essa personagem assustou, por outro agradou e

muito, veja a opinião de mais uma estudante: “Malévola é minha nova heroína preferida, ela não é sempre boa como as outras, ela é boa e má. Ela é como a gente, tem mudanças de humor, ninguém é sempre bom”. A aluna se refere a dualidade da alma feminina, a fada e bruxa, vivendo na mesma mulher, Malévola diferente de outras heroínas tem um misto de vilã e salvadora, é uma personagem redonda, complexa, que evolui e surpreende dentro da trama.

Alguns alunos se detiveram aos recursos usados no cinema, a configuração das cenas, a importância da trilha sonora para a criar a tensão no filme: “Esse filme é um verdadeiro show de imagens digitais, com ótimos efeitos sonoros”.

Outro aluno fez um apontamento muito interessante ao mencionar “Desde de Shrek nenhum outro filme me surpreendeu tanto.” É verdade que *Shrek* é um pioneiro na quebra de paradigmas, na dissolução de estereótipos, afinal todos esperavam que o beijo protagonizado entre Fiona e o Ogro acabasse por transformá-lo num lindo príncipe, mas o que acontece é uma tremenda reviravolta, pois é ela que se transforma em ogra, chocando os telespectadores. Ambos são verdadeiras obras-primas do gênero, com um grande poder de entreter o público e despertar reflexões profundas.

3.3.7 Sétimo encontro

Esta aula destinou-se a refacção textual, o que se mostrou mais desafiador que o esperado, a maioria esmagadora dos alunos não gosta de trabalhar no aprimoramento do texto, talvez por preguiça ou falta de hábito de refletir sobre a língua, o fato é que não foi fácil convencê-los sobre a importância de refazer o texto. Mas depois de apontadas falhas na comunicação entre narrador e seus possíveis leitores eles compreenderam melhor essa necessidade.

Com a produção textual dos alunos sendo trabalhada, depois de todas as leituras clássicas e suas adaptações, eles foram orientados para fazer as melhorias nos textos.

Quando as versões finais dos textos dos alunos foram entregues, tivemos uma grande surpresa, pois os alunos melhoraram bastante suas produções, segue abaixo uma lista com os seis melhores textos escritos pelos alunos e as histórias que serviram de base para a criação:

Título do conto	Texto inspirador	Característica
A Cinderela Preguiçosa	Cinderela	Estória com elementos modernos, com uma protagonista que é o oposto da estória clássica.
A princesa e os Sapos Folgados	A princesa e o sapo	Uma estória que une moderno e clássico, a comicidade da narrativa garante boas risadas aos leitores.
A Menina e o Lobo	Chapeuzinho Vermelho	Um drama com um final inesperado
A Menina Gata Xadrez	Original	Uma estória original que encanta pela simplicidade
O Gato sem Botas	Gato de botas	Uma narrativa divertida, um misto de aventura e comédia.
Cinderela Rasputin	Cinderela	Uma Cinderela que teve medo de se arriscar.

Quadro XI: textos dos alunos

Os textos acima citados foram selecionados como os seis melhores, que se destacaram entre bons textos, alguns dos respectivos autores foi um público diferente dos que normalmente se esperaria, de acordo com o coordenador, pelo menos a metade são de alunos com baixo rendimento, que vieram a se desenvolver durante a execução projeto.

O primeiro conto, selecionado como um dos melhores, foi de uma aluna, que fez uma releitura do clássico *A Princesa e o Sapo*, intitulada *O Sapo Folgado*, e que posteriormente viria a se chamar *A Princesa e os Três Sapos Folgados*, trata-se de uma estória moderna e divertida.

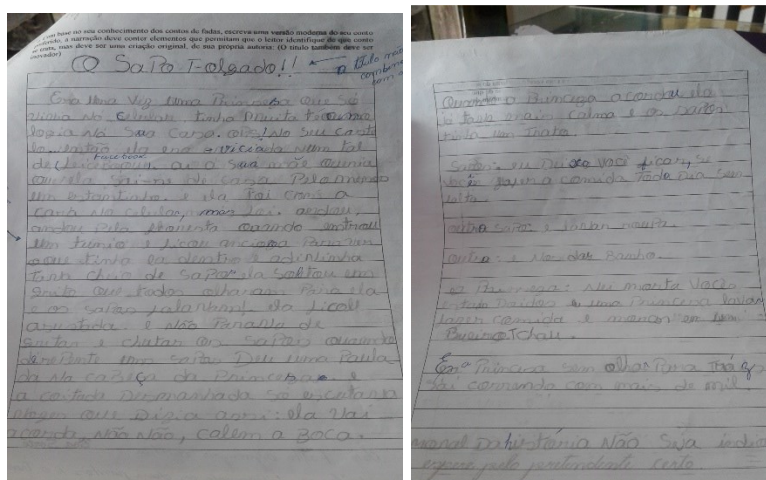


Imagem VI: Texto da aluna Nzangi.

Inusitadamente a aluna criou uma atmosfera muito atual, introduzindo na narrativa o uso da tecnologia, retratando uma princesa “antenada” e cheia de atitude, típico da sociedade contemporânea. “ela era viciada num tal de ‘FACEBOOK’” com um uma linguagem simples e cativante, especialmente, para o público jovem. Ela nos fez dá boas risadas, a comicidade dominou toda a narrativa, criando diálogos muito engraçados. E terminando com uma moral: “Não seja idiota, espere pelo pretendente certo!” mostrando que as meninas não devem se submeter a homens machistas.

De maneira geral, podemos dizer que houve uma evolução na escrita e no desenvolvimento do diálogo entre as personagens, além disse o texto traz uma mensagem positiva, trazendo à tona reflexões pertinentes ao empoderamento feminino.

O segundo texto, que se destacou entre os demais, foi um baseado no conto *Cinderela*, uma produção que conta outra versão da estória, onde vemos certa originalidade desde o título “*Cinderela Preguiçosa*”, entretanto o que mais chamou a atenção não foi o fato de a aluna escrever um bom texto, mas o fato da estória em questão ser de autoria de uma discente com sérios problemas comportamentais na escola, Letícia a referida aluna, não frequentava mais as aulas das outras disciplinas, por curiosidade ela assistiu a aula na qual apresentamos a proposta do projeto, desde então passou a vir as a escola apenas às terças-feiras, durante as cinco aulas de Língua Portuguesa.

A adolescente vem respondendo bem ao programa, tem sido participativa e pontual, fato este que impressionou tanto o corpo gestor da escola quanto os próprios colegas, que chegaram a mencionar que ela está indo apenas para as aulas do projeto. Quando indagada sobre o porquê ela gostava tanto das aulas do projeto a mesma respondeu da seguinte maneira:

Professora tudo que temos são aulas chatas e professores zangados e a sua aula é muito legal e interessante, não sabia que ia gostar tanto de contos de fadas, mas a forma como você nos ensina é de uma forma muito gentil, sempre escuta o que temos a dizer. (Palavras da aluna Letícia)

A mãe da menina, em conversa conosco, disse que ela havia melhorado bastante, mas que era tarde demais para recuperar o ano letivo. No ano seguinte estudaria à noite, pois acreditava que ela se sentia deslocada por ser uma das alunas mais velhas, não se dando bem com a maioria dos colegas muito mais novos.

Letícia escreveu um texto moderno, com uma heroína que remete a sua própria personalidade, desafiadora de regras. A narrativa conta a estória de uma jovem que enfrenta várias adversidades para ir a uma festa... sair escondida, ser assaltada, ter de ir a pé ao seu destino, sem nem uma vez pensar em desistir. Mais uma vez o texto da aluna surpreende, desta vez pelo final incomum ao gênero, que foge à regra “E viveram felizes para sempre”.

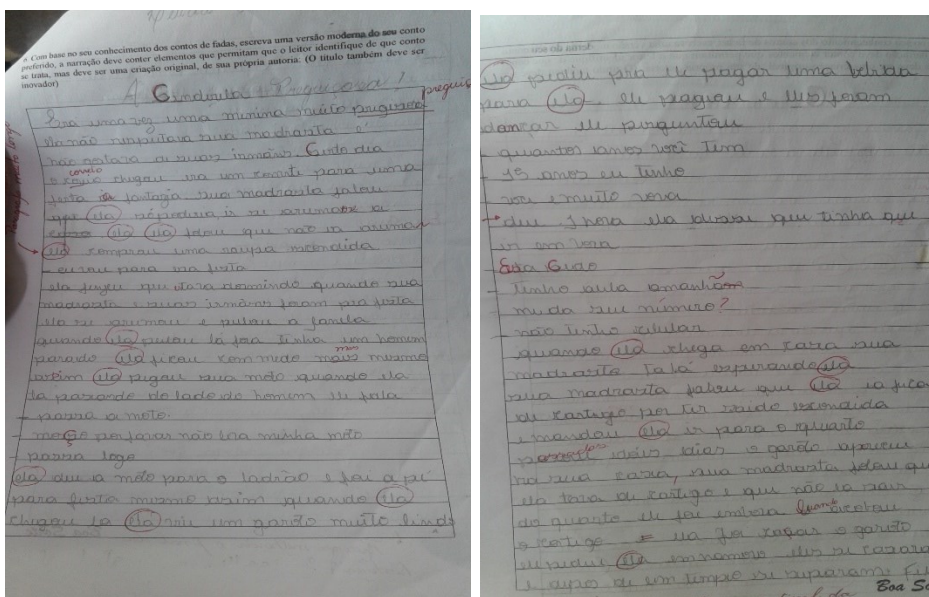


Imagem VII: Texto da Letícia

“Casaram, tiveram dois filhos e viveram felizes por um tempo, até que se separaram. E ela resolveu que iria trabalhar para criar as crianças.” Esse foi o fim da narrativa, uma Cinderela divorciada com dois filhos para sustentar. Uma heroína que representa muitas mães que vivem situações similares, que se superam todos os dias em busca de uma vida melhor.

Outros textos tiveram mérito, os alunos realmente se esforçaram nas produções, mas para não correr o risco de o trabalho ficar muito extenso, não serão

comentados aqui. Estes e os demais textos, produzidos pelos discentes, estarão em anexo, no final deste trabalho.

3.3.8 Oitavo encontro

No último dia de aplicação do projeto, foi exibido um filme, com direito a pipoca. *João e Maria: Caçadores de Bruxas*, a trama era um misto de ação e aventura, apenas para entretenimento da turma. Em seguida foi apresentado para os alunos um vídeo com as fotos de todos eles, registrando os melhores momentos das aulas, eles ficaram bem entusiasmados... até os mais tímidos lamentaram por não terem aparecido tanto quanto os outros, que em alguns momentos, chegavam a posar para a câmera.

Logo depois, foi feita uma pequena confraternização, entre os alunos e o corpo gestor. Nesta ocasião foram lidos os textos de autoria dos alunos, além da exposição de todos os materiais confeccionados durante as aulas, que deram sequência ao projeto. Também foi servido um pequeno coquetel, para celebrar os resultados do trabalho.



Os alunos estavam bem animados com a pequena confraternização, mas por outro lado estavam se sentindo tristes com o fim do trabalho. O aluno Paulo Henrique chegou a fazer o seguinte comentário: “você deveriam ficar mais com a gente” outros alunos perguntaram se o trabalho poderia continuar pois eles estavam aprendendo muito com ele. Esses pedidos nos emocionaram, principalmente, por confirmar que este trabalho teve um efeito positivo, e que ele pode ser aprimorado e/ou adaptado para desenvolver outros conteúdos... para apresentar outros clássicos da literatura que também viraram filmes, não se restringindo apenas ao gênero Conto de Fadas.

Depois do coquetel, sorteamos um livro, *Os melhores contos de Hans Christian Andersen*, para incentivar a leitura de novos contos, aumentando a difusão desses contos.



Os alunos tiraram muitas fotos, brincaram, dançaram, participaram de cada etapa do trabalho, inclusive da limpeza da classe. O que demonstrou que passaram a ter um maior espírito de coletividade, incluindo até os mais tímidos, o desenvolvimento da turma como um todo superou nossas expectativas.



Imagem VII: Enceramento

Os textos entregues pelos alunos foram reunidos em uma grande coletânea, muitos textos impressionantes que realmente chamam a atenção e prendem o leitor, mas algumas histórias não entraram na coletânea devido a timidez de seus autores e infelizmente não foram exibidos, segue a lista de todos os textos que entraram na coletânea.

Contos dos Alunos
A princesa e os Três Sapos Folgados
A Cinderela Preguiçosa
A Princesa e o Mal Educado
Cinderela Rasputin
A Princesa e o Sapo
As Desculpas de um Lobo

A Menina Gata Xadrez
O Caçador
Amizade Profunda
Era um assalto
Uma Outra História do Pinóquio
Ana de Luanda e o João
O Conto da Princesa Independente
A Menina Que Morava na Vila
A Menina e o Lobo
O Gato Sem Botas
Rapunzel e o celular salva vidas
A sereia e seu Grande Amor
Branca de Neve
As três Princesas
Meu Boneco de Neve
Peter o Menino que Voava
A História de um Cavalo
Peter Pam
A Bela e a Fera
A Princesa e o Sapo-Uma Visão moderna
A Menina da Bolsa Rosa
O Bosque que Tinha Vida Própria

Quadro XII: produção dos alunos

Considerações finais.

No decorrer deste trabalho, pode-se notar que a leitura engloba uma gama bastante complexa da sociedade, diante de todas as mudanças sociais apresentadas pelo mundo contemporâneo, é necessário que a comunidade escolar tenha um novo olhar para o letramento literário, pois sem o auxílio familiar, da escola e da própria sociedade é impossível construir um trabalho transformador, que desperte a consciência e proporcione intensa interação aos envolvidos, ressaltando que a leitura deveria ser antes de tudo um prazer.

A leitura assim como a escrita devem ser prioridade, durante toda a fase escolar, pois são a base da educação formal, existem meios tecnológicos que possam orientar para que isso venha ocorrer na formação do estudante e no aprimoramento dos docentes, mas o que se percebe é que no Ensino Fundamental I, o aluno tem muito mais contato com a literatura e sente prazer ao ler as histórias, bem como em ouvir o professor ler para a turma. Entretanto, no Ensino Fundamental II, quase que invariavelmente, a literatura é deixada em segundo plano, não há uma disciplina só de literatura, e o que se lê são fragmentos de algumas obras ou textos mais curtos, para explorar alguns aspectos linguísticos, a literatura como pretexto para ensinar gramática, sem a devida apreciação que as obras merecem.

Contudo, é necessário indagar-se o que é necessário para que as escolas estejam preparadas e dispostas a formar leitores e escritores ativos e críticos, capazes de ler com compreensão e, principalmente, prazer. A sequência didática proposta nesse trabalho visa despertar nos alunos o prazer de ler, uma vez que as atividades têm a pretensão de estimular os alunos a aprenderem de forma muito mais interativa.

Espera-se que, além do prazer de ler, o desenvolvimento das atividades capacite os alunos para a leitura da vida, das situações vivenciadas pelos personagens dos textos, mas que também estão presentes em nosso cotidiano. Isso promove o letramento literário, por meio de estudos temáticos e práticas de leitura e escrita através do gênero textual trabalhado. Para isso, é imprescindível que os profissionais da educação estejam conscientes da importância da leitura e da formação literária do estudante.

Assim, a fim de formar um leitor/escritor produtivo em sua sociedade e para facilitar o trabalho do docente em sala de aula, torna-se mais proveitoso que se trabalhe com variadas práticas de letramento e sequências didáticas que gerem mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos na escola, e

consequentemente, na sociedade. Nesse sentido, enquanto a leitura não for promovida pelo sistema em sua totalidade, a interação verdadeira entre o aluno e o texto ficará restrita aos poucos leitores que, por vontade própria, ou influência de seu meio tem acesso aos livros, e a escola fracassará em seu papel de promover o letramento literário e desenvolver práticas significativas para o desenvolvimento de leitores críticos e assíduos.

Nesse sentido, é necessário que, nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos tenham oportunidade de vivenciar vários momentos de leitura, de entrar em contato com textos literários diversos, sejam eles *best sellers* ou clássicos, para compreender sua construção, refletir sobre as temáticas abordadas, posicionar-se sobre eles em registros diversos, isto é, vivenciar o letramento literário. Para isso, a escola assume papel essencial para desenvolver o prazer da leitura, principalmente dos clássicos, visto que eles são um arquivo cultural que marcam a história da humanidade e, conforme defende Machado (2009), não se deve abandonar. Inserir textos clássicos em sala de aula, para prática da leitura permite que os alunos conheçam o que já foi produzido em termos de literatura e compartilhem desse acervo.

Nessas práticas se refletem a relevância desse trabalho, uma vez que nos proporcionou a oportunidade de entrar em contato com uma bibliografia que embasou o desenvolvimento da proposta. A pesquisa bibliográfica realizada no primeiro capítulo aborda reflexões em torno da formação do professor de Língua Portuguesa, leitura e escrita, letramento e letramento literário, destacando bases teóricas a respeito desses aspectos fundamentais para a formação do leitor crítico, do cidadão que percebe as questões sociais e reflete sobre elas, fomentando o desejo de ser e de formar um indivíduo para o qual a leitura e a escrita estejam muito além de atividades escolares.

Acredita-se que a solução para o problema da formação de leitores passa pela concepção que o professor tem sobre a leitura e que esta deve estar na base de sua ação pedagógica, apesar das adversidades. O professor precisa envolver-se de forma prazerosa com a leitura literária enquanto objeto de conhecimento para que o gosto pela leitura “salte pelos seus olhos” e contagie o aluno na sala de aula. Se o educador não tem acesso à leitura em sua formação, tampouco poderá influenciar seus alunos a lerem.

Diante disso, merece destaque o fato de que a proposta do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, programa que existe para melhorar a formação dos docentes do Ensino Fundamental em todo o Brasil, proporciona reflexões crítico-teóricas sobre as práticas de sala de aula e propõe a elaboração de uma intervenção direcionada a sanar dificuldades enfrentadas pelo professor de Língua Portuguesa.

Esse programa vem exercendo um papel fundamental na vida dos professores, pois o curso é formado por disciplinas que proporcionam discussões teóricas e práticas, aumentando o aparato de fundamentação do professor para que ele conheça o que foi e o que estão produzindo em termos acadêmicos sobre o ensino de Língua Portuguesa, partindo da Linguística para a literatura, de forma que o docente tenha domínio teórico e a partir disso, possa rever sua prática em sala de aula. Assim ele funciona e ao cursá-lo, muda-se a visão do professor de Língua Portuguesa, na qual está inserida a literatura, alterando a prática de sala de aula.

Todas as atividades aqui sugeridas para a abordagem dos contos clássicos visaram o letramento literário em sala de aula, e estão aliadas a uma prática reflexiva, de forma fundamentada, para que o professor, além de poder usufruir de uma proposta em suas aulas, tenha informações teóricas sobre cada passo e possa compreender sua importância.

Assim, cada momento da SD tem sua relevância para o alcance do objetivo geral, por exemplo, a motivação visa preparar o aluno para entrar em contato com a temática abordada no texto base; a introdução objetiva fazer com que os alunos tenham informações sobre o autor e a obra a ser lida; já a leitura é o momento crucial da proposta, como defende Cosson (2007), e as atividades são voltadas para a prática de leitura literária em voz alta com os alunos, alimentada com os intervalos que inserem textos de forma intertextual para os alunos relacionarem a temática e entenderem a dimensão do texto literário. A interpretação aprofunda tanto o conhecimento da temática, como favorece a compreensão sobre a construção do conto, com os alunos interagindo com o texto e elaborando uma resposta para suas leituras, demonstrando suas impressões.

A proposta mescla em seu desenvolvimento a prática da leitura e da escrita. Esta se realiza por meio de registros durante todo o processo para promover o real letramento literário, culminando com a coletânea de contos escritos pelos discentes. Os alunos terão oportunidade de ler e vivenciar, além do texto literário, outros gêneros orais e escritos, como, resumo, resenha, dentre outros. Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa poderão alcançar seu objetivo de desenvolver a competência comunicativa, além de inserir em suas práticas a leitura literária tão necessária em nossas escolas.

Um ponto importante a se destacar é a forma como a sequência didática proposta foi trabalhada, uma vez que ela é possível de ser aplicada e não precisa de muitos recursos escolares. Mesmo nas escolas de Ensino Fundamental em que não há aula específica de literatura, é possível o desenvolvimento dessas atividades, pondo em prática

o letramento literário com maior frequência, embora seja de conhecimento geral, a grande quantidade de conteúdos para poucas aulas, porém, a sequência já contempla alguns gêneros e leituras variadas, pontos cruciais para as aulas de Língua Portuguesa.

Portanto, esse trabalho contribui com as discussões em torno do tema da leitura literária na escola e proporciona reflexões aos professores sobre suas práticas. Além disso, contribui com as aulas de Língua Portuguesa, tão necessitadas de sugestões para se trabalhar com Contos de Fadas, ou ampliando o problema para gêneros mais longos como os Romances, tão pouco trabalhados no Ensino Fundamental II. Há uma forte resistência para a leitura de romances na escola, privilegiando textos de menor extensão. Por isso, destaca-se a importância dessa proposta, desenvolvida passo a passo e que não deixa os alunos entediados e o trabalho cansativo, pois vai abrindo leques de possibilidades para leitura e interpretação baseadas nas temáticas abordadas em cada texto sugerido dialogando com o gênero base.

O interesse dos alunos é despertado devido à dinâmica da proposta, que pode ser adaptada para trabalhar com qualquer gênero textual. Dessa forma, esse Projeto de intervenção é apontado como sugestão, passível de adaptações pelos professores, segundo as particularidades de sua escola e turma.

Referencias.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura / Márcia Abreu.* – São Paulo: Editora Unesp, 2006.

AGUIAR & BORDINI. *A formação do leitor: alternativas metodológicas.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas?* Petrópolis: Vozes, 2003.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família.* Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BAGNO, M. *Pesquisa na escola – o que é como se faz.* 21.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* 6.ed. São. Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura.* São Paulo: Ática, 1991.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas.* 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas.* Tradução de Arlene Caetano. 16ª edição. São Paulo: Paz e Terra Grupo Editorial Record, 2002

BORARÓS--BAKUCZ, D. *Érase una vez... Cuentos de hadas de hoy. Versiones para princesas y príncipes sapo.* El cuento en red. n. 18, p. 2-16, out. 2008. Disponível em: <http://cuentoenred.xoc.uam.mx/busqueda.php>. Acesso em: 16 jul. 2014.

BRASIL, S. K. L. *Releituras dos contos de fadas e maravilhosos: do clássico ao pós-moderno.* Disponível em: <http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt7--23.pdf>. Acesso: 22/01/2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. *Conhecimento de Mundo-Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.* Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRENMAN, I.; ; ZILBERMAN, I. *Até as princesas soltam pum.* São Paulo: Brinque-- Book, 2008.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.* Tradução Marcos Santarrita. RJ: Objetiva, 1995.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil/Juvenil Brasileira.* São Paulo: Quíron, 1982

_____. *O Conto de Fadas.* São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Literatura Infantil – teoria, análise e didática.* 5ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Literatura Infantil.* São Paulo: Moderna 2000.

_____. *O Conto de Fadas: símbolos, mitos e arquétipos.* São Paulo: Difusão Cultural do livro, 2003.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática.* São Paulo: Contexto, 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis* / Diana Lichtenstein Corso, Mario Corso. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRESWELL, Jonh W. *Projeto de pesquisa.* Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARNTON, R. *Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso.* In: _____. *O grande massacre de gatos – e outros episódios da história cultural francesa.* São Paulo: Graal, 2011.

DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.*

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas.* 4ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, João W.(org.) *O texto na sala de aula.* 5.ed. São Paulo: Ática, 2011. _____. *A aula como acontecimento.* 5.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010

GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução a Literatura Infantil e Juvenil.* 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GOMES, W. (1990). *Considerações sobre a submissão de projetos que utilizam métodos qualitativos de pesquisa para agências financeiras.* **Anais do 3º Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, ANPEPP.** Águas de São Pedro, São Paulo, 239-243.

KENSKI, Vani Moreira. *O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Didática: O ensino e suas relações*. São Paulo: Papirus, 1996

KLEIMAN, Ângela B. *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Ângela Kleiman (Org.) - Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. V.;; **ELIAS**, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Como e Porque Ler os Clássicos Universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 9.ed. 2008. _____ *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP, 1996. _____. *Criar leitores: para professores e educadores*. 1. ed. Barueri: Manole, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009

OLIVEIRA, V. B. *A leitura dos contos de fadas e a formação do leitor*. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 33, n. 55, p. 152--166, 2008.

PARREIRAS, Ninfa. *Confusão de Línguas na Literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PONDÉ, Glória. *A Arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes*. Editora Nórdica, 1985.

PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. São Paulo: Papirus, 1996.

ROJO, R. *Letramento e capacidade de leitura para a cidadania*. São Paulo. SSE, 20

Escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)
”. In: **SCHNEUWLY**, Bernard; **DOLZ**, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. 2004.nº 25. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>> acesso em 25 janeiro 2017. P. 05-17.

_____, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: 1982.

TATAR, Maria. *Como e Por que ler os clássicos Universais Desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-ação*. 9.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. Tradução J.C. Neto et al. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. _____. *Pensamento e Linguagem*. Tradução Jefferson L. Camargo. 2. ed. 4. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAPPONE Mirian Hisae Yaegashi *Muitas: Vozes*, Ponta Grossa, volume.2, n.2, p. 185-198, 2013

ZILBERMAN, Regina (org). *Os preferidos do público: os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

ZILBERMAN, Regina *Estética da Recepção e História da literatura*, ed: Ática 1989.

Apêndices

Apêndice A: Produção textual dos alunos.*A Princesa e Os Três Sapos Folgados*

Nzangi Maria Melo Mendes

Era uma vez uma linda princesa, que passava o tempo todo no celular, tinha muita tecnologia na sua casa. Ops! No seu castelo... ela era viciada num tal de “facebook”. A rainha insistia para que ela saísse de casa, pelo menos um instantinho. Obediente foi passear no jardim, com a cara no celular, mas foi. Andou, por muito tempo, a bateria do celular acabou, olhou ao redor e viu que havia saído dos limites do palácio, estava perdida no meio da floresta:

— Sem GPS é o fim! — disse a princesa — Nossa! Não acredito! Está chovendo.

A princesinha já toda encharcada, encontrou uma caverna, ficou ansiosa para sair da chuva e ver o que tinha lá dentro. E adivinha? Estava cheia de sapos. Ela soltou um grito, todos olharam para ela.

— O que foi? Nunca viu sapos antes? — disse um dos anfíbios.

Os sapos falavam PORTUGUÊS! Assustada não parava de gritar e distribuir chutes, quando de repente um deles deu uma paulada na cabeça dela. E a coitada desmaiou! Ao despertar ouviu vozes, pareciam discutir:

— Será que ela vai acordar?

— Acho que não vai não.

— Calem a boca! Ela está acordando.

Quando a princesa acordou já estava mais calma. Os sapos tinham elaborado uma proposta:

— Eu deixo você ficar se fazer a comida todos os dias sem falta — e acrescentou mais — Não faça peixe porque não gosto, além disso, tenho uns parentes peixes, seria uma ofensa para a família — disse o sapo maior.

E o outro sapo completou:

— Queremos que lave nossas roupas. E não coloque Qi-bou, que tenho alergia.

— E nos dar banho! Não se esqueça de lavar atrás das orelhas, hein? — disse o último pegajoso anfitrião.

A princesa que até então ouvia tudo calada respondeu:

— Nem Morta! Vocês estão doidos? Eu sou uma PRINCESA! Lavar, limpar, cozinhar, “sem mencionar as orelhas” e ainda por cima morar aqui? Não mesmo. Nem se todos vocês virassem príncipes... fui!

E a garota sem olhar para traz saiu correndo a mais de mil.

Moral da história: Não seja idiota, espere pelo pretendente certo.

A Cinderela Preguiçosa

Letícia Santos Almeida

Era uma vez uma moça muito preguiçosa, ela não respeitava sua madrasta e não gostava de suas irmãs. Certo dia o correio chegou! Receberam um convite para uma festa a fantasia. Sua madrasta disse que ela só poderia ir se arrumasse a casa. A preguiçosa retrucou:

— Eu não vou fazer nada, cansei de bancar a empregada doméstica.

— Então não vai à festa.

Desobedecendo a mulher do pai, saiu escondido, comprou uma roupa para poder ir ao baile. Pois estava resolvida a ir de qualquer jeito.

Quando chegou a hora da festa ela fingiu que estava dormindo, um momento depois que a madrasta e as filhas tinham saído, se arrumou e saltou pela janela, já estava do lado de fora, de repente viu que um homem estava olhando para ela, mesmo com medo pegou a moto, o sujeito se aproximou e falou:

— Desce dessa moto!

— Moço por favor! Não leva a minha moto.

— Cala a boca! E passa logo essa moto.

Cinderela entregou a moto, e mesmo a pé foi para a festa. Ao chegar lá viu um garoto muito lindo, eles ficaram se encarando por um tempo, o rapaz se dirigiu até ela e perguntou se podia lhe pagar uma bebida, aceitou com alegria, então eles foram dançar, e começaram a conversar:

— Quantos anos você tem?

— Eu tenho 15 anos.

— Você é muito nova.

Quando deu 01:00 hora ela disse que tinha que ir embora então ele pediu:

— Não vai! Ainda é cedo!

— Não posso. Tenho aula amanhã de manhã.

— Me dá o número do seu celular?

— Não tenho celular, a bruxa da minha madrasta não deixa eu ter um. E dizendo isso saiu correndo para casa.

A megera estava esperando na entrada e furiosa disse que a jovem estava de castigo por ter saído escondido, mandou ela ir para o quarto.

Passados alguns dias o garoto apareceu em sua casa, a madrasta má falou que ela estava de castigo e que não podia receber visitas, o rapaz foi embora. Mas quando o castigo finalmente terminou Cinderela foi procurar por seu príncipe...

Começaram um namoro, a malvada não aceitava, mas eles não ligavam para ninguém e mesmo assim ficaram juntos. Casaram, tiveram dois filhos e viveram felizes por um tempo, até que se separaram. E ela resolveu que iria trabalhar para criar as crianças.

A Princesa e o Mal Educado

Luiza Sobrinho Gouveia

Era um dia comum, uma menina estava brincando com sua bola predileta, na frente de sua casa, próximo de um lago enorme. Quando de repente chutou-a com mais

força e a bola foi para dentro do lago, inconsolável sentou nas margens do lago e começou a chorar... até que viu um garoto passando pela outra margem:

— Hein! Garoto! Você pode, por favor, pegar a minha bola?

— Não! — respondeu secamente o mal educado, dando as costas e indo embora.

A noite chegou e ela foi dormir pensando na sua querida bolinha, dormiu com o coração cheio de pesar. Na manhã seguinte, voltou ao lago, viu que a bola ainda flutuava sem rumo, então sentou-se a observá-la com grande tristeza no olhar, como no dia anterior, apareceu o mesmo garoto, ele viu a pequena contemplando o lago, olhou com atenção para aquela menina tão triste, só então percebeu o quanto ela era bonita, ficou admirando sua beleza, mas ela não tirava os olhos da bola.

Sem que ela percebesse, o garoto pulou no lago, ela viu algo puxando a bola que desapareceu, levantou-se para poder ver melhor, não estava entendendo... De repente ele vem à tona trazendo sua bola, ela não cabia em si de tanta alegria. E para agradecer deu-lhe um beijo na bochecha.

O tempo foi passando e eles se tornaram amigos, brincando juntos, saindo juntos... até que um dia o que era apenas amizade, transformou-se em algo mais... eles namoraram, cresceram, casaram-se e tiveram filhos e o final vocês podem imaginar, né? Viveram felizes para sempre...

Cinderelarumpelstiskim ou a Garota que Perdeu a Chance

Jamilly Barbosa Martins

Era um a vez uma linda moça chamada Cinderela, ela morava com sua madrasta má e suas duas filhas feias. Essas suas parentes não eram apenas feias, eram também malvadas e obrigavam Cinderela a limpar a casa inteira sozinha, todos os dias era a mesma coisa... varrer, lavar, passar, cozinhar, alimentar as criações, era trabalho que não acabava mais.

Certo dia o Príncipe da região anunciou que iria dar um fabuloso baile no castelo, todas as moças do reino foram convidadas. A madrasta e as duas irmãs se vestiram com o maior luxo, mas como de costume, a ocuparam com todo o trabalho doméstico, Cinderela não teve tempo e nem com que se arrumar. Depois que as malvadas saíram, ela sentou-se à mesa da cozinha e chorou. E como num passe de mágica apareceu um homenzinho:

— Não chore, linda menina. — disse ele — Posso ensinar você a fiar palha e a transformá-la em ouro.

— Acho que isso não vai adiantar muito. Eu preciso de um vestido de baile, sapatinhos de cristal e uma carruagem.

— Você não gostaria de tentar adivinhar o meu nome? — falou o homenzinho esperto.

Cinderela olhou para ele com cara de desdém e respondeu:

— Para falar a verdade, não.

— Vamos lá, tente. A menina acha que é Chester?

— Quando a gente não tem um vestido isso não tem a menor importância.

— Ora! Tente um nome, qualquer um. — insistiu o pequeno duende.

— Não devo falar com estranhos. — e dizendo isto fechou a porta.

Deixando o homenzinho do lado de fora gritando, sem parar:

— Rumpelstiskim! Rumpelstiskim! Rumpelstiskim!...

Quando a madrasta e as irmãs voltaram do baile, ela lhes contou sobre o homenzinho esquisito. Ainda assim elas lhe obrigaram a terminar a limpeza da casa, e como eram malvadas mesmo, passaram a chamá-la de Cinderelarumpeltiskim.

A Princesa e o Sapo

Érica Cardoso Mendes

Era uma vez, num reino distante, havia uma linda Princesa que morava num castelo. Todos os dias ela passeava por seu belo jardim, até que um dia se deparou com um sapo enorme:

— Olá Princesa!

— Nossa! Um sapo falante! Como isso é possível?

— Eu era um Príncipe, um dia uma bruxa má me pediu em casamento, como a rejeitei, ela por vingança me transformou nesse bicho asqueroso.

— Sinto muito, não deve ser nada fácil ter essa aparência repugnante.

— É verdade! Mas o feitiço pode ser quebrado, basta que você me dê um beijo de amor verdadeiro. Então Princesa, aceita me beijar? Depois poderemos nos casar e viver felizes para sempre...

— Não vai dá não. Pois não o amo.

— Quem sabe poderia vir me visitar todos os dias, para podermos nos apaixonar?

— Está bem, mas não prometo nada.

Então todos os dias eles se encontravam, conversavam sobre tudo e sobre nada, passeavam na vila, cavalgavam e as vezes ela o segurava nas mãos, eles se divertiam dançando e assustando as pessoas, inclusive as amigas da jovem princesa, quando ela mostrava o sapo as outras garotas saiam correndo, deixando tudo para trás.

Até que um dia aconteceu, eles se apaixonaram, ela finalmente o beijou. Ele se transformou num belo rapaz, eles casaram e tiveram filhos, um menino e uma menina. E viveram felizes para sempre.

As desculpas de um lobo

Autor: Leonardo

Era um dia de verão um belo dia para fazer um churrasco, quando um porco em sua casa de palha escutou um barulho do lado de fora de sua residência, e o porquinho com muita coragem olha pela janela e vê ela fora um vulto e o porco começou a ficar assustado e não aguentando mais começou a correr com toda a velocidade, quando olha para trás e vê um lobo meio triste. O porquinho correndo acabou chegando a casa de seu irmão que era feita de madeira, e contou para ele o perigo que acabou de correr, foi quando o seu irmão lhe falou que mais cedo um lobo tinha passado também em sua casa querendo conversar e ele tinha falado para ele se mandar, e o lobo saiu sem falar nada, ele pensava que eu ia deixar um lobo entrar em sua casa?

Um tempo depois Charles o terceiro irmão porco que morava em uma casa de tijolos, viu o lobo muito triste e enfim toma coragem para falar com ele, e o lobo rapidamente olha para ele e começa dizendo obrigado, o porco meio confuso pergunta porque ele disse obrigado? E o lobo respondeu porque ele foi o único que tentou falar com ele, e disse que queria se desculpar com todos que ele tinha assustado e o porquinho rapidamente espalhou a notícia que o lobo mal não era mais mal, e todos ficaram amigos dele.

Moral: nunca julgue um livro pela capa.

A Menina gata Xadrez

Autora: Grazielly Karine

Era uma vez uma menina que era conhecida por todos como gata xadrez, ela era muito bonita, mas também muito vaidosa, o nome dela era Nathaly mais por ser uma moça muito linda e jogava xadrez, as pessoas começaram a chama-la de gata xadrez.

Sempre que se olhava no espelho ela sempre dizia, espelho, espelho meu com vida a beleza e a vaidade e tudo de bom quem é mais linda do que eu? Mas como o espelho

não era mágico e nunca respondia, ela então falava para si mesma, no cantar do galo no bater do papo, com vida a beleza e a vaidade, eu sou a menina mais linda de todas.

A gata era uma menina muito só não tinha muitos amigos, ela não conhecia o amor, mais um belo dia pouco depois do nascer do sol um rapaz muito bonito passou perto dela, isso fez com que Nathally sentisse como se um fogo queimasse dentro dela e pela primeira vez a moça experimentou o amor, mas quando tentou falar com o jovem ele respondeu:

— desculpe mais não gosto de gente arrogante, apenas as pessoas simples me interessam. Ao dizer isso ele saiu.

A jovem ficou se sentindo muito mau com o que o jovem tinha lhe dito embora não soubesse que ele na verdade gostava muito dela e só queria que ela deixasse de ser muito vaidosa.

Mesmo sem conhece-lo direito a menina ficou muito triste e falou, pra que serve ter celular, se eu não tenho o numero dele, pra que serve riqueza se não tenho o amor dele, pra que serve?

Mesmo muito triste Nathally ficou refletindo nas palavras do garoto e adotou uma postura mais simples e com isso deixou de lado a vaidade e o egoísmo. Um belo dia a gata encontrou com o garoto e dessa vez ele é quem foi falar com ela e disse:

— ola como vai desculpe pela ultima vez, não queria ser rude, me chamo Mateus.

— tudo bem, depois disso eu mudei muito, sofri bastante com suas palavras mais hoje me sinto diferente e sou mais feliz.

— na verdade eu sempre gostei de você só não gostava da sua atitude.

O tempo se passou e os dois se tornaram bons amigos e o amor foi crescendo entre eles e acabaram se casando e tiveram duas filha gêmeas que se chamavam Branca de Neve e Rosa Vermelha.

O caçador

Autor: Kauan

Era uma vez um homem que estava caçando na floresta, quando de repente viu uma capivara e começou a prosseguir-la, e se embreou tanto na mata que acabou se perdendo e não conseguiu mais achar o caminho de casa.

Ele já estava perdido a alguns dias na floresta, passando fome e frio e quando estava perdendo a esperança encontrou outro caçador que lhe mostrou como sair da floresta e ao chegar em casa ele ficou muito feliz.

Amizade Profunda

Autora: Nara Julia

Era uma vez duas moças, que se chamavam Maria Sofia e Julia, elas não se gostavam julia achava Sofia uma menina muito metida e a outra a achava esnobe. As garotas estudavam juntas desde o 4º ano, elas viviam brigando, um certo dia elas foram participar de um desfile onde ambas deveriam segurar a bandeira juntas, foi ai que Julia começou uma briga com Sofia para segurar a bandeira sozinha, a discussão só cessou quando a mãe de Sofia disse que ela deveriam parar com aquilo, que era uma atitude muito feia, mesmo muito chateadas elas pararam com aquela briga.

Tanto julia quanto Sofia tinham amigas que compartilhavam de seus sentimentos, mas quando elas passaram do 4º para o 5º ano as suas amigas foram para escolas diferentes da sua, como elas não conheciam ninguém na escola novo começaram a falar uma com a outra e perceberam que tinham muitas coisas em comum e com o tempo se tornaram grandes amigas, e essa amizade perdura até hoje.

Era um assalto

Autor: Paulo Henrique

Certo dia dois homens estranhos andavam sozinhos no meio da rua, quando de repente eles viram uma mulher bonita um pouco baixa que mexia no celular e quando ela avistou os dois ela escondeu o seu telefone quase que imediatamente, pois estava com medo que os homens o rouba-se, mas quando eles passaram por ela não fizeram nada e ela se sentia aliviada.

Quando os dois homens estavam a uma certa distancia eles pararam e começaram a andar em direção a moça que percebendo começou a andar mais rápido, mas isso não adiantou em nada, já que eles correram para alcança-la, só que tinha uma coisa que eles não sabiam era que a jovem era uma grande lutadora de artes marciais, e quando eles falaram para ela entregar o celular ela disse que a única coisa que eles levariam era uma boa surra, e assim ela partiu para cima deles e aplicou uma grande lição nos dois. E quando ela já havia acabado com eles os amarrou e depois chamou a policia e assim eles foram presos e a jovem seguiu a sua viagem.

Uma outra historia do Pinoquio

Autor: Alerandro Araujo

Era uma vez um boneco de madeira que vivia preso em uma jaula por que quando ele ria ele não parava de perturbar as pessoas. Um dia ele conseguiu fugir, e quando estava na rua um policial desconfiando dele começou a fazer varias perguntas e ele mentia a cada pergunta e com isso o seu nariz ia crescendo e assim o policial o levou para a cadeia, os presos também lhe fizeram perguntas que ele respondeu com mentiras e o seu nariz não parava de crescer, e nesse momento os presos tiveram a ideia de usar o seu nariz para pegar as chaves da cela e assim eles fugiram da prisão e pinoquio depois

de um tempo conseguiu encontrar eu pai que tinha uma casa no campo e assim ele juntamente com seu pai viveram feliz com uma vida simples no campo.

Ana de Luanda e o Joao

Autora: Grazielle Lopes

Era uma vez, uma menina que tinha acabado de se casar, e quando estava indo para a sua lua de mel quando sofreram um grave acidente na rodovia Belém Brasília, o carro capotou e foi parar em um barranco, e apenas Ana sobreviveu a essa tragédia, devido estar usando o cinto de segurança, quando o socorro chegou e a moça vê o seu esposo ser recolhido pelo carro do necrotério ela entrou em completo desespero, e só se acalmou quando recebeu um abraço de sua mãe que acabava de chegar ao local, assim as duas mulheres foram cuidar dos preparativos do enterro e depois da cerimônia a mãe passou uns dias com sua filha para ajudar no momento de luto, com o passar do tempo mesmo com o coração ainda pesado Ana estava melhor quando conheceu um homem que se chamava João que rapidamente se tornou seu amigo e depois de algum tempo eles começaram a namorar e depois de dois anos de namoro ele pediu a sua mão em casamento e foram felizes e tiveram uma filha e tiveram uma vida feliz.

Até o próximo capítulo

O conto da princesa independente

Autora: Maria Clara

Uma princesa que era muito bonita só que diferente das demais. Tudo começou quando ela nasceu ela tinha uma mãe que sempre dizia.

— filha quando você crescer ira se tornar uma linda princesa.

Mas com o passar dos anos a criança cresceu e se tornou uma bela moça e com isso a sua visão de mundo também então ela chegou e disse para a sua mãe.

— mãe eu não quero me tornar uma princesa, eu não gosto disso eu prefiro me aventurar e me divertir não quero ser você.

— você minha filha vai ser uma princesa querendo ou não.

Depois disso a jovem ficou tão furiosa que fugiu de casa, quando isso aconteceu a rainha ficou desesperada e arrependida do que havia dito a sua filha. Em quanto fugia a jovem princesa encontrou uma velha, depois de um tempo conversando a velha perguntou a jovem o que ela tinha? Pois estava com uma expressão de tristeza.

— minha mãe fica sempre tentando controlar a minha vida, não deixa eu me divertir e tomar minhas próprias decisões, ela quer que eu seja uma princesa, mais eu quero ser uma aventureira.

— você sabe que o que fez não é certo, mesmo gostando de se aventurar você ainda é muito nova para isso. deveria voltar para casa e pedir desculpas para a sua mãe.

A princesa pensando no que a senhora tinha dito resolveu voltar para a sua casa e quando a mãe viu a sua filha retornando a abraçou e disse que se arrependia muito de tentar controlar a sua vida a jovem pediu perdão por ter fugido e depois de uma longa conversa a rainha disse que a jovem poderia ser uma princesa aventureira se quisesse, já que esse sempre foi seu desejo.

A menina que morava na vila

Autor: Henrique Divino

Há muito tempo em uma vila distante vivia uma menina de nome Ara, a jovem de olhos grandes, teve que fazer uma para tentar encontrar os seus pais que ela nunca tinha visto na vida, só que ela não sabia que na região onde seus pais moravam tinha uma bruxa, e sem saber de nada ela foi mais quando ela encontrou seus pais ela também viu uma mulher muito bonita, e curiosa a menina perguntou o nome mais a mulher não quis falar, vendo como a mulher reagiu a sua pergunta quis saber o motivo dela estar agindo assim, — eu não gosto de estranhos. Respondeu a mulher, e dizendo isso mandou que os pais da jovem voltassem para o trabalho, quando eles saíram a mulher vira para a garota e a manda trabalhar também.

— eu não sou sua empregada.

— de agora em diante você vai fazer tudo que eu mandar.

A menina tentou fugir da mulher ela chamou seus guardas para prender a jovem, mais a garota foi mais rápida e pegou todas as joias da bruxa e montando em um cavalo saiu galopando e resgatando os seus pais ela saiu dela galopando e a bruxa ficou gritando, pois não queria perder seus escravos, em quanto a jovem e seus pais fugiram e foram felizes.

A menina e o lobo

Autor: Ezequiel Alves Oliveira

Era uma vez em uma pequena cidade as margens de uma floresta, uma menina de olhos lindos, tinha ganhado de sua mãe um capuz vermelho que ela sempre usava. Um dia andando pela floresta a garota encontrou um lobo que disse.

— que bela capa essa sua, garotinha.

— muito obrigada seu lobo.

Os dois conversaram por muito tempo, sobre varias coisas. Então o lobo começou a fazer perguntas sobre a família da jovem, então ela disse que tinha que ir para casa e quando chegou estava muito tarde e levou uma bronca de sua mãe, no dia seguinte o menina voltou para a floresta procurar o lobo, depois de uma longa conversa o lobo disse para a jovem que estava gostando dela e pediu para que ela fugisse com ele, a garota que ainda estava chateada com a sua mãe aceitou a proposta do lobo.

Antes da fuga a jovem teve que passar em casa para buscar a sua capa que havia esquecido, quando chegou em casa a sua mãe já desconfiava que ela queria fugir e quando soube que era com o lobo que ela queria fugir, ela pegou uma arma e disse que ia matar o lobo e saiu atrás dele e ao encontrar e apontou para ele a arma e quando ia atirar a menina entrou na frente e recebeu o disparo salvando o lobo, e sua mãe ficou tão desesperada que tirou a sua própria vida, assim o único que ficou para levar a culpa foi o lobo, ele fugiu de lá e mesmo sem ser responsável por essa tragédia todos o culparam e agora ele é conhecido como o lobo mau e todos o querem morto.

O Gato sem Botas

Autor: Francivaldo

Era uma vez um gato que usava botas ele era um grande herói que salvava as pessoas mas tudo tinha um preço, e não era barato, um dia, do pântano surgiu um monstro horrível e muito forte e assim foi, ele assustava as pessoas que foram se queijar ao príncipe dos contos de fadas e assim para resolver o problema ele saiu procurando que poderia enfrentar aquela criatura, mas ninguém aceitava a tarefa, e quando estava para desistir o príncipe soube que havia um gato que poderia ajudar, e juntamente com seus guardas foram atrás do famoso felino, e o encontrou em um bar frequentado por personagens de contos de fadas.

O príncipe se disfarça para poder entrar no bar para poder falar com o gato.

— é você o famoso gato que salva as pessoas?

— depende, quanto você tem para me pagar?

Então o príncipe pegou uma bolsa de moedas e jogou na mesa nessa hora o gato pegou a sua espada e disse com uma voz feroz. — eu vou matar esse monstro. Então com suas botas douradas se levantou e saiu em busca do vilão para o liquidar, quando o encontrou se preparou para lutar contra o seu inimigo, durante o combate o monstro arrancou uma das botas do gato isso o deixou muito furioso e o fez lutar com mais vontade foi ai que o monstro destruí-o a segunda bota nesse momento o gato crava a sua espada no pescoço do monstro e o matou, o inimigo foi morto mais o gato ficou sem suas botas e desse dia em diante ficou sendo conhecido como o gato sem botas.

Rapunzel e o celular salva vidas.

Autor: Marcos Vinicius

Era uma vez uma linda princesa de cabelos longos e compridos, louros e macios, mas tinha um porém, ela vivia em uma torre muito alta e muito longe, onde

morava com uma mulher que dizia ser sua mãe, o sonho da jovem menina era ganhar um celular e fez uma lista de pedidos para a sua mãe e o celular era o primeiro, ela ganhou quase tudo só faltou o celular

A Sereia e seu grande Amor

Autora: Emanuely

Era uma vez em outros mares um rei que tinha quatro filhas Aurora, Any, Clotilde e Paula, ele era um rei dos mares, gostava de dar exemplos para suas filhas era viúvo, pois sua esposa com uma ancora jogada de um navio no mar, a sua filha Paula é a que mais se parece com ela, isso faz com que o rei tenha um carinho maior por ela com relação a suas irmãs, a doçura de Paula era contagiante, suas irmãs Any e Clotilde tinham inveja dela, pois ela era mais bonita e inteligente já Aurora sentia um certo carinho sempre a protegia das outras.

Em uma tarde Paula foi a superfície e ficou sentado em uma pedra quando viu um homem se afogando, ela foi nadando até ele quando chegou viu um belo jovem inconsciente, assim o levou para a areia, o deitou e cantou uma bela canção quando este acordou. Ouviu a bela voz da sereia, ela se assustou quando ele acordou, mas foi se aproximando, Paula perguntou o nome dele, que era Lucas e eles ficaram conversando por muitas horas, e logo perceberam quem foram feitos um para o outro, e assim passaram a se encontrar com frequência, e sempre Lucas levava mimos para a sua amada, mas seu pai descobriu e não gostou nada disso, mas viu que sua filha estava com o mesmo brilho no olhar que sua esposa tinha, e assim permitiu que a filha namorasse com o seu jovem amado, a sua irmã Aurora ficou muito feliz já as outras ficaram com muita inveja mas nada poderia apagar o sorriso no rosto de Paula, o rei queria conhecer o namorado da filha e ao se encontrar com Lucas percebeu que ele era um bom homem e com o passar do tempo o rei deu pernas para a sua filha que pode se casar com o seu grande amor e viveram felizes para sempre.

Moral: O amor nasce em todo tipo de classe social, não importa o dinheiro, idade o que importa é você ter coragem e ser gentil.

Branca de Neve

Autora: Raiane

Era uma vez uma menina e gentil que era adorada por todos a sua volta, mas a sua madrasta era uma mulher muito vaidosa e má que tinha uma grande inveja da garotinha e assim mandou chamar um caçador real para matar a jovem conhecida por Branca de Neve o caçador levou a garota para a floresta a moça adorou o lugar mas quando olhou para o homem viu que ele estava com uma faca na mão mas não teve coragem de machucar a menina e assim mandou ela fugir e não voltar. Ela foi o mais longe possível até encontrar uma casinha pequena e bonitinha, batel na porta mais ninguém atendeu ela foi entrando assim mesmo, mais tarde chegaram os sete anões que ficaram muito surpresos com a presença da bela jovem que logo foi explicando que sua madrasta queria matá-la, eles permitiram que ela ficasse, desde que cuidasse dos trabalhos da casa.

A madrasta com o passar do tempo descobriu o que tinha acontecido e onde a Branca estava e logo tentou matá-la envenenando uma garrafa de Coca Cola quando os anões chegaram viram a moça no chão e muito tristes não conseguiram enterrá-la e a colocaram em uma urna de vidro e assim a velavam quando passava um príncipe que muito admirado da beleza da moça se aproximou e encantado a beijou de leve no rosto e isso devolveu a vida a Branca que vendo o príncipe se apaixonou por ele e acabaram se casando e viveram felizes para sempre.

As três Princesas

Autora Larissa Ketelly

Era uma vez três princesinhas elas moravam em um castelo muito distante da cidade, elas viviam com sua mãe e seu pai havia morrido quando elas eram pequenas. Um

belo dia foram convidadas para conhecer a cidade e ficaram hospedadas em uma hospedagem de um grande reino que seu pai gostava de frequentar, em um belo dia uma das princesas Mirela foi passear sozinha e ficou admirando as flores em um belo jardim quando um príncipe se aproximou e admirado por sua beleza a convidou para ir a uma festa, muito feliz correu até a sua mãe e disse que foi convidada para uma festa em um dos castelos mais chics do reino, uma de suas irmãs a caçula Sophia ouviu tudo e correu para contar para a sua outra irmã Ana as duas foram falar com Mirela que negou o convite, mas logo admitiu que havia sido convidada, assim sua irmã disse que queria ir com ela e isso deixou Mirela muito triste, pois não sabia se podia levar convidados e foi dar uma volta para pensar, e assim resolveu sair escondida para a festa e foi isso que fez chegando lá ela se encontrou com o príncipe e começou a dançar com ele mas ela acabou esbarando com sua irmã que também tinha ido escondido para a festa e isso fez Mirela sair correndo para casa mas ela foi seguida pelo príncipe que a encontrando declarou seu amor e pediu a sua mão em casamento e hoje ela vive feliz com sua família em um belo castelo e sua irmã esta para se casar com um amigo do príncipe.

Meu boneco de Neve

Autor: Renato

O meu boneco de neve estava no armário e eu convidei o meu colega para jogar vídeo game e jogamos e jogamos e quando ele foi embora ele escorregou e acabou se machucando muito e tive que leva-lo para o hospital e logo fizeram um curativo e o levei para casa e já lá ele estava sorrindo em tão fui em casa e peguei meu boneco de neve e dei de presente para meu amigo que me agradeceu muito.

— obrigado Renato você é o meu melhor amigo.

— você também é o meu melhor amigo Mateus.

Quando ele saiu logo começou a nevar e fiz outro boneco de neve ficou muito bonito e guardei para dar presente para meu pai, pois seu aniversário estava chegando. Quando chegou o dia dei os parabéns para o meu pai ele me abraçou e me agradeceu, no dia do meu aniversário meu pai me deu um presente muito legal um celular eu gostei tanto que fiquei sem reação a única coisa que consegui falar foi te amo pai.

No dia seguinte pedi para meu pai me colocar em uma escola de futebol e meu pai me inscreveu na escola de futebol da LIPAKI e mais feliz fiquei quando me deram a camisa de numero 10 e jogo ate hoje.

Peter o menino que voava

Autor: Pedro Henrique

Essa historia e de um menino chamado Peter a sua aventura começa quando sua mãe desapareceu e ele teve que ficar com seu padrasto e os dois saíram de barco pelo mundo em busca da mãe de Peter. Quando a noite chegou a maior estrela do seu se aproximou deles e logo eles apareceram próximo de uma ilha ao desembarcar eles foram capturados pelos índios e o pajé foi logo dando as instruções, para a tribo:

- matem os intrusos
- Peter fique atrás de mim
- como você disse que o garoto se chama?
- o nome dele é Peter. Porque?

O chefe da tribo disse que a guardiã da tribo disse que seu filho se chamava Peter e que ele viria procurar por ela e que ele deveria procurar no reino das fadas logo a tribo foi atacada por piratas e apenas Peter e seu padrasto escaparam e fugiram para um lago próximo e lá eles viram sereias e logo o garoto perguntou se elas sabiam onde ficava o reino das fadas e elas entregaram para ele um mapa e para chegar no destino deveriam passar por uma porta que só se abria para pessoas de corações puros. E logo a chegar perto da porta ela se abriu para Peter que passou mas quando seu padrasto se aproximou ela se trancou, surpreso o garoto pergunta para o padrasto o que ele fez, e a resposta dele foi:

- a minha inveja matou seu pai.

Furioso o garoto puxou uma adaga e atacou seu padrasto e cortou sua mão que caiu em um lago onde foi devorada por um crocodilo chamado tic tac Peter foi

resgatado pelas fadas que disseram que ele não deveria se culpar pelo gancho. E ele viveu entre as fadas que lhe deram o dom de voar.

A historia de um cavalo

Autor Kayky

Essa é a historia de um cavalo que após nascer ele se perdeu do seu bando ele vivia sozinho nas pradarias até ser atacado por duas onças ele tentava escapar mais não conseguia uma das onças o derrubou e quando ia devora-lo um fazendeiro apareceu e com uma espingarda afugentou as onças o fazendeiro resgatou o cavalo e cuidou de suas feridas em sua fazenda mas o cavalo era muito bravo e logo que melhorou tentava fugir mas o fazendeiro tinha a intenção de domestica-lo, uma certa noite um índio com pena do cavalo o roubou e o soltou próximo de um riacho onde viviam um bando de cavalos que por incrível que pareça era o bando perdido dele e logo ele foi aceito e viveu o resto de seus dias com sua família.

Peter Pam

Autor: Mykael

Era uma vez um menino chamado Peter Pam ele tinha poderes de voar e morava em um lugar muito bonito e cheio de magia chamado terra do nunca Peter tem muitos amigos, mais quem sempre estava com ele era uma pequena fada chamada tinker, o menino voador era líder de uma tribo de meninos chamada meninos perdidos que ele mesmo tinha levado para a terra do nunca.

Peter tinha um inimigo que queria capturar a sua fada para poder roubar seu pó mágico e assim também pode voar com o seu navio, e para que seu plano desse certo primeiro devia se livrar de Peter e assim tentou envenena-lo mas a sua pequena fada se sacrificou em seu lugar, gancho levou todos os amigos de Peter mas quando o garoto viu o que havia acontecido seguiu o vilão até seu navio e depois de uma feroz batalha e do

gancho derrotado ele conseguiu com que sua pequena amiga retorna-se e o ajuda-se a levar as crianças perdidas de volta para as suas casas.

A Bela e a Fera

Autora: Stefhany da Silva

Era uma vez uma menina que se chamava Bela e suas irmãs gêmeas e seus irmãos e pai, eles moravam em um castelo, seu pai um grande mercador esperava navios cheios de mercadorias, mas devido uma forte tempestade todos os navios se perderam, e sua família foi a falência assim tiveram que se mudar de sua bela casa e ir embora para uma pequena fazenda, lá as irmãs e irmãos de bela não se adaptaram ao lugar já Bela gostava muito pois plantava e fazia sua própria comida. As irmãs de Bela queria que ela leva-se café na cama para elas mas ela sempre se recusava e dizia que não era empregada de ninguém, um dia seu pai chegou em casa muito contente, pois um de seus navios havia sido encontrado mas ao chegar para ver seu navio descobriu que esse não lhe pertencia mais, isso deixou ele e seu filho mais velho extremamente furioso e o filho saiu muito revoltado, quando o homem saiu atrás de seu filho foi abordado por homens que estava a procura do jovem, pois esse os devia dinheiro o pai foi perseguido pelos homens, mas isso o levou até um velho castelo onde o homem encontrou abrigo para si e seu cavalo que havia ficado bastante ferido da fuga, nesse lugar o velho homem encontrou baús com muitos presentes e quando olhou viu que seu cavalo havia sido tratado e assim colocou a sua coisas no cavalo e quando ia saindo viu uma rosa e pensou levar para a sua filha Bela e quando retirou foi atacado por uma fera que o chamou de ladrão, que mesmo de tantos presentes ainda tenta roubar o que eu tenho de valioso e disse que ele deveria se despedir de sua família e voltar para ser seu prisioneiro e se não retorna-se ele e sua família morreriam. Quando deu a notícia a sua família Bela saiu e roubou o cavalo do pai e foi em seu lugar, quando chegou no castelo Bela se sentiu amedrontado com a Fera mais com o passar do tempo ela viu que a fera era uma criatura bondosa e isso acabou fazendo com que se apaixonasse por ela e acabou quebrando a maldição e a fera acabou indo morar com bela e sua família.

A Princesa e o Sapo-uma visão moderna.

Autor: Rodrigo

Tudo começa assim, era uma vez uma bela moça que mora em uma pequena cidade que tinha apenas 50 mil habitantes um dia ela foi passear e acabou encontrando um jovem garoto que trabalhava como pedreiro ela conversou com ele por muito tempo e quando foi para casa so pensava no garoto, tanto que ela não queria comer a mãe ficou preocupada e levou a moça ao medico e na volta elas acabaram sendo assaltadas, mas um jovem que passava acabou salvando elas a mãe ficou bastante agradecida quando a moça reparou viu que era o mesmo rapaz do outro dia, ao chegar em casa ela revelou os seus sentimentos para a sua família e esperava que seus pais não permitissem que ela namorasse com alguém humilde, mas para sua surpresa seus pais não foram contra, e lembraram ela que a riqueza não faz o caráter e que mesmo pobre o rapaz era rico de coração, hoje eles estão casados e com dois filhos e vivem felizes ele como pedreiro e ela como professora.

A menina da bolsa rosa

Autor: Jonas

Era uma vez uma menina que tinha o nome de Mily, ela morava numa cidade que se chamava Konoha, nesse lugar todos são alegres, um dia Mily foi visitar a sua avó que morava em uma casa do interior e sempre sua mãe falava:

— minha filha não vá pelo caminho claro lá tem muitos perigos vá sempre pelo caminho escuro, pois esse é mais seguro.

A menina foi fazer sua viagem e quando chegou na entrada dos dois caminhos ela escuta uma vez que dizia:

— bom dia linda garota, para onde você vai?

— estou indo na casa de minha avó levar umas coisas para elas

— então você deveria ir pelo caminho claro, pois esse é mais rápido.

A menina começou a pensar se iria pelo caminho claro ou pelo escuro, mas ai ela se lembrou do que a mãe sempre falava e foi pelo caminho escuro e chegou com segurança a casa de sua avó.

Moral: nunca confie em estranhos.

O bosque que tinha vida própria.

Autora: Maria Isabel

Uma família formada por um pai e uma bela filha chamada Helena eles se mudaram para um bosque muito belo e distante, como o pai trabalhava muito teve que contratar uma babá para ajudar a cuidar da sua amada filha e a babá que se chamava Cristina. Em um dia chuvoso Helena estava brincando na chuva e como de se esperar pegou um resfriado e acabou de cama então a pobre menina pediu que sua babá lhe trouxesse uma xícara de chá, mas o que todos não sabiam era que Cristina não passava de uma mulher má que detestava crianças e quando preparava o chá colocou veneno para poder matar a garota. Quando entregou a xícara para Helena saiu e quando saiu a menina ouviu uma voz que dizia:

— não beba esta envenenada.

— quem disse isso?

— eu disse – respondeu a xícara.

A menina se assustou e deixou derramar o chá no chão que gritou.

— ai! Tá quente.

E assustada a menina grita, e seu pai acaba entrando no quarto assustado e perguntou para a menina o que havia acontecido, mas ela disse para ele que estava tudo bem, e seu pai saiu mas disse para ela que poderia chamar ele a qualquer hora.

Quando a menina estava só começou a falar com a xícara e o chão e assim descobriu que o lugar onde moram tudo é encantado e que todas as coisas falizam e tinham vida e ela conversando com os abjetos ela disse que ia contar tudo para o seu pai mas os seus novos amigos falaram que não era uma boa ideia, pois ele iria achar que ela

estava louca e sugeriram para ela pedir que o pai examinasse o chá, pois havia sonhado que sua baba havia posto algo para lhe fazer mal o pai achou estranho mas fez o que a filha disse e descobriu que estava envenenada e assim confrontou a babá que implorou para que ele não chamasse a polícia e prometeu ir embora para nunca mais voltar e assim fez o pai dessa vez contratou alguém realmente amava crianças e que deu muito carinho para sua filha.

Anexos

Anexo A: questionário inicial.

Escola: _____

Aluno(a): _____ série:

_____ Data: ____/____/____

Questionário

1. O que você entende por conto de fadas?
2. Quais contos de fadas você conhece?
3. Dentre os contos que você mencionou, qual é o seu favorito? Por quê?
4. Alguém lhe contou essas histórias? Ou você as leu em algum lugar? Comente um pouco sobre essa experiência.
5. Se pudesse ser um personagem dessas narrativas fantásticas quem você seria? Justifique.
6. Muitos contos de fadas, devido seu caráter atemporal, foram adaptados para as telas de cinema e televisão. Você já assistiu algum desses filmes? Quais?

Anexo B: Fichas de Empréstimos de Livros

Registro para empréstimos de livros

Título do livro: Chapeuzinho Amarelo - Chico Guaranque
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 10/10/17
 Assinatura do aluno: Ngangi Maria Melo

Título do livro: Era uma vez (Chapeuzinho vermelho)
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: Jeniffer Barbosa Martins

Título do livro: Contos de Grimm - Monteiro Lobato
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: Geizolly Kourine SILVA MATOS

Título do livro: O grande lobo mau
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: x Leonardo Silva Vieira

Título do livro: O fantástico mistério de Juvenha
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: Thaísca Katelyn Barbosa

Título do livro: História mais ao contrário
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: x Grazieli Lopes da Silva

Título do livro: O Maravilhoso Magico do Oz
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 07/11/17
 Assinatura do aluno: x Emanuelly de Oliveira Lima

Título do livro: Era uma vez (Branca de Neve)
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: x Ngangi Maria Melo Mendonça

Título do livro: Chapeuzinho Amarelo
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Dona Vitória Nole de Sousa

Título do livro: Era uma vez (José e Margarida)
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 1/1/18
 Assinatura do aluno: Dona Vitória Nole de Sousa

Título do livro: Contos de Perrault
 Data da retirada: 10/10/17 data para a devolução: 21/10/17
 Assinatura do aluno: Raissa Amanda Batista da Silva

Título do livro: Chapeuzinho Amarelo
 Data da retirada: 17/10/17 data para a devolução: 17/10/17
 Assinatura do aluno: Maria Eduarda

Título do livro: Graziele Lopes da Silva
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17 OK
 Assinatura do aluno: Contos de Perrault

Título do livro: O grande labirinto
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17 OK
 Assinatura do aluno: Emmanuelly Alencar de Lima

Título do livro: Contos de Perrault
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Raissa Amanda Batista da Silva

Título do livro: Os melhores contos de Hans C. Andersen
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Maria Sueli

Título do livro: A maldição de Malevola - A história da Bela Adormecida
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Stephany da Silva

Título do livro: Piriquito
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: _____

Título do livro: Além do Rio das Maravilhas
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Rodrigo Casano

Título do livro: Pete Pan
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: SANAS

Título do livro: Chapeuzinho Adormecida no Rio das Maravilhas
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: SANAS

Título do livro: O maravilhoso magico de Oz
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Maria Clara

Título do livro: A Pequena Sereia
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Camilly

Título do livro: As irmãs Grimm - Serejas incantadas
 Data da retirada: 21/11/17 data para a devolução: 21/11/17
 Assinatura do aluno: Luiza

Título do livro: El grande labo meu
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Ricner

Título do livro: História mais ao contrário
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Wemally

Título do livro: Contos de Grimm
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Paulo Henrique

Título do livro: A malícia de Makrola - História de Belo Horizonte - ciclo
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Yolcia

Título do livro: Contos de Perrault
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Henrique Diniz

Título do livro: Os melhores contos de Hans C. Andersen
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Paulo Henrique

Título do livro: Eu uma vez
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: Yolcia

Título do livro: Contos de Grimm
 Data da retirada: 28/11/12 data para a devolução: 28/12/12
 Assinatura do aluno: RENATO

Anexo C: textos trabalhados em sala.

MARIA BORRALHEIRA (Sergipe)

HAVIA UM HOMEM VIÚVO que tinha uma filha chamada Maria; a menina, quando ia para a escola, passava por casa de uma viúva, que tinha duas filhas. A viúva costumava sempre chamar a pequena e agradá-la muito. Depois de algum tempo começou a lhe dizer que falasse e rogasse a seu pai para casar com ela. A menina pegou e falou ao pai para casar com a viúva, porque ela era “muito boa e agradável”. O pai respondeu: “Minha filha, ela hoje te dá papinhas; amanhã te dará fel.” Mas a menina sempre vinha com os mesmos pedidos, até que o pai contratou o casamento com a viúva.

Nos primeiros tempos ainda ela agradava a pequena, e, ao depois, começou a maltratá-la. Tudo o que havia de mais aborrecido e trabalhoso no trato da casa era a órfã que fazia. Depois de mocinha era ela que ia à fonte buscar água, e ao mato buscar lenha; era quem acendia o fogo, e vivia muito suja no borralho. Daí lhe veio o nome de Maria Borrallheira. Uma vez para judiá-la a madrasta lhe deu uma tarefa muito grande de algodão para fiar e lhe disse que naquele dia devia ficar pronta. Maria tinha uma vaquinha, que sua mãe lhe tinha deixado; vendo-se assim tão atarefada, correu e foi ter com a vaquinha e lhe contou, chorando, os seus trabalhos. A vaquinha lhe disse: “Não tem nada; traga o algodão que eu engulo, e quando botar fora é fiado e pronto em novelos.” Assim foi. Enquanto a vaquinha engolia o algodão, Maria estava brincando.

Quando foi de tarde, a vaquinha deitou para fora aquela porção de novelos tão alvos e bonitos!... Maria, muito contente, botou-os no cesto e levou-os para casa. A madrasta ficou muito admirada, e no dia seguinte lhe deu uma tarefa ainda maior. Maria foi ter com a sua vaquinha, e ela fez o mesmo que da outra vez. No outro dia a madrasta deu à mocinha uma grande tarefa de renda para fazer; a vaquinha, como sempre, foi que a salvou, engolindo as linhas e botando para fora a renda pronta e muito alva e bonita. A madrasta ainda mais admirada ficou. Doutra vez mandou ela buscar um cesto cheio d'água. Maria Borrallheira saiu muito triste para a fonte, e foi ter com a vaquinha que lhe encheu o cesto, que ela levou para casa. Daí por diante a madrasta de Maria começou a desconfiar, e mandou as suas duas filhas espiarem a moça. Elas descobriram que era a vaquinha que fazia tudo para a Borrallheira. Daí a tempos a mulher se fingiu pejada e com antojos e desejou comer a vaquinha de Maria. O marido não quis consentir; mas por fim teve de ceder à vontade da mulher que era uma tarasca desesperada. Maria Borrallheira

foi e contou à vaca o que ia acontecer; ela disse que não tivesse medo, que, quando fosse o dia de a matarem, Maria se oferecesse para ir lavar o fato;³² que dentro dele havia de encontrar uma varinha, que lhe havia de dar tudo o que ela pedisse; e que depois de lavado o fato, largasse a gamela pela corrente abaixo e a fosse acompanhando; que mais adiante havia de encontrar um velhinho muito chagado e com fome; lavasse-lhe as feridas e a roupa, e lhe desse de comer, que mais adiante havia de encontrar uma casinha com uns gatos e cachorrinhos muito magros e com fome, e a casinha muito suja, varresse o cisco e desse de comer aos bichos, e depois de tudo isso voltasse para casa. Assim mesmo foi. No dia que a madrasta de Maria quis que se matasse a vaquinha, a moça se ofereceu para ir lavar o fato no rio. A madrasta lhe disse com desprezo: “Oxente! Quem havia de ir se não tu, porca?” Morta a vaca, a Borrallheira seguiu com o fato para o rio; lá achou nas tripas a varinha de condão, e guardou-a. Depois de lavado o fato botou-o na gamela e largou-a pela correnteza abaixo, e a foi acompanhando. ³²As vísceras. [N. do E.]

Sílvia Romero – Contos populares do Brasil 53

Adiante encontrou um velhinho muito chagado e morto de fome e sujo. Lavou-lhe as feridas, e a roupa, e deu-lhe de comer. Este velhinho era Nosso Senhor. Seguiu com a gamela. Mais adiante encontrou uma casinha muito suja e desarrumada, e com os cachorros e gatos e galinhas muito magros e mortos de fome. Maria Borrallheira deu de comer aos bichos, varreu a casa, arrumou todos os trastes e escondeu-se atrás da porta. Daí a pouco chegaram as donas da casa, que eram três velhas tatas.³³ Quando viram aquele benefício, a mais moça disse: “Manas, faiemos; faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez lhe apareçam uns chapins de ouro nos pés.” A do meio disse: “Manas, faiemos, manas; permita a Deus que quem tanto bem nos fez lhe nasça uma estrela de ouro na testa.” A mais velha disse: “Faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto bem nos fez, quando falar lhe saiam faíscas de ouro da boca.” Maria, que estava atrás da porta, apareceu já toda formosa com os chapins de ouro nos pés, e estrela de ouro na testa, equando falava saíam-lhe da boca faíscas de ouro. Amarrou um lenço na cabeça, fingindo doença, para esconder a estrela, e tirou os chapins dos pés, e foi-se embora para casa. Quando lá chegou, entregou o fato e foi para o seu borralho. Passados alguns dias, as filhas da madrasta lhe viram a estrela e perceberam as faíscas de ouro que lhe saíam da boca, e foram contar à mãe. Ela ficou com muita inveja, e disse às filhas que indagassem da Borrallheira o que é que se devia fazer para se ficar assim. Elas perguntaram e Maria disse: “É muito fácil; vocês peçam para irem também uma vez lavar o fato de uma vaca no rio; depois de lavado botem a gamela com ele pela correnteza

abaixo e vão acompanhando; quando encontrarem um velhinho muito feridento, metam-lhe o pau, e deem muito; mais adiante, quando encontrarem uma casa com uns cachorros e gatos muito magros, emporcalhem a casa, desarrumem tudo, deem nos bichos todos, e escondam-se atrás da porta, e deixem estar que, quando vocês saírem, hão de vir com chapins e estrelas de 33Gagas, tartamudas. [N. do A.]

54 Sílvio Romero – Contos populares do Brasil

ouro.” Assim foi. As moças contaram à mãe, e ela lhes deu um fato para irem lavar no rio. As moças fizeram tudo como Maria Borracheira lhes tinha ensinado. Deram muito no velhinho, emporcalharam a casa e deram muito nos bichos das velhas, e se esconderam atrás da porta. Quando as donas da casa chegaram e viram aquele destroço, a mais moça disse: “Manas, faiemos, manas: permita a Deus que quem tanto mal nos fez lhe apareçam cascos de cavalo nos pés.” A do meio disse: “Permita Deus que quem tanto mal nos fez lhe nasça um rabo de cavalo na testa.” A terceira disse: “Permita Deus que quem tanto mal nos fez, quando falar lhe saia porqueira de cavalo pela boca.” As duas moças, quando saíram de detrás da porta já vinham preparadas com seus enfeites. Quando falaram ainda mais sujaram a casa das velhinhas. Largaram-se para casa, e quando a mãe as viu ficou muito triste. Passou-se. Quando foi depois, houve três dias de festa na cidade, e todos de casa iam à igreja, menos a Borracheira que ficava na cinza. Mas, depois de todos saírem, ela logo no primeiro dia pegou na sua varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido da cor do campo com todas as suas flores” De repente apareceu o vestido. Maria pediu também uma linda carruagem. Aprontou-se e seguiu. Quando entrou na igreja, todos ficaram pasmados, e sem saber quem seria aquela moça tão bonita e tão rica. Aí uma das filhas da madrasta disse à mãe: “Olhe, minha mãe, parecia Maria.” A mãe botou-lhe o lenço na boca por causa da sujidade que estava saindo, mandando que ela se calasse, que as vizinhas já estavam percebendo. Acabada a festa, quando chegaram em casa, Maria já estava lá metidano borralho. A mãe lhes disse: “Olhem, minhas filhas, aquela porca ali está, não era ela, não; onde ia ela achar uma roupa tão rica?” No outro dia foram todas para a festa e Maria ficou; mas quando todas se ausentaram, ela pegou na varinha de condão e disse: “Minha varinha de condão, pelo condão que Deus vos deu, dai-me um vestido de cor do mar com todos os seus peixes, e uma carruagem ainda mais rica e bela que a primeira.” Apareceu logo tudo, e ela se aprontou e seguiu. Quando lá chegou, o povo ficou esbabacado por tão linda e rica moça, e o filho do rei ficou morto por ela. Botou-se cerco para a pegar na volta, e nada de a poderem pegar. Quando as outras pessoas chegaram em

casa, Maria já lá estava metida no seu borrarho. Aí uma das moças lhe disse: “Hoje vi uma moça na igreja que se parecia contigo, Maria!” Ela respondeu: “Eu!... Quem sou eu para ir à festa?... Uma pobre cozinheira!” No terceiro dia, a mesma coisa; Maria então pediu um vestido da cor do céu com todas as suas estrelas, e uma carruagem ainda mais rica. Assim foi, e apresentou-se na festa. Na volta o rei tinha mandado pôr um cerco muito apertado para agarrá-la; porém ela escapuliu, e na carreira lhe caiu um chapim do pé, que o príncipe apanhou. Depois o rei mandou correr toda a cidade para ver se achava-se a dona daquele chapim, e o outro seu companheiro. Experimentou-se o chapim nos pés de todas as moças e nada. Afinal só faltavam ir à casa de Maria Borracheira. Lá foram. A dona da casa apresentou as filhas que tinha; elas, com seus cascos de cavalo, quase machucaram o chapim todo, e os guardas gritaram: “Virgem Nossa Senhora! Deixem, deixem!...” Perguntaram se não havia ali mais ninguém. A dona da casa respondeu: “Não, aí tem somente uma pobre cozinheira, porca, que não vale a pena mandar chamar.” Os encarregados da ordem do rei respondem que a ordem era para todas as moças sem exceção e chamaram pela Borracheira. Ela veio lá de dentro toda pronta como no último dia da festa; vinha encantando tudo; foi metendo o pezinho no chapim e mostrando o outro. Houve muita alegria e festas; a madrasta teve um ataque e caiu para trás, e Maria foi para palácio e casou com o filho do rei.

Detalhes

O velho porteiro do palácio chega em casa, trêmulo. Como sempre que tem baile no palácio, sua mulher o espera com café da manhã reforçado. Mas desta vez ele nem olha para a xícara fumegante, o bolo, a manteiga, as geleias. Vai direto à aguardente. Atira-se na sua poltrona perto do fogão e toma um longo gole de bebida, pelo gargalo.

___ Helmuth, o que foi?

___ Espera, Helga. Deixa eu me controlar primeiro.

Toma outro gole de aguardente.

___ Conta, homem! O que houve com você? Aconteceu alguma coisa no baile?

___ Co-começou tudo bem. As pessoas chegando, todo mundo de gala, todos com convite, tudo direitinho. Sempre tem, é claro, o filhinho de papai sem convite que quer levar na conversa, mas já estou acostumado. Comigo não tem conversa. De repente,

chega a maior carruagem que eu já vi. Enorme. E toda de ouro. Puxada por três parelhas de cavalos brancos. Cavalões! Elefantes! De dentro da carruagem, salta uma dona. Sozinha. Uma beleza. Eu me preparo para barrar a entrada dela porque mulher desacompanhada não entra no baile do palácio. Mas essa dona tão bonita, tão sei lá, radiante, que eu não digo nada e deixo ela entrar.

___ Bom, Helmuth. Até aí...

___ Espera. O baile continua. Tudo normal. Às vezes rola um bêbado pela escadaria, mas nada de mais. E então bate a meia-noite. Há um rebuliço na porta do palácio. Olho para trás e vejo uma mulher maltrapilha que desce pela escadaria, correndo. Ela perde uma sapato. E o príncipe atrás dela.

___ O príncipe?

___ Ele mesmo. E gritando para mim segurar a esfarrapada. “Segura! Segura!” Me preparo para segura-la quando ouço uma espécie de “vum” acompanhado de um clarão. Me viro e...

___ E o quê, meu Deus?

O porteiro esvazia a garrafa com um último gole.

___ Você não vai acreditar.

___ Conta!

___ A tal carruagem. A de ouro. Tinha se transformado numa abóbora.

___ Numa o quê?

___ Eu disse que você não ia acreditar.

___ Uma abóbora?

___ E os cavalos em ratos.

___ Helmuth...

___ Não tem mais aguardente?

___ Acho que você já bebeu demais por hoje.

___ Juro que não bebi nada!

___ Esse trabalho no palácio está acabando com você, Helmuth. Pede para ser transferido para o almoxarifado.

(Crônica de Luís Fernando Veríssimo)

Contos de Fadas para mulheres do século XXI

Texto I

Era uma vez uma linda moça que perguntou a um lindo rapaz:

- Você quer casar comigo?

Ele respondeu:

- NÃO!

E a moça viveu feliz para sempre, foi viajar, fez compras, conheceu muitos outros rapazes, visitou muitos lugares, foi morar na praia, comprou outro carro, mobiliou sua casa, sempre estava sorrindo e de bom humor, nunca lhe faltava nada, bebia cerveja com as amigas sempre que estava com vontade e ninguém mandava nela. O rapaz ficou barrigudo, careca, o pinto caiu, a bunda murchou, ficou sozinho e pobre, pois não se constrói nada sem uma MULHER.

TextoII

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa independente e cheia de auto-estima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã. Então, a rã pulou para o seu colo e disse:

-Linda princesa, eu já fui um príncipe muito bonito. Mas uma bruxa má lançou-me um encanto e eu transformei-me nesta rã asquerosa. Um beijo teu, no entanto, há de me transformar de novo num belo príncipe e poderemos casar e constituir um lar feliz no teu lindo castelo. A minha mãe poderia vir morar conosco e tu poderias preparar o meu jantar, lavarias as minhas roupas, criarias os nossos filhos e viveríamos felizes para sempre...

E então, naquela noite, enquanto saboreava pernas de rã à sauté, acompanhadas de um cremoso molho acebolado e de um finíssimo vinho branco, a princesa sorria e pensava:

-Nem mortaaaa!

Luís Fernando Veríssimo

João e maria –
irmãos Grimm
(versão em cordel: Sírlia
Sousa de lima)

Alô criança fique atenta
Preste atenção por favor
Vou contar essa história
De um pobre lenhador
Tinha um casal de filhos
O pobre trabalhador

Bem perto da floresta
Num distante lugar
Um casal passava fome
Sem poder se sustentar
As crianças enfraquecidas
Começavam a chorar

Ao deitar em sua cama
O pai chorava aflito
Já comendo o palito
A mulher só reclamava
Mas será o benedito?

A mulher como madrasta
Não tinha bom coração
Abandone-os na floresta
Sozinhos na imensidão
O pai disse não posso
Lá tem cobra e leão!

A mulher muito astuta

Começou a arguir
Morreremos os quatro
Deixe de se sentir
São apenas crianças
Eu não posso admitir!

A conversa dos adultos
As crianças escutaram
Teriam morte certa
Foi isso que pensaram
Porém foram espertos
Um plano eles traçaram

João vestiu um paletó
E por debaixo da porta
saiu
Uns seixos branco lá fora
Ele logo viu
Colocou-os no paletó
De mansinho escapuliu

O João pelo caminho
Foi andando devagar
Com sua irmã maria
Com tristeza no olhar
Olhando para trás
Tentando disfarçar

O pai levou a floresta
A maria e o João
Ascendeu uma fogueira
Seguiu em outra direção
Com o coração partido
Que triste situação!

O casal os deixou
Num lugar bem esquisito
Tinha muito barulho
De onça e de mosquito
Lá na mata tem de tudo
Tem macaco e periquito

As crianças dormiram
E só foram acordar
Em meio ao breu da
floresta
Que era de assustar
João disse não chores
Deus vai nos ajudar

A lua estava bonita
Lá no céu a clarear
Ajudou aos meninos
Aos seixos encontrar
Com a ajuda da lua
Cintilante a brilhar

Voltaram para casa
A madrasta ficou surpresa
Que meninos danados
Que falta de gentileza
Ela tratava os meninos
Com gestos de aspereza

O pai ficou feliz
ao ver os filhos e pensou
Graças a deus voltaram
Meu coração sossegou

A madrasta não deu
trégua
Outro plano traçou

Marido leve seus filhos
Pra mata na imensidão
Pro coração da floresta
Deixe de enrolação
Logo serão devorados
Por um tigre ou leão

a mulher deu aos
meninos
Um pedaço de pão
Colocaram no bolso
E amassaram com a mão
O pão virou migalha
Espalhada pelo chão

E então mais uma vez
Seguiu-se a maldição
Os planos maldosos
Colocaram em ação
Maria sentia medo
Palpitava o coração
O João tão corajoso
Disse: vamos vencer
O nosso Deus é bondoso
Não precisas temer
Sem imaginar que os
pássaros
Todo o pão ia comer

Maria atordoada
Começara a tremer
Disse João o seu irmão
Algo vai acontecer
E sentiram tanta fome
Que chegaram a
adormecer

Ao se passarem três dias
Que eles estavam
perdidos
Fracos e famintos
Sentindo-se esquecidos
até por animais
Eles foram perseguidos

João pediu a deus
Que viesse abençoar
de repente um pássaro

Começara a cantar
Seguindo à frente do João
E o caminho foi indicar

O pássaro lhes mostrou
Uma casa fascinante
Com o telhado de bolo
Com açúcar cintilante
Sem imaginar que por
dentro
Tinha uma bruxa
horripilante

Vamos ver que gosto tem
Disse o João
Maria assustada
Já lambendo a sua mão
João disse deus abençoe
Essa nossa refeição

João quebrou o telhado
Para ver que gosto tinha
Lá de dentro questionou
A senhora bem velinha
Quem está aí
Degustando a casinha?

Sem se preocupar
João respondeu ligeiro
É o vento leve
Que sopra no seu terreiro
Dando uma de esperto
Disse o João todo faceiro

Quando de repente
A porta se abriu
Uma velha bruxa saiu
Maria assustada
sofreu um tombo e caiu

Muita calma crianças
Não quero lhes assustar
Vocês estão famintas
Eu vou lhes alimentar
As crianças eram iscas
Para a bruxa apreciar

No primeiro dia
Tiveram bom tratamento
No dia seguinte
Não tiveram livramento

Viraram escravos da
bruxa
Foi grande o sofrimento

Com um pedaço de osso
João vivia a enganar
Aos olhos da bruxa
Que o queria engordar
Como um leitãozinho
Ela iria devorar

A bruxa chamou maria
E ao forno foi acender
Já sovei o pão
A maria foi dizer
Agora entre no forno
Que agora vai aquecer

Maria muito esperta
Disse: entre você
primeiro!
A bruxa sem saída
Abaixou-se por inteiro
Maria aproveitou
Deu-lhe um chute no
traseiro

A bruxa logo assou
Começou a feder
Por causa das maldades
Que vivia a fazer
Agora bem torrada
Não servia pra comer

Os meninos libertos
A vida já mudava
Encontraram as jóias
Que a bruxa guardava
Maria se animou
Com a alegria encarava

No baú da bruxa
Tinha jóia de brilhante
Tinha ouro e pérola
Com um brilho cintilante
E levaram para o pai
Que estava bem distante

Quando chegaram a casa
Algo tinha acontecido
Viram que seu pai
Muito tinha sofrido

Souberam que a madrasta má De fome tinha morrido	Maria beijou seu pai Pegou a sua mão Nós somos seus tesouros	Foi seguindo a sua lida Com seus filhor por perto A família reunida Se você vai ficar adeus! Eu estou de partida!
O seu pai os recebeu Com alegria no olhar Sentia remorsos Por ter que relembrar As maldades da mulher E seus filhos abandonar	A maria e o João Nós trouxemos muito ouro Acabou a aflição! Assim o lenhador	Sília lima

Chapeuzinho Vermelho noticiado pela mídia

Todos nós conhecemos a história da Chapeuzinho Vermelho, mas a história da Chapeuzinho Vermelho pode ter vários pontos de vista.

Se o William Bonner e a Fátima Bernardes, no *Jornal Nacional*, fossem falar da história da Chapeuzinho Vermelho, certamente diriam: boa noite, uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem. E a Fátima adicionaria: mas a atuação de um caçador evitou a tragédia.

O *Jornal da Band* diria: IBAMA multa lobo por transpor limites da floresta.

O *Jornal da Record*: Caçador evangélico salva a avó e menina da barriga do lobo.

O *Fantástico*: nossa equipe de reportagem conseguiu entrevistar o lobo mau. Vejam essa noite porque vovozinha e Chapeuzinho escaparam vivas.

Globo Ecologia: floresta desmatada obriga lobo a sair pela estrada afora em busca de comida.

Programa da Hebe: que gracinha gente, vocês não vão acreditar, mas essa linda menina aqui foi retirada viva da barriga de um lobo. Não é mesmo queridinha? Conta pra gente.

Cidade Alerta, o Datena: onde é que a gente vai parar. Cadê as autoridades? A menina ia para a casa da vovozinha a pé, não tem transporte público, foi devorada viva pelo lobo, o lobo safado. Põe na tela, eu falo mesmo, não tenho medo de lobo.

Revista Istoé: Lobo também estava na lista do mensalão de Brasília.

Revista Superinteressante: Lobo mau, mito ou verdade?

Folha de S.Paulo: Vermelho de Chapeuzinho prova influência do MST.

Globo Repórter: tara, fetiche, violência. O que leva alguém a comer na mesma noite uma idosa e uma adolescente.

Estadão: Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

Revista Veja: Lula sabia das intenções do lobo.

O Gato de botas

Havia um gato esperto
Ele tinha um belo porte
Alem de travesso
O gato era forte
O seu dono era muito
pobre
O gato lhe trosse sorte

Um velho moleiro
Chamou a familia inteira
Dividil tudo que tinha
nessa vida passageira
pobre nessa vida
vive sem eira nem beira

vou relatar o que tinha
sem ter arependimento
possuia um gato, um
moinho
e um útil jumento
quem ia ficar com o gato?
não ia ter rendimento

saiba que ainda é sedo
para se lamentar
saiba que em fabulas
animais podem falar?
Ligue-se nesse gato
veja o que foi aprontar

os irmãos entre si
foram se combinar
um faz a farinha
e o outro vai entregar
no lombo do jumento
nos havemos de escapar

o irmão caçula
ficou sem opção
o gato travesso
não teria função
só se fosse pra fazer

um tambor ou refeição

tenha calma meu amo
deixe de aflição
empreste-me as suas botas
ponha um saco em minhas
mãos
morto eu não sirvo
vivo eu tenho função

as coisas do destino
ninguém pode explicar
eu nasci pra lhe dar sorte
não vai se aperriar
só peço-lhe confiança
que um jeito eu vou dar

ao filho caçula
não restou opção
atendeu o gato
em sua solicitação
chapéu bota e saco
entregou em sua mão

O gato ficou feliz
Tinha o que era preciso
Agradecendo o seu dono
Expressando um sorriso
Com a astucia do gato
Seu dono fez um ar de riso

Ao chegar adiante
E no mato entrar
Encheu o saco de
cenouras
Pra poder trapacear
Um coelho desavisado
No saco ia entrar

Um coelho robusto
Cheio de curiosidade
Foi ver se as cenouras
Eram de verdade
O gato puxou a corda
Que grande crueldade

O gato muito esperto
Disse um grande passo eu
já dei
Eu vou leva-lo
De presente para o rei
Fasso uma surpresa
Ele me recebera eu sei

Majestade, meu nobre
Eu trouxe para o senhor
O Marquês de Carabás
Que é homem de valor
Mandou-lhe esse coelho
Que é graúdo e tem sabor

O rei muito encantado
Já mandou agradece
Que ele venha conhecer-
me
Eu terei muito prazer
Com tamanha gentileza
Amizade vai crescer

Capturou duas perdizes
E foi apresentar
O rei disse com sigo
Essa amizade vai durar
O gato ficou sabendo
Que com a filha
O rei ia passear.

O gato pensou com calma
E agiu com o sangue frio
Sabia que o rei e sua filha
iam
La pras bandas de um rio
Era a chance de seu amo
Demonstrar seu grande
brio.

Encontrou com o seu amo
e disse
Mestre vai ser agora
Faça o que eu disser

Haja logo sem demora
 Incorpore o Marquês
 É chagado a sua hora

Pelas margens do rio
 Vinha a carruagem real
 O rei e sua filha
 Num passeio informal
 O gato gritou socorro
 O Marquês esta mal

Encenando um teatro
 O gato ficou gritando
 Acudam por favor!
 Ele esta se afogando
 Desceram da carruagem
 Foram logo ajudando

Quando chegou mais
 perto
 O rei ao gato reconheceu
 Esse foi o portador dos
 presentes
 Que o Marquês o remeteu
 Lembrou-se das gentilezas
 E logo intercedeu

Os soldados do rei
 Iam tirar-lhe do rio
 Quando o grato gritou
 Ele esta com muito frio
 Pois roubaram-lhe as
 roupas
 Nesse ambiente sombrio.

O rei tão prestativo
 Dispôs-se a ajudar
 Mandou o soldado
 No palácio ir buscar
 A roupa da realeza
 Para o Marquês usar

Ao ver o marquês vestido
 Com tanta elegância
 A princesa apaixonou-se
 Ao ver a exuberância
 Um homem tão belo
 Com dinheiro em
 abundancia

O gato correu na frente
 E quando chegou adiante
 Viu uma plantação de
 milho
 Com um verde vibrante
 O gato aos trabalhadores
 Coagiu naquele instante

Digam que é do Marquês
 Se o rei lhes perguntar
 Porque daqui apouco
 Por aqui ira passar
 Se vocês não informarem
 Suas mãos eu vou cortar

Os homens assustados
 Atenderam o pedido
 O gato foi adiante
 Repetindo o ocorrido
 Dessa vez num lindo
 campo
 Mas que gato atrevido

Digam que as terras
 pertencem
 Ao mestre a quem sou fiel
 Se fizerem isso
 os livro do ogro cruel
 Porém não me aborçam
 Sou amargo como o fel

As terras pertenciam
 Ao ogro na realidade
 O gato foi ao castelo

Num ato de insanidade
 Usou a inteligência
 Não tinha temeridade

Senhor ogro bom dia!
 Eu vim lhe visitar
 Me informaram que o
 senhor
 Consegue se transformar
 Em qualquer criatura
 E eu vim para confirmar

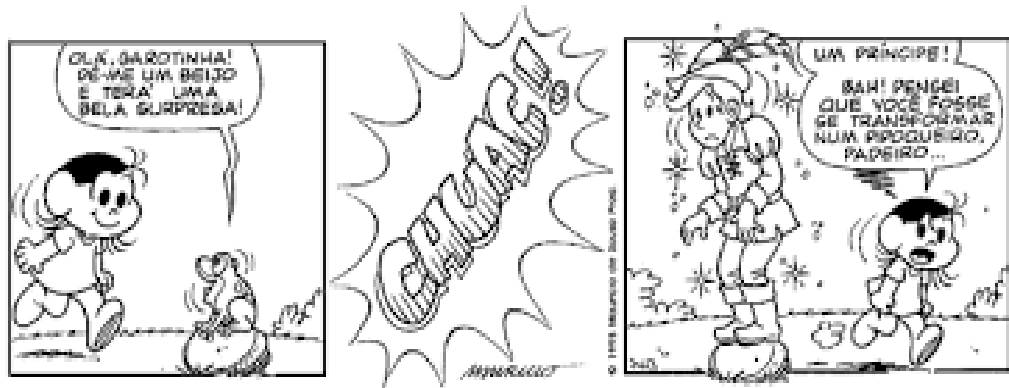
O Ogro logo rugio
 Transformou-se num leão
 Vou fazer um desafio
 Mas tenho a convicção
 Que o senhor não
 consegue
 Transforma-se nu ratão

Não duvide de mim
 Eu vou lhe mostrar
 E o ogro em um rato
 Foi logo se transformar
 O gato o engoliu inteiro
 Acabou de o devorar

Foi então que no castelo
 O rei logo adentrou
 Ele pertence ao Marquês
 O gato lhe informou
 O Marquês de Carabás
 De emoção quase chorou

O Marquês e a princesa
 Aproveitaram o momento
 A união dos dois
 Acabou em casamento
 Todos foram felizes
 Eu faço agradecimento.

Sírlia Lima



Copyright ©1999 Mauricio de Souza Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Anexo D: livros disponibilizados para leitura dos alunos.

